

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ANA CLARA PARTELLI MARCHETE

**MAIS NOTÍCIAS SOBRE O ATENTADO À *CHARLIE HEBDO*:
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS RELIGIOSOS ISLÂMICOS NA
*FOLHA DE S. PAULO***

VITÓRIA
2020

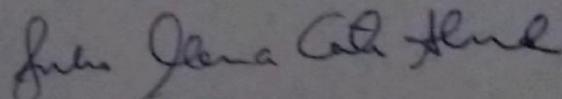
Ana Clara Partelli Marchete

**"MAIS NOTÍCIAS SOBRE O ATENTADO À CHARLIE HEBDO: A
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS RELIGIOSOS ISLÂMICOS NA
FOLHA DE S. PAULO"**

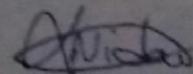
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 06 de março de 2020.

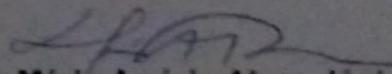
Comissão Examinadora:



Profª Drª Júlia Maria Costa de Almeida (UFES)
Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora



Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon (UFES)
Examinador Interno



Prof. Dr. Mário Acrísio Alves Júnior (UFES)
Examinador Externo

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

M317 Marchete, Ana Clara Partelli, 1994-
m Mais notícias sobre o atentado à Charlie Hebdo : a
representação social dos religiosos islâmicos na Folha de S. Paulo /
Ana Clara Partelli Marchete. - 2020.
115 f. : il.

Orientadora: Júlia Maria Costa de Almeida.
Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Análise Crítica do Discurso. I. Costa de Almeida, Júlia
Maria. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de
Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

Oração a Santa Bárbara

Santa Bárbara, que sois mais forte que as torres das fortalezas e a violência dos furacões, fazei que os raios não me atinjam, os trovões não me assustem e o troar dos canhões não me abalem a coragem e a bravura. Ficai sempre ao meu lado para que possa enfrentar de frente erguida e rosto sereno todas as tempestades e batalhas de minha vida, para que, vencedor de todas as lutas, com a consciência do dever cumprido, possa agradecer a vós, minha protetora, e render graças a Deus, criador do céu, da terra e da natureza: este Deus que tem poder de dominar o furor das tempestades e abrandar a crueldade das guerras. Santa Bárbara, rogai por nós.

Agradecimentos

Agradeço a meu Deus, por ser o meu melhor amigo e fiel escudeiro, estando comigo nos momentos em que tudo parece incerto e duvidoso. Por Ele ser a minha companhia quando as coisas ficam difíceis e eu não tenho com quem compartilhar minhas angústias.

Ao meu pai, por ser a minha referência de um ser humano honesto e íntegro, que sempre pôs a família em primeiro lugar. A minha mãe, Lucinéa, que sempre guiou e iluminou os meus passos. A minha madrastra, Mariane, por nunca ter me deixado desistir.

A minha orientadora, Júlia Almeida, por ter apontado as minhas falhas para que eu fizesse um bom trabalho.

Aos professores Luciano Vidon e Junia Zaidan pelas contribuições feitas no colóquio e na banca de qualificação, e ao professor Mário, pelas sugestões dadas quando esta pesquisa ainda estava na fase de pré-projeto.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL-UFES), pela transmissão de conhecimento e por me fazer entender que o bem mais precioso que o ser humano pode ter é o conhecimento. À professora Janayna Casotti, por ter me acolhido e me supervisionado de modo gentil durante o estágio de docência, bem como os alunos das turmas em que atuei.

Aos meus amigos do mestrado, por compartilharem das dificuldades que perpassam a realização de uma pesquisa científica. À Lídia Neves-Hora, minha companheira de pesquisa, por ter me ajudado a entender um pouco sobre o mundo jornalístico.

À *Folha de S. Paulo*, por ter autorizado o uso de seus documentos.

À CAPES, pelo fomento integral recebido.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo: A partir da Teoria Sociocognitiva do Discurso (VAN DIJK, 1998; 2003; 2005; 2012; 2015; 2016), uma vertente da Análise Crítica do Discurso, em consonância com a categoria de representação social, proposta por Theo van Leeuwen (2008), e dos Estudos Culturais (SAID, 1990; 2011), foram analisados gêneros coletados na *Folha de S. Paulo* sobre o atentado à *Charlie Hebdo*, depreendendo representações sociais constituídas, na mídia brasileira, do grupo religioso islâmico. O *corpus* é composto por 15 notícias, 02 perfis, 01 reportagem, 01 artigo de opinião, 01 gênero híbrido, 02 entrevistas, 01 depoimento e 01 manchete e chamada de primeira página, totalizando um total de 24 textos de diferentes gêneros publicados entre os meses de janeiro a março de 2015, que suscitam as relações polarizadas entre Orientais e Ocidentais e debates e posicionamentos sobre o atentado e a polêmica. Baseado em uma sistematização das categorias, tanto as da tríade *cognição-sociedade-discurso* quanto as da representação social, serão analisadas as estruturas do discurso jornalístico, verificando se ocorre a polarização entre Ocidentais e Orientais no discurso e se há abuso de poder.

Palavras Chaves: Análise Crítica do Discurso. Representação Social. Islâmicos. Polêmica. *Folha de S. Paulo*.

Abstract: Based on the Sociocognitive Discourse Theory (VAN DIJK, 1998; 2003; 2005; 2012; 2015; 2016), one theory derived of Discourse Critical Analysis, and according to the category of social representation, proposed by Theo van Leeuwen (2008), and the cultural studies (SAID, 1990; 2011), it was analyzed discursively *Folha de S. Paulo* genres about the attack to *Charlie Hebdo*, aiming to understand the social representations constituted, at the Brazilian media, about the islamic religious group performed. The *corpus* has 15 news, 02 profiles, 01 report, 01 article, 01 hybrid genre, 02 interviews, 01 depoiment, and 01 headline, totalizing 24 texts of different genres, published in the months of January to March of 2015, and it raises the polarized relations between Western and Eastern and debates and positioning about the attack and the controversial. According to the systematization of categories to the triad *cognition-society-discourse* and of social representation, the structures of journalistic discourse will be analyzed, intending if the polarization between Western and Eastern takes place and if there is power abuse.

Key-words: Discourse Critical Analysis. Social Representation. Islamics. Controversial. *Folha de S. Paulo*.

Lista de figuras

Figura 1 - Charges que motivaram o ataque	14
Figura 2: A tríade da Análise Cognitiva do Discurso	21
Figura 3 - Página inicial do caderno Mundo (08/01/2015)	55
Figura 4 - FSP, 08/01/2015	60
Figura 5 - FSP, 10/01/2015	61
Figura 6 - FSP, 08/01/2015	62
Figura 7 - FSP, 08/01/2015	75
Figura 8 - FSP, 17/01/2015	76
Figura 9 - FSP, 08/01/2015	76
Figura 10 - FSP, 08/01/2015	78
Figura 11 - FSP, 17/01/2015	79
Figura 12 - FSP, 08/01/2015	80
Figura 13 - FSP, 08/01/2015	80
Figura 14 - FSP, 10/01/2015	81
Figura 15 - FSP, 08/01/2015	84

Lista de tabelas

Tabela 1 – Categorias de representação social por Van Leeuwen (2008).....	35
Tabela 2 - Gêneros publicados no dia 08 de janeiro de 2015.....	47
Tabela 3 - Gêneros publicados no dia 10 de janeiro de 2015.....	49
Tabela 4 - Gêneros publicados no dia 17 de janeiro de 2015.....	50
Tabela 5 - Gêneros publicados no dia 23 de março de 2015.....	50
Tabela 6 - Gêneros analisados na representação dos terroristas.....	52
Tabela 7 - Gêneros analisados na representação do Islã e dos muçulmanos.....	63
Tabela 8 - Gêneros analisados na representação das vítimas.....	71
Tabela 9 - Gêneros analisados na representação da revista	82

Lista de siglas

ACD – Análise Crítica do Discurso

ECD - Estudos Críticos do Discurso

FSP - *Folha de S. Paulo*

MCM – Meios de Comunicação de Massa

MGR – Manual Geral da Redação

RS – Representação Social

Sumário

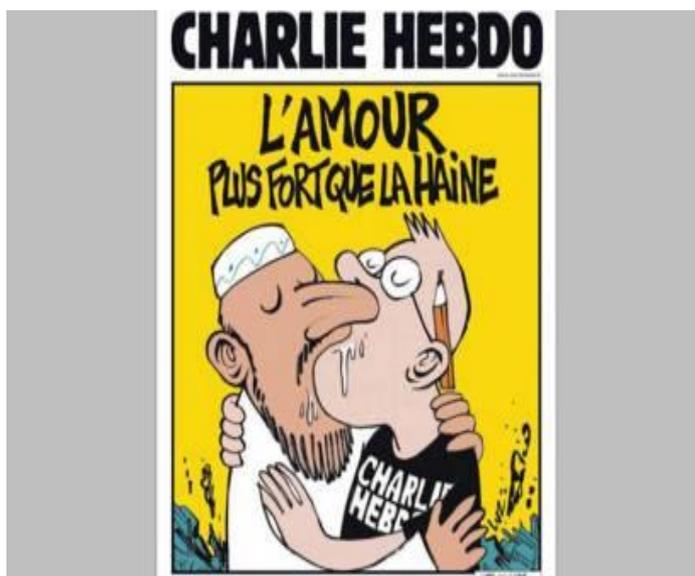
Capítulo 01: Introdução.....	13
Capítulo 02: A Teoria Sociocognitiva do Discurso de Teun A. van Dijk. ...	18
2.1 Discurso e controle de poder na sociedade	21
2.1.1 Controle do contexto discursivo	22
2.1.2 Controle da mente.....	23
2.1.2.1 Conhecimento.....	25
2.1.2.2 Atitudes, valores, opiniões e normas.....	26
2.1.2.3 Ideologia	27
2.2 A noção de modelos mentais e modelos de contexto	30
2.3 A representação dos atores sociais nos Estudos Críticos do Discurso	33
Capítulo 03: As principais representações do Oriente pelo Ocidente	37
3.1 Representações literárias do Oriente e do Islã	37
3.2 Cultura e imperialismo	42
3.3 Terrorismo e mídia	43
Capítulo 04: Análise do <i>corpus</i>	47
4.1 As representações sociais dos grupos identificados como exogrupo (orientais)	51
4.1.1 A representação dos terroristas	51
4.1.2 A representação do Islã e dos muçulmanos	63
4.2 A representação do endogrupo (ocidentais)	71
4.2.1 A representação das vítimas: jornalistas, cartunistas e policial.....	71
4.2.2 A representação da <i>Charlie Hebdo</i>	81
5. Conclusão	88
6. Referências	92

ANEXOS	98
Anexo 01: material coletado do dia 08 de janeiro de 2015	99
Anexo 02: Material coletado do dia 10 de janeiro de 2015	105
Anexo 03: material coletado do dia 17 de janeiro de 2015	110
Anexo 04: material coletado do dia 23 de março de 2015	113

Capítulo 01: Introdução

No dia 07 de janeiro de 2015, mais um atentado terrorista assustou o mundo. Desta vez, fora a revista *Charlie Hebdo*¹ o alvo do ataque. De acordo com o site G1², às 11h30min da manhã (horário de Paris), dois homens fortemente armados invadiram seu escritório, deixando 12 mortos.

Segundo o jornal *Folha de S. Paulo* e outras agências, a revista já sofrera uma série de ameaças e ataques por publicar caricaturas satirizando Maomé. Inclusive, em 2006, após a reprodução de charges do profeta islâmico, a polícia precisou ser mobilizada para proteger o escritório da revista francesa. Em 2011, sofrera um atentado em seu escritório, devido à publicação de uma charge que representava ironicamente Maomé dizendo: “100 chicotadas se você não morrer de rir”, além de nomear Maomé como “editor-chefe”. Em 2015, outras charges polêmicas foram publicadas e teriam provocado a reação dos grupos radicais islâmicos. Eis duas das charges:



¹Apesar de a *Charlie Hebdo* se apresentar como um jornal satírico e a *Folha de S. Paulo* se referir a ela como um jornal, optou-se, nesta dissertação, por tratá-la como revista devido à sua periodicidade semanal, assim como pela abordagem dos fatos via humor. Informação retirada de: <<http://www.jornalista.com.br/jornais-e-revistas.html>>. Acesso em 13 de junho de 2019 às 14h38min.

² Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>>. Acesso em 02/09/2019 às 17h54min.

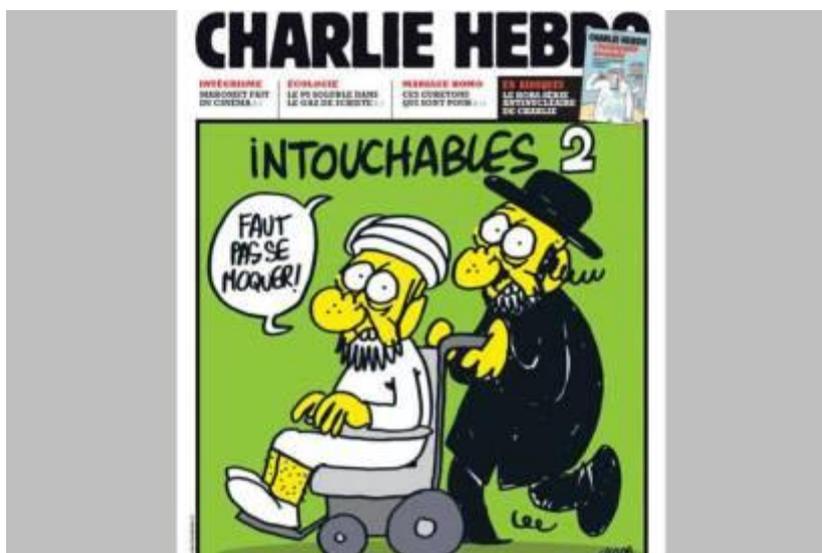


Figura 1 – Algumas das charges que motivaram o ataque

A revista surgiu em outubro de 1960 com o nome de *Hara-Kiri*, de edição mensal e de perfil satírico, mas foi em 1970 que se tornou *Charlie Hebdo*, passando a ter edição semanal. Sua primeira capa com o atual nome foi referência ao falecimento do general Charles de Gaulle.

O atentado de janeiro de 2015 é capaz de suscitar uma série de questionamentos que podem ser estudados nos mais diversos campos teóricos. Na área da Linguística, na qual esta pesquisa é filiada, um dos questionamentos é saber como o grupo religioso islâmico é retratado em reportagens jornalísticas sobre tal acontecimento. Para tanto, utilizar-se-á a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), com base nos estudos de Teun A. van Dijk (1998; 2003; 2005; 2006; 2012; 2015; 2016), uma vertente dos estudos discursivos cujo objetivo é entender a função do discurso dentro da dinâmica social. A escolha por esta perspectiva teórico-metodológica parte do princípio de que a ACD permite compreender como as estruturas do poder social são reproduzidas e favorecem os grupos que detém maior poder simbólico.

Por isso, o discurso não pode ser entendido como um objeto verbal autônomo, mas como uma prática social ou um tipo de comunicação numa situação social, histórica ou política (VAN DIJK, 2015,) que, ao mesmo tempo em que constitui e constrói fenômenos sociais, é, simultaneamente, constituído e construído por tais fenômenos.

Nessa perspectiva, o discurso produz, reproduz ou faz circular ideologias, noção privilegiada nos estudos discursivos de van Dijk (1998), conceituada pelo autor como estrutura básica que tem por intenção organizar as representações sociais nas mentes dos membros de um determinado grupo social a fim de atender objetivos sociais e políticos.

Ao focar o atentado à revista *Charlie Hebdo* a partir da ACD, pretende-se adotar a noção de representação social, daqui para frente RS, como chave de leitura, conceito oriundo da Sociologia/Psicologia Social e remetido a uma memória cristalizada na linguagem, formando um conjunto ideologicamente naturalizado e de grande influência (MOSCOVICI, 2004). Além de estudá-la em seu campo de origem, é imperativo lembrar que a noção de representação social de atores teve desdobramentos importantes na ACD, especialmente nos estudos de Theo van Leeuwen (2008), com o qual pretendemos também dialogar no desenvolvimento deste trabalho.

Ainda no campo dos estudos da linguagem, as RS se tornam importantes porque elas “são formas de conhecimento que circulam na sociedade” e “se retro-alimentam mutuamente e se apresentam como recursos sociais para que uma comunidade possa dar sentido à sua realidade e conhecer o que está acontecendo” (GUARESCHI, 1996, p.19-20). Posto isso, Falcone (2012, p. 271) afirma que o discurso é construído não apenas pelas estratégias individuais que os atores utilizam, mas também por representações sociais. Nesse sentido, ao analisar como um grupo estigmatizado na sociedade ocidental é representado, podemos identificar se o uso de determinada representação legítima ou não práticas abusivas de poder.

Com isso, entende-se que a linguagem não deve ser encarada como um sistema a parte, uma ferramenta que utilizamos para realizar uma atividade e depois deixamos de lado. Mas como parte da ação em que identidades são construídas e as relações sociais negociadas. Nesse sentido, o discurso é entendido como uma prática social porque nos possibilita, enquanto membros de grupo(s) social(is), ressignificar e reconstruir a realidade.

Sabendo que os islâmicos tiveram uma maior representação negativa no Ocidente a partir do atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, é importante que haja estudos que indaguem como o discurso jornalístico constrói e reproduz representações deste grupo social.

A partir do quadrado da polarização ideológica (VAN DIJK, 2015, p. 137), que será explicado no decorrer do trabalho, inicialmente levantou-se a hipótese de que as referências aos religiosos islâmicos e sua cultura, no discurso midiático, seriam diretamente associadas aos terroristas porque a cobertura jornalística do mundo ocidental se limita, muitas vezes, a exagerar e problematizar situações estereotipadas.

Entretanto, com a leitura de *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente* (SAID, 1990) e do *corpus* selecionado, uma nova forma de pensar sobre a hipótese foi desenhada, observando que não há uma associação direta entre os grupos dos terroristas e dos praticantes do Islamismo, mas outras estratégias discursivas que favorecem uma representação negativa dos muçulmanos.

Por isso, pretende-se analisar criticamente como o jornal brasileiro *Folha de S. Paulo* construiu seu discurso em relação ao atentado contra a revista *Charlie Hebdo*, perpetrado por um grupo de radicais islâmicos, buscando compreender como tal discurso apresenta estratégias e modelos mentais sobre os religiosos islâmicos.

Quanto à seleção do *corpus* da pesquisa, esta se baseou no procedimento documental, coletando matérias nos três meses que se seguiram ao atentado, janeiro a março de 2015, no acervo online da FSP. Os critérios adotados para a coleta são o período temporal já apresentado e, além disso, os textos devem abordar tanto sobre atentado em si quanto aos desdobramentos ocorridos a partir do fato, especialmente a polêmica sobre liberdade de expressão e a luta antiterror.

No que diz respeito à fundamentação teórica, os textos selecionados serão analisados a partir da Teoria Sociocognitiva do Discurso, uma vertente da ACD proposta por Teun van Dijk (1998; 2003; 2005; 2012; 2015; 2016) e pelas categorias de representação social (VAN LEEUWEN, 2008; MOSCOVICI, 2004). No que tange à abordagem, esta pesquisa se centrará na abordagem qualitativa (DENZIM; LINCOLN, 2006) visto que ela tem como objetivo interpretar significados dentro de uma realidade construída socialmente a partir de documentos escritos e midiáticos.

Além desta introdução, esta dissertação está organizada da seguinte maneira: nos capítulos dois e três, enfocamos a fundamentação teórica com base na Análise Crítica do Discurso e os estudos de Edward Said sobre as relações de dominação entre Ocidente e Oriente. Além disso, também problematizamos como a

mídia deve ter cuidado ao cobrir ataques terroristas a fim de não estigmatizar os muçulmanos, possibilitando-os a serem generalizados a partir das ações de um seguimento mais radical e de propagar os valores terroristas.

No capítulo quatro, apresentamos a análise dos discursos dos grupos envolvidos no ataque, para que possamos fazer um paralelo e entender como ocorre a representação dos praticantes do Islamismo no jornal *Folha de S. Paulo*. E para finalizar, no capítulo 05 apresentamos as conclusões depreendidas da pesquisa realizada.

Capítulo 02: A Teoria Sociocognitiva do Discurso de Teun A. van Dijk

Neste capítulo serão apresentados conceitos relevantes da Análise Crítica do Discurso, priorizando a Teoria Sociocognitiva do Discurso, proposta por Teun A. van Dijk (1998; 2003; 2005; 2012; 2015; 2016).

De acordo com Wodak (2004), a Análise Crítica do Discurso é uma abordagem da Linguística Crítica³ que tem por objetivo estudar a relação entre linguagem e poder. Por isso, essas pesquisas são voltadas para os discursos institucional, político, de gênero social e da mídia (no sentido mais amplo), que materializam relações de luta e conflito (WODAK, 2004, p.224). Desse modo, infere-se que os analistas críticos do discurso assumem um compromisso político e engajado entre as relações de dominação que ocorrem na sociedade e o posicionamento do pesquisador, levando em consideração a perspectiva do grupo estigmatizado.

Segundo Habermas (apud WODAK, 2004, p.225) a linguagem também é um meio de dominação e força social que serve para legitimar relações de poder. Sendo assim, o objetivo da ACD é estudar criticamente como o poder se manifesta na e pela linguagem, configurando-se como abuso de poder, e levando, conseqüentemente, à desigualdade social. Devido a isso, van Dijk (2015, p.116) afirma que o vocabulário de muitos analistas críticos do discurso apresenta os conceitos de “poder”, “hegemonia”, “ideologia”, “dominação”, “estrutura social”, “desigualdade social”, “instituições sociais”, dentre outros.

Por ser uma área transdisciplinar, van Dijk (2015, p.10) propõe uma mudança para o uso do termo *Estudos Críticos do Discurso*, doravante ECD, pois esta área não se constitui num método de análise. Ao contrário, pode-se recorrer à diversas teorias que servem aos estudos de discurso.

Em *Ideology: a multidisciplinary approach* (1998), van Dijk explica detalhadamente a tríade cognição-discurso-sociedade, que caracteriza a Teoria

³ Segundo Apt (2010, p.51-52) a Linguística Crítica, daqui para frente LC, é uma filosofia de abordagem da linguagem cuja preocupação é teorizar a linguagem como uma prática social, buscando mostrar como as relações sociais e os grupos influenciam o comportamento linguístico dos indivíduos e também a cognição. Além disso, o autor salienta que a LC contribuiu no que tange à interdisciplinaridade, isto é, ela toma para si ideias e conceitos relacionados à linguagem de diversas áreas.

Sociocognitiva dos ECD, reforçando que as relações de poder se manifestam no e pelo discurso porque é através da linguagem que as ideologias são expressas e reproduzidas na sociedade.

Segundo este autor (1998), a Teoria Sociocognitiva dos ECD almeja compreender como uma estrutura ideológica se transforma na naturalização e aceitação de uma relação abusiva de poder e legitimadora de determinadas práticas sócio-discursivas, o que é denominado por Gramsci de “hegemonia” (GRAMSCI, 1971).

Na tríade proposta por van Dijk, a cognição ocupa o ponto mais alto porque é por meio dela que os atores sociais conseguem descrever como acontece a hegemonia do poder e, conseqüentemente, o abuso. Segundo o autor (1998, p.8), este acontece devido a um gerenciamento indireto da mente em que se constrói um consenso sobre a estrutura social. Portanto, é pela cognição que a relação entre discurso e sociedade se estabelece.

Ainda dentro da interface cognitiva, van Dijk (1998) explica que essa dimensão é caracterizada pelas ideologias, definida por ele como a base da representação social compartilhada pelos membros de um grupo. E é a partir desse sistema de crenças, inicialmente processadas cognitivamente no nível individual, que os indivíduos, enquanto membros de grupos sociais, vão construir modelos mentais acerca de outros indivíduos/grupos.

Sendo assim, a estrutura cognitiva tem uma dimensão pessoal em que os eventos são processados e armazenados a partir do que presenciamos, participamos, lemos ou escutamos, e uma parte social, que se constitui em ideologia a partir do momento em que é disseminada dentro de um grupo social.

Voltando à tríade, as dimensões discurso-sociedade se interligam porque os sistemas mentais, como o conhecimento e as crenças, são adquiridos e repassados discursivamente na arena social. Assim, Falcone (2012, p.273) explica a relação entre os elementos discurso – cognição – sociedade da seguinte maneira:

Conversar, escrever ou ler textos, participar de um debate, assistir a conferências e aulas ou escutar uma música: são práticas discursivamente realizadas, que resultam de processos constantes de compreensão, interpretação, inferências, atribuições de sentidos e de valores, ou seja, das nossas ‘performances cognitivas’. Assim é que discurso↔cognição↔interação estão em relação constitutiva, ressaltando-se que a cognição tem a propriedade de operar na interface entre o que construímos socialmente e o que praticamos individualmente, ou seja, nossa fala ou escrita, assim como em outras práticas sociais.

Por meio disso, entende-se porque é tão importante entender o contexto, que é construído, cognitivamente, e é atualizado de modo constante a partir do que é posto na interação. Dessa maneira, a relação entre discurso e sociedade é mutuamente alimentada e controlada pela dimensão cognitiva.

Na relação linguagem-poder, a função do discurso é produzir, reproduzir, criar e modificar ideologias associadas às lutas sociais de poder. Segundo van Dijk (1998, p.6, tradução minha)⁴

O uso da linguagem, textos, falas e comunicação são necessários e utilizados por membros do grupo para aprender, adquirir, mudar, confirmar, articular, assim como persuasivamente expressar ideologias para outros membros do indogrupo, inculcá-las nos novatos, defendê-las contra os membros do exogrupo ou propagá-las entre aqueles que não têm filiação. Em suma, se nós queremos conhecer como as ideologias se mantêm vivas, como elas trabalham e como elas são criadas, modificadas e reproduzidas, nós precisamos focar nas manifestações discursivas delas.

Nesse sentido, Apt (2010) salienta que as ideologias influenciam, orientam ou controlam o discurso e a prática social, mas como elas não são os únicos sistemas mentais que atuam neste sentido, também não são, portanto, as únicas responsáveis por determinar a produção e a compreensão discursivas. Ou seja, as crenças, o conhecimento compartilhado socialmente, as normas e os valores também interferem no discurso produzido e em como ele é compreendido pelos atores sociais. Além disso, outros códigos semióticos também permitem aos integrantes de um grupo social expressar ou formular ideologias.

Assim, entende-se o discurso como um evento comunicativo específico, seja na forma oral ou escrita do uso da língua (VAN DIJK, 2015, p.135). Nesse sentido, o papel do discurso, em sua relação com os outros elementos da tríade, é justamente formular ideologias, transmiti-las, reproduzi-las aos indivíduos, dentre outras funções.

Quanto à sociedade, esta interface implica que as ideologias são expressas e/ou formuladas dentro da arena social. Isto é, a sociedade é o local onde as ideologias legitimam o poder e a dominância, além de simbolizar conflitos e lutas pelo poder.

⁴ No original: "Language use, text, talk and communication [...] are needed and used by group members to learn, acquire, change, confirm, articulate, as well as persuasively convey ideologies to other ingroup members, to inculcate them in novices, defend them against [...] outgroup members or to propagate them among those who are (as yet) the infidels. In sum, if we want to know what ideologies actually look like, how they work, and how they are created, changed and reproduced, we need to look closely at their discursive manifestations".

Resumidamente, esta tríade determina que as dimensões mentais são expressas no e pelo discurso e que este, por sua vez, legitima relações sociais e de poder, além de representações sociais que estão materializadas na dimensão social. Eis a tríade⁵:



Figura 2: A tríade da Análise Cognitiva do Discurso (FALCONE, 2012, P. 272).

2.1 Discurso e controle de poder na sociedade

Para a Teoria da Sociocognição, a dominação exercida pelas chamadas elites simbólicas - grupos sociais que detém o poder e recursos simbólicos, como o conhecimento, a fama e a beleza –, envolve a noção de poder, especificamente a noção de poder social.

Van Dijk (2015, p.17) define poder social como controle de um grupo sobre outro(s) grupo(s) e seu(s) membros(s). No que tange às questões discursivas, o controle é exercido pelos grupos dominantes, na sociedade, discursivamente através do contexto e do próprio discurso, visando o controle cognitivo, uma vez que esta dimensão é a responsável por compreender as relações de poder como naturais e legítimas.

Antes de explicar cada uma dessas formas de controles, é preciso salientar a noção de acesso, em que os grupos dominantes são definidos como mais ou menos poderosos a partir do acesso que eles têm a um maior número de discursos públicos ou aos mais influentes. Segundo o autor (2015, p.90), as possibilidades de acesso são indicadores confiáveis do poder de grupos sociais e seus membros.

O acesso discursivo pode ser explorado em termos de contexto da situação comunicativa, isto é, das propriedades relevantes para produzir ou compreender um

⁵ Cada item apresentado na dimensão cognitiva será explicado no decorrer do trabalho.

discurso, e também quanto às estruturas do discurso, que influenciam nas representações mentais, em seu nível global, ou macro, e no seu nível local, ou micro.

Van Dijk (2015, p.116) explica que o nível global refere-se ao discurso enquanto perpetuador da relação de poder e dominância na sociedade nas instâncias de produção do discurso, enquanto o nível local diz respeito ao uso da língua em uma situação comunicativa específica.

2.1.1 Controle do contexto discursivo

Dentro da vertente teórica enfocada, o controle social dá-se pelas instâncias de produção do discurso e pelas estruturas discursivas. Nesse caso, as perguntas que se destacam para mostrar quem tem mais poder são: quem pode falar ou escrever alguma coisa para alguém? O que pode ser dito ou falado em uma determinada situação? E quem tem acesso às mais variadas formas de falar e escrever, assim como aos mais variados gêneros? Assim, quanto mais poderosa uma pessoa ou um grupo social, maior o seu acesso aos mais variados discursos.

Em relação aos gêneros jornalísticos, van Dijk vem apontando estratégias e estruturas que buscam enfatizar as características negativas das minorias e grupos estigmatizados e as características positivas do(s) grupo(s) dominante(s), como propõe o quadrado da polarização ideológica (VAN DIJK, 2005, p.734). Baseando-se neste quadrado, os atores sociais, enquanto membros de um grupo, analisam outros atores, baseados em seus modelos mentais, por meio de uma relação do tipo “está do nosso lado ou não está do nosso lado”. Dessa forma, numa relação polarizada, um “nós” se apresenta como positivo e um “eles” como negativo.

Esse quadrado refere às estratégias discursivas gerais de autoapresentação positiva e outroapresentação negativa, ou seja, há uma ênfase nas nossas boas qualidades e nas más qualidades deles e uma não ênfase nas boas qualidades deles e nas más qualidades nossas.

Van Dijk (2003, p. 57-58) apresentou este quadrado da seguinte form

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Por ênfase em nossos aspectos positivos.• Pôr ênfase em seus aspectos negativos.• Tirar ênfase de nossos aspectos negativos.• Tirar ênfase de seus aspectos positivos. |
|---|

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir das leituras feitas do material teórico.

A partir disso, podemos inferir que a mídia não relata os acontecimentos de forma imparcial. Ao contrário, ela relata aquilo que está sendo coberto a partir das opiniões das elites simbólicas. Por isso, dentro desse enquadre, a mídia e as elites simbólicas, também chamadas de endogrupo – o “nós” do quadrado –, serão aqueles que dificilmente serão representados negativamente, enquanto os grupos estigmatizados e as minorias (exogrupo) facilmente serão abordados desta maneira.

A estrutura contextual é, por isso, rica por abrigar crenças e ideologias dominantes acerca das relações entre grupos sociais, permitindo representações que podem ser modelos mentais imbuídos de crenças pessoais, mas também de crenças, ideologias e representações sociais dominantes. Assim, no que tange aos gêneros midiáticos, o *como é dito* é variável por uma questão contextual, mesmo que os modelos mentais subjacentes dos jornalistas, especialmente os da mesma instituição, possam ser parecidos. E tais variações são perceptíveis tanto no estilo (*layout*, diagramação, etc.) quanto nas estruturas discursivas (léxico, sintaxe, mecanismos retóricos, etc.).

2.1.2 Controle da mente

Um conceito caro para a Teoria da Sociocognição (1998; 2003; 2005; 2012; 2015; 2016) é o da manipulação, que van Dijk (2015, p.234) define como uma prática comunicativa e interacional em que o manipulador exerce um controle sobre as outras pessoas. No entanto, diferentemente das práticas persuasivas, na manipulação às vítimas são dadas um papel passivo.

Por ser fruto do uso ilegítimo do poder, o que interessa, neste caso, é mostrar como ocorre a manipulação na dimensão cognitiva, já que esta é a área que legitima e naturaliza as práticas abusivas do poder na sociedade a partir do discurso.

Nesta perspectiva teórica, é válido afirmar que “os usuários da língua [...] possuem uma cognição tanto pessoal quanto social” (VAN DIJK, 2015, p.117) e que tais tipos de cognição governam as atitudes das pessoas, enquanto membros de um grupo, assim como as atitudes do grupo como um todo. Desse modo, manipular mentes tem como finalidade manipular indivíduos e grupos sociais.

A fim de compreender como este processo ocorre, é imprescindível saber que os processos cognitivos são definidos a partir de uma estrutura mental chamada *memória*. Nos estudos sociocognitivos, há dois tipos de memória: a MCP (memória de curto prazo) e a MLP (memória de longo prazo). Enquanto a primeira é responsável pelo processamento de informações, a MLP tem como função armazenar as informações. Ainda dentro da MLP, é feita a distinção entre a memória semântica e a memória episódica.

Segundo van Dijk (2015, p.202), a memória semântica armazena as informações gerais e socialmente compartilhadas, enquanto a memória episódica é responsável pelo armazenamento das experiências pessoais resultantes do processamento em MCP.

Diante de tais informações, o processo de manipulação cognitiva ocorre em dois níveis: primeiro, na compreensão do discurso baseada na MCP e, segundo, na manipulação focada na MLP. Em relação à manipulação da MCP, podemos citar como exemplos estratégias em reportagens jornalísticas que fazem uso de propriedades discursivas, como destacar um termo da manchete em negrito; a posição e/ou a escolha de imagens que contribuam para a organização de tópicos discursivos e, conseqüentemente, das estruturas locais, etc..

Esse processo ocorre de modo on-line e é uma maneira que as elites simbólicas usam para impedir a proliferação de informações que não são do interesse deles, assim como facilitar a divulgação daquelas que estão em consonância com seus objetivos.

Apesar de essa estratégia ter sua eficiência, a maior parte da manipulação foca na MLP por almejar resultados estáveis. Neste caso, a manipulação visa atingir tanto a cognição pessoal, representada pelos modelos mentais, quanto à cognição social, ou seja, as crenças, atitudes e ideologias. Nesta linha de raciocínio, infere-se que a manipulação age a partir das crenças compartilhadas socialmente – cognição social - para alcançar a cognição pessoal, pois é a partir da interpretação individual de um evento comunicativo que os modelos mentais são construídos.

Por serem, então, únicos e subjetivos, os modelos mentais não são o foco da manipulação que ocorre na MLP, mas sim as crenças gerais, como o conhecimento, pois nas palavras de van Dijk (2015, p.246) “influenciar atitudes implica influenciar grupos inteiros e em muitas ocasiões”. Em outras palavras, segundo o mesmo autor (2015, p.247), o objetivo da manipulação é o controle do conhecimento, das atitudes

e das ideologias, pois é desde o controle das dimensões mentais que o endogrupo controla o que as pessoas falam/escrevem sobre “eles” – o exogrupo; ou o que é conhecido sobre este grupo.

2.1.2.1 Conhecimento

Van Dijk (2016, p.13) explica que um dos parâmetros mais importantes dos modelos mentais e dos modelos de contexto é o conhecimento que os usuários da língua precisam ter a respeito daquilo que os destinatários já sabem. Por isso, os falantes podem pressupor qual informação ou conhecimento os receptores já possuem.

Em *Discurso e poder* (2015, p.214), van Dijk traz em sua fundamentação teórica o conceito de dois tipos distintos de conhecimento: o conhecimento compartilhado por um grupo específico e o conhecimento cultural geral compartilhado entre diferentes grupos. Segundo o autor, este consiste em crenças baseadas em um critério de verdade estabelecido socialmente, formando a chamada *base comum*. Ao utilizar a metáfora do *iceberg* (VAN DIJK, 1998, p.31), ele explica que o topo é o discurso e a parte mergulhada na água seria este tipo de conhecimento, por ser algo já estruturado na sociedade.

Por outro lado, “há crenças factuais que são apenas aceitas [...] por grupos sociais específicos, tais como cientistas, *experts*, profissionais, membros de religião específicas, membros de um partido, ou qualquer outro tipo de grupo” (VAN DIJK, 2015, p.215). Nesse caso, tais crenças também são consideradas conhecimento, mas apenas dentro do grupo.

Segundo o autor (2016, p.13), a função comunicativa é a base para a transmissão e aquisição de novos conhecimentos e para relacioná-los com conhecimentos anteriores. Sendo assim, todas as estruturas da língua estão ancoradas em recursos de conhecimento pragmático, denominado *mecanismo K*, que “acessa diferentes fontes de conhecimento, garantindo que todos os aspectos do discurso em andamento estejam *epistemicamente adequados* à situação comunicativa atual” (VAN DIJK, 2016, p.13).

Em palavras mais simples, este mecanismo é o responsável pela adaptação dos modelos mentais e dos modelos de contexto do jornalista que vai escrever uma reportagem, para pressupor o que pode ser dito de relevante e integrar àquilo que os receptores já conhecem, como explica van Dijk (2012, p.150) na citação a seguir:

O 'conhecimento do evento' que será objeto da reportagem também é um modelo mental da memória episódica, construído com a informação de um ou mais textos-fonte, juntamente com conhecimentos socioculturais políticos mais gerais, a respeito desses eventos. Portanto, quando começa a escrever, o jornalista tem um modelo (semântico) do evento bem como um modelo de contexto parcial (um plano para a redação de notícias) que controlarão a escrita efetiva e serão adaptados localmente e à medida, por exemplo, quando para cada aspecto do evento que está sendo descrito é preciso calcular o tanto que os leitores já conhecem – a saber, mediante as estratégias do dispositivo K. Ao mesmo tempo, o jornalista precisa aplicar um certo número de normas e valores profissionais, avaliando, por exemplo, valores de notícia, que calcularão quais aspectos do evento são mais ou menos dignos de ser noticiados, uma condição que vai controlar muitos aspectos da redação da notícia, desde a seleção dos assuntos e a formulação das manchetes até as estruturas e a colocação em primeiro e segundo plano, estilo, retórica e semântica local (por exemplo, dar muitos ou poucos detalhes sobre aspectos particulares do evento).

De acordo com o autor citado (2012, p.123), ainda é desconhecido como o mecanismo K trabalha. Neste caso, para o discurso ser processado cognitivamente, o teórico afirma que os falantes utilizam estratégias rápidas e imperfeitas para hipotetizar aquilo que os receptores já sabem e que não será preciso incluir no discurso. Obviamente, erros podem ser cometidos, mas é o trabalho deste mecanismo que “toma como *input* o conhecimento de momento do falante” (VAN DIJK, 2012, p.122) e também do receptor.

Apt traz na fundamentação teórica de sua pesquisa algo interessante: a definição de senso comum. Segundo ele (2010, p. 32-33), o senso comum se refere a “crenças pressupostas na interação e que não precisam ser propagadas ideologicamente”. Nessa perspectiva, o pesquisador explica que o senso comum abarca conhecimentos mais ampliados do que as ideologias de grupos específicos, estas, por vezes, também incorporadas como verdades universais.

Por esse lado, o senso comum assemelha-se ao conceito de conhecimento cultural geral, apresentado nesta seção, já que se pressupõe que as pessoas de uma determinada sociedade devam conhecê-lo, ou, pelo menos, ter ouvido falar sobre.

2.1.2.2 Atitudes, valores, opiniões e normas

Tais conceitos também são trabalhados dentro da Teoria Sociocognitiva do Discurso. Opiniões são compartilhadas no grupo a partir de critérios avaliativos. Por isso, ao contrário do conhecimento, elas não são “factuais”, pois não são tomadas como verdadeiras por todos. Em contrapartida, as atitudes são opiniões compartilhadas socialmente dentro de um grupo.

Assim, as atitudes de um grupo sobre temas controversos, como aborto, racismo e violência de gênero, englobam mais de uma opinião. Nessa perspectiva, diferente do conhecimento cultural geral compartilhado, as opiniões e as atitudes não fazem parte da base comum, pois elas são de nível pessoal e grupal, respectivamente.

As crenças avaliativas que norteiam as opiniões pessoais e as atitudes do grupo se baseiam em normas e valores escolhidos pelo grupo para legitimar e justificar suas ações. Além disso, tais normas e valores precisam ser alinhados aos interesses do grupo para que a identidade dele, bem como o papel desse grupo dentro da sociedade sejam mantidos.

2.1.2.3 Ideologia

Ideologia é um conceito usado pelas pessoas de modo aleatório sem que elas se deem conta dos diversos significados que a palavra tem.

De modo didático e simples, Marilena Chauí, no livro *O que é ideologia?* (2008, p. 13), inicia afirmando que ideologia não é apenas “um conjunto sistemático e encadeado de ideias”, mas ideias de cunho socio-histórico que legitimam a dominação e ocultam a desigualdade social.

Ao tratar do histórico do termo, Chauí explica que ele foi usado, inicialmente, pelo filósofo Destutt de Tracy, em 1801, no livro *Elements d’Ideologie (Elementos da Ideologia)* como nome de uma área responsável pela gênese das ideias, “tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano [...] com o meio ambiente” (CHAUÍ, 2008, p.25).

Ainda na contextualização histórica do termo, a autora traz a definição de ideologia sob o viés de Auguste Comte e Durkheim: para aquele, ideologia é entendida como “a organização sistemática de todos os conhecimentos científicos” (CHAUÍ, 2008, p.29); já para este, a ideologia é uma noção que se refere àquilo que não condiz com os critérios de objetividade científica⁶.

No entanto, o conceito e o estudo da ideologia ganharam popularidade com Marx e Engels. Sobre isto, Chauí diz que este termo, no contexto da burguesia e da luta proletária, refere-se ao mascaramento da relação desigual entre empregados e patrões, a fim de legitimar os pensamentos destes.

⁶ CHAUÍ, op.cit. p.32-33.

A ideologia se configura, portanto, em uma estrutura de verdade para as relações de poder e dominação funcionarem de modo eficaz. Sendo assim, a realidade social é ocultada de modo a favorecer a classe dominante e assegurar o seu poder sob a forma de “ideias e representações pelas quais os homens explicam e compreendem sua própria vida social, individual, etc.” (CHAUÍ, 2008, p.23-24). Assim o homem estaria excluído de usufruir os bens que ele mesmo produz, já que o produto final passaria a existir em si e por si, gerando lucros apenas aos donos dos meios de produção (FERREIRA, 2015, s/p).

Chauí aborda, ainda, a ideologia da competência, que foi absorvido do conceito marxista e ampliado, uma vez que a divisão e a luta de classes continuam, entretanto, agora é conferido prestígio àqueles que detêm o conhecimento, e não apenas aos donos dos meios de produção.

Teun van Dijk, por sua vez, devota sua concepção de ideologia à teoria gramsciana. Neste contexto, a ideologia é tida como um conjunto de ideias e conceitos de grupos de indivíduos, que estão em constante interação e relações de dominação cruzadas entre si. Assim, ao contrário de Marx, que via a ideologia como uma expressão de “falsa consciência”⁷, Gramsci defende a ideia de que não há uma ideologia boa ou ruim, mas são as relações de poder e os interesses particulares de cada grupo que definirão as ideologias como verdades absolutas (APT, 2010, p.28-29).

Nesse sentido, van Dijk defende a possibilidade de diversas ideologias na sociedade, que convivem de modo interativo. Para a Teoria Sociocognitiva do Discurso, a ideologia é um sistema de crenças compartilhadas socialmente de caráter neutro. Ou seja, é por meio das relações de dominação na sociedade que irão definir a ideologia como uma verdade inquestionável, podendo exercer um papel fundamental na legitimação do abuso de poder. Nas palavras de van Dijk (2005, p.729)⁸

A ideologia é a base das representações sociais compartilhadas por um grupo social. Dependendo de uma perspectiva, associação ao grupo ou ética, estas ideias do grupo podem ser valorizadas positivamente, negativamente ou não ser valorizada.

⁷ Brandão (1997, p.19-21) e Apt (2010, p.27) explicam que o termo “falsa consciência” refere-se a um instrumento de dominação, em que ideias tidas como populares e verdadeiras são, na verdade, as ideias da classe dominante, cujo objetivo principal é manter o *status quo* da dominação. Nesse sentido, a ideologia, para Marx, está reduzida ao mascaramento da realidade.

⁸ No original: “An Ideology is the foundation of the social representation shared by a social group. Depending on one’s perspective, group membership or ethics, these group ideas may be valued positively, negatively, or not be valued at all”.

Dando continuidade, o teórico sociocognitivista ainda afirma que a ideologia não é exclusividade apenas dos grupos dominantes, mas também dos grupos dominados, pois representa os interesses dos grupos aos quais os indivíduos estão associados. Desta maneira, compreende-se que as ideologias têm propriedades sociais e cognitivas que se manifestam discursivamente e constituem-se como um sistema de crenças armazenado na MLP.

Uma coisa importante a ser abordada é que as pessoas podem ser membros de diversos grupos sociais, o que significa, por sua vez, que elas podem compartilhar – ou compartilham - mais de uma ideologia. No entanto, ao serem ativadas no mesmo instante através do discurso ou qualquer outra prática social, elas podem desencadear conflitos (VAN DIJK, 2005, p.730).

A fim de evitar confusões interpretativas entre o conhecimento e a ideologia, o sociocognitivista explica que o conhecimento geral forma a base comum para formar as representações sociais compartilhadas por todos os grupos da sociedade. Em contrapartida, um grupo constrói conhecimento e o compartilha no seu interior por meio da ideologia. Desse modo, infere-se que a ideologia estabelece-se a partir de um critério de verdade estabelecido pelo grupo para embasá-lo, assim como explica Apt (2010, p.31)

As ideologias são sistemas avaliativos que atuam no sentido de formular juízos de valor acerca do que é certo ou errado em relação a determinados constituintes basilares socioculturais como Igualdade, Justiça, Verdade, Eficiência etc. (van Dijk, 1997). Supõe-se a partir de tal conceito, que determinado grupo social faça uma seleção desses valores universais e os organize de forma hierárquica, de acordo com o grau de importância atribuído em função da posição social ocupada pelo grupo e dos objetivos que se pretendem alcançar.

Sendo assim, é a ideologia que comanda as propriedades cognitivas do discurso ao polarizar grupos na dimensão social, já que ela não possui, necessariamente, um caráter negativo, mas também pode ter um caráter positivo.

No entanto, como foi dito anteriormente, as ideologias também têm as funções sociais de manter a identidade do grupo perante a sociedade, além de “regulamentar” o grupo, como, por exemplo, permitir que alguém possa fazer parte de um grupo e outros não e por quê. E esta regulamentação parte da seleção e organização das bases socioculturais, como Apt explicou acima, cujo principal objetivo é nortear as relações sociais entre os grupos.

2.2 A noção de modelos mentais e modelos de contexto

Na área da psicologia cognitiva, o conceito de modelos mentais corresponde às simulações mentais daquilo que ocorre no mundo real e que influenciam na nossa maneira de perceber a realidade⁹. Em outras palavras, os modelos mentais são responsáveis por filtrar os eventos da realidade e guiar como nos comportamos diante dos mesmos. Deste modo, compreende-se como a percepção do mundo provê de diversos fatores, inclusive das crenças e dos valores que as pessoas têm, como também dos fatores linguísticos, que se relacionam ao modo como utilizamos a língua.

Para a Teoria Sociocognitiva do Discurso, os modelos mentais são a interface que medeia o conhecimento, as atitudes e as ideologias compartilhadas socialmente e as práticas individuais. Esses modelos mentais se localizam na memória episódica e representam a experiência pessoal e a interpretação dos indivíduos em relação a um evento social.

Em 1983, van Dijk e Kintsch postularam uma teoria dos modelos mentais, em que os “modelos de situação” explicam como os usuários da língua compreendem o discurso. Uma característica fundamental dos modelos mentais é que eles são subjetivos. Isto é,

Eles não representam objetivamente os eventos de que fala o discurso, mas antes a maneira como os usuários da língua interpretam ou constroem cada um a seu modo esses eventos, por exemplo, em função de objetivos pessoais, conhecimentos ou experiências prévias – ou em função de outros aspectos do ‘contexto’ (2012, p.92).

Nesse sentido, enquanto produção discursiva, interpretar um evento significa construir um modelo, que será o primeiro a ser acessado porque parte, inicialmente, das nossas experiências pessoais. Além disso, vale destacar que tais modelos não dependem da linguagem para serem criados. Ao contrário, eles dependem apenas da nossa experiência em relação aos eventos, seja participando ou observando.

Às vezes, podem ocorrer mal-entendidos durante a situação comunicativa, visto que, apesar da base comum, esses eventos são processados a partir da individualidade de cada um. No entanto, van Dijk (2012, p.93) também afirma que, apesar de subjetivos, os modelos também podem ser influenciados por outros condicionamentos “objetivos”, como a presença de pessoas ou objetos.

⁹ Informação retirada de: <<https://www.modeltheory.org/models/>>. Acesso em 29/09/2019 às 16h55min.

Os modelos de contexto, por seu turno, definem-se como “representações cognitivas de nossas *experiências*. Num certo sentido, eles são as nossas experiências ao assumirmos que elas são interpretações pessoais daquilo que acontece conosco” (VAN DIJK, 2012, p.94). Sendo assim, os modelos de contexto se diferem dos modelos de evento, ou de situação, por estes fazerem referência aos eventos que as pessoas têm contato por meio do discurso.

Além disso, tais modelos são formados cognitivamente antes dos modelos de eventos, pois os episódios desconhecidos pela mente humana só são interpretados a partir daquilo que já é conhecido.

Em *Discurso e Contexto* (2012, p.113), van Dijk continua sua explanação e postula os parâmetros das situações comunicativas aos quais os usuários da língua estão atentos, a saber:

- Ambiente: tempo/período, Espaço/Lugar/Entorno
- Participantes
- Eu-mesmo
- Papéis comunicativos (estrutura da participação)
- Tipos de papéis sociais, ser membros de um grupo ou identidades
- Relações entre participantes
- Crenças e conhecimentos compartilhados e sociais
- Intenções e objetivos [...].

Na análise do discurso jornalístico, o modelo de contexto compreende os gêneros jornalísticos, que definem a situação de comunicação. Faremos uma breve incursão no que Bakhtin entende por gêneros do discurso para então discorrermos sobre os gêneros jornalísticos.

Bakhtin, no capítulo dedicado ao assunto, presente na obra *Estética da Criação Verbal*, estabelece uma relação inviolável entre as esferas da atividade humana e o uso da língua, que ocorre sob a forma de enunciados¹⁰. Assim, como há uma variedade de atividades humanas, também há uma grande variedade de usos da língua. E essa variedade de atividades humanas leva à formação de padrões típicos de enunciados, que se denominam gêneros do discurso. Bakhtin explica isso da seguinte forma:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que é

¹⁰ Bakhtin define o termo *enunciado* como “a unidade real da comunicação” (2003, p.274). Nesse sentido, Medina (2001, p.47) explica que o discurso é um processo de produção de significação, que utiliza a língua em funcionamento para se moldar à forma do enunciado. Ainda nessa perspectiva, este autor, baseado em Bakhtin, diz que é por meio dos textos que o discurso se materializa, pois é por meio dos textos que o sentido e o significado do outro se manifestam.

claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos [...]. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional (2003, p.261).

Além disso, nas palavras do autor estudado, gêneros são *tipos relativamente estáveis*, isto é, eles não são uma estrutura fechada, mas enunciados que se diversificam à medida que determinado campo se complexifica.

No que tange aos gêneros jornalísticos, no artigo *Gêneros jornalísticos: repensando a questão* (2001, p.49), Medina explica que tais gêneros são produzidos de acordo com os modos de produção jornalística e por manifestações culturais de cada sociedade.

Como complemento, Marques de Melo e Assis (2016, p.41) dizem que o trabalho jornalístico não produz apenas gêneros, mas também formatos. Enquanto aqueles “são unidades de mensagens que se agrupam em classes”, estes “são, em resumo, o instrumento [...] que emissores adotam para se manifestar e para fazer circular conteúdos elaborados em harmonia com circunstâncias distintas” (MARQUES DE MELO; ASSIS; 2016, p.47).

Em outras palavras, os gêneros seriam classes de textos, que têm por finalidade fazer uma leitura do real, construindo uma versão dos fatos à favor de determinadas ideologias. Já os formatos são um desdobramento dos gêneros, isto é, eles são uma maneira de lidar com temas específicos dentro de um gênero a partir de um determinado propósito.

Segundo Medina (2001, p.49) classificar os gêneros jornalísticos não é uma tarefa tão fácil, já que eles são dinâmicos por se moldarem aos contextos históricos, sociais e culturais onde os acontecimentos ocorrem e, por vezes, se desdobram. Assim, segundo Marques de Melo (APUD MEDINA, 2001, p.49)

Se os gêneros são determinados pelo estilo e se este depende de uma relação dialógica que o jornalista deve manter com o seu público, apreendendo seus modos de expressão (linguagem) e suas expectativas (temáticas), é evidente que a sua classificação restringe-se a universos culturais delimitados. Por mais que as empresas jornalísticas assumam hoje uma dimensão transnacional em sua estrutura operativa, permanecem contudo as especificidades nacionais ou regionais que ordenam o processo de recodificação das mensagens importadas. Tais especificidades não excluem as articulações interculturais que muitas vezes subsistem através das línguas e são prolongamentos do colonialismo.

Reforçamos o conteúdo da última frase desta citação, que nos permite pensar que as especificidades geográficas, culturais, sociais, dentre outras, dos gêneros, muitas vezes, prolongam as antigas relações de dominação e resistência entre orientais e ocidentais.

Por isso, é nosso intuito entender como a FSP reforça a ideologia hegemônica através dos modelos de contexto a partir dos gêneros discursivos, podendo, assim, favorecer a estereotipação dos muçulmanos e do Oriente e a polarização entre orientais e ocidentais¹¹.

Medina (2001, p.52) ainda sugere a inclusão dos gêneros visuais, em que as fotografias e as caricaturas fazem parte, já que, às vezes, a imagem diz muito mais que as palavras. Entretanto, neste trabalho, optamos por tratar as fotografias e outros aspectos semióticos não como um gênero, mas como representações multimodais.

2.3 A representação dos atores sociais nos Estudos Críticos do Discurso

Mesmo sem nenhuma definição exata, a representação social tem como finalidade tornar familiar aquilo que não é. Neste sentido, a ACD está interessada em estudar a RS observando como ela é utilizada a favor da manutenção do poder e das relações de dominação.

Para van Leeuwen, a ACD está, ou deveria estar, focada em tratar o discurso como instrumento de poder e controle e de construção social da realidade. Ao tratar do discurso jornalístico, o autor assinala que a notícia é uma prática social que ocorre em termos de recontextualização, isto é, os conhecimentos produzidos numa área do saber, ao serem transferidos para uma outra área, sofrem processos de mudança semântica.

Apoiado em um inventário sóciossemântico, o autor (2008, p.23) afirma que o objetivo dele ao tratar da representação social dos atores é mostrar como estes podem ser representados a partir de uma relevância crítica e sociológica. Por isso, a influência dos estudos de Halliday, em especial do que ele chama de "significado potencial".

Levando em consideração as afirmações de van Leeuwen, percebe-se que cada cultura ou cada contexto de uma determinada cultura tem sua própria maneira

¹¹ Optamos, nesta pesquisa, por tratar os textos selecionados como gêneros discursivos, já que esta distinção entre gêneros e formatos não compete à Linguística, e sim ao Jornalismo. Logo, não teremos arcabouço teórico suficiente para tratarmos deste assunto aqui.

de representar os atores sociais de um determinado discurso, verbal ou visualmente. Nessa perspectiva, vê-se a importância de tratar a multimodalidade como uma representação visual dos atores sociais abordados. Nas palavras dele (VAN LEEUWEN, 2008, p. 25,)¹²

O ponto é importante para a análise crítica do discurso pois, com o uso crescente da representação visual em uma ampla gama de contextos, torna-se cada vez mais premente para poder fazer as mesmas perguntas críticas com o que diz respeito às representações verbais e visuais, de fato, no que diz respeito às representações em todas as “mídias” que formam partes de textos “multimídia” contemporâneos.

A noção de representação social apresenta-se nos discursos a fim de legitimar ou deslegitimar práticas de abuso de poder. Por isso, o discurso pode incluir ou excluir atores sociais de acordo com seus interesses e propósitos em relação ao que é pretendido. Por esse motivo, mesmo sendo o discurso uma construção social da realidade, é importante ter em mente que esta construção é valorativa.

Na página a seguir, segue a tabela com as classificações e as categorias de representação social (VAN LEEUWEN, 2008).

¹² No original: “The point is importante for crytical discourse analysis for, with the increasing use of visual representation in a wide range of contexts, it becomes more and more pressing to be able to ask the same critical questions with regard to both verbal and visual representations, indeed, with regard to representations in all of the “media” that form parts of contemporary “multimídia” texts.

Tabela 1 - Categorias de representação social por Van Leeuwen (2008)

Classificação das representações sociais	Categorias de representação social	Subcategorias de representação social	Definição	Marcas linguísticas que exemplificam tal categoria	
Exclusão	Encobrimento	Sem subcategoria	O ator social é excluído do discurso, mas é recuperado de alguma maneira.	Elipses	
Inclusão	Ativação	Sem subcategoria	Os atores são representados como atuantes na atividade.	Papéis gramaticais participantes Verbos de ação	
	Generização	Sem subcategoria	Os atores sociais são representados como classes.	Plural sem artigo Singular com artigo definido	
	Especificação por assimilação	Coletivização	O ator social é visto como o membro de um grupo.	Substantivos coletivos	
	Categorização	Nomeação		O ator social é representado pela sua identidade.	Nome e/ou sobrenome do ator social
		Funcionalização		O ator social é representado pelo papel ou ocupação que desempenha.	Substantivos que denotam uma determinada profissão
		Identificação relacional		O ator social é representado a partir das relações de parentesco e/ou de trabalho que mantém.	Papéis que denotam parentesco
Impessoalização	Objetivação		O ator é representado a partir de algo que se refira a ele.	Metonímia	

E o que tais estruturas linguísticas representam em termos de ideologia e poder? Como determinada representação legítima, ou não, práticas de abuso de poder?

Nesse sentido, salienta-se que van Dijk (1998) também não define detalhadamente o que é representação social. Entretanto, retomando o conceito de ideologia como crenças compartilhadas socialmente por um grupo, van Dijk (1998, p.8) afirma que a representação social é a base das crenças ideológicas, sendo ela, portanto, a responsável por nortear a consciência de um grupo a respeito de outro. Com isso, uma relação polarizada entre “Nós x Eles” é estabelecida.

O acontecimento envolvendo a revista francesa *Charlie Hebdo*, em janeiro de 2015, engloba crenças que remetem a um conhecimento histórico experimentado na sociedade através de outros ataques divulgados pela mídia, envolvendo os terroristas, os muçulmanos, o Islã e os ocidentais. E a maneira como tal divulgação aconteceu pode manipular os leitores das informações, oferecendo-lhes valores sem crenças alternativas e, como consequência, promover assimetrias simbólicas e sociais.

Nessa perspectiva, como as ideologias têm uma base social e histórica bem desenvolvida no âmbito discursivo, a polarização ressaltada pelo evento do dia 07 de janeiro de 2015 opõe ocidentais x orientais, resgatando a ideologia conhecida como Orientalismo, que é hegemônica na sociedade ocidental, tratada no capítulo seguinte.

Capítulo 03: As principais representações do Oriente pelo Ocidente

Neste capítulo pretende-se aprofundar algumas das principais representações dos orientais que dominaram os discursos no Ocidente, que ganharam corpo em saberes ocidentais sobre o Oriente, denominados *Orientalismo*, baseado nos estudos das línguas e literaturas produzidas no Oriente Médio.

Recentemente as mídias recontextualizaram essas representações, levando em conta as situações contemporâneas de integração de ocidentais e orientais nas grandes cidades europeias, bem como os ataques terroristas, motivados por questões diversas. No primeiro tópico, serão rastreadas as representações legadas pelo Orientalismo a partir da literatura, valendo-nos da obra de Edward Said *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (1990), enquanto no segundo tópico, serão abordadas questões referentes ao discurso eurocêntrico, partindo das obras *Cultura e Imperialismo* (SAID, 2011) e *Crítica da imagem eurocêntrica* (SHOTAT; STAM; 2006).

E, para finalizar, o terceiro tópico centraliza o tópico do terrorismo e a relação deste com a mídia, assim como apresenta sugestões de como produzir e/ou escrever notícias sobre este tema, ancoradas no estudo de Neves (2005) e Marthoz (2018).

3.1 Representações literárias do Oriente e do Islã

Em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, Said (1990, p.42) traz dois temas que são, por si só, justificativas das atitudes europeias em relação ao Oriente: o saber e o poder. Nesta relação, o saber está em uma relação superior ao poder porque ele se dirige para o estranho. Nas palavras do autor (1990, p.43, grifos do autor)

Ter um conhecimento de uma coisa (...) é dominá-la, ter autoridade sobre ela. E, neste caso, autoridade quer dizer que “nós” negamos autonomia para “ele” -o país oriental-, posto que o conhecemos e que ele existe, em certo sentido, *como* o conhecemos.

Desse modo, criam-se dois grupos ideologicamente polarizados, em que o “nós” é “usado com todo o peso de um homem distinto e poderoso que se sente como o representante de tudo o que há de melhor na história de sua nação”. Sendo assim, o “nós” refere-se aos países europeus e ocidentais, enquanto o “eles”

referem-se aos países orientais, confirmando aquilo que já é evidente: que são dominados por países/pessoas que sabem o que é melhor para eles porque os conhecem e sabem de coisas que eles jamais saberiam por si próprios (SAID, 1990, p.45).

Nesta perspectiva, o conhecimento dos ocidentais sobre os orientais facilita o domínio que aqueles exercem sobre estes por conferir mais poder, o que, por sua vez, exige mais conhecimento, estabelecendo uma relação de influência mútua. E esse conhecimento consiste em entender as deficiências do Oriente e “esforçar-se por encontrar, no contentamento da raça submetida, uma mais digna” e permitir uma sólida união entre dominados e dominadores pautada numa relação de dependência, de superioridade e inferioridade (SAID, 1990, p.47).

Sendo assim, ao explicar os elementos que favoreciam, e ainda favorecem, a dominação do Ocidente no Oriente, Said enumera que:

Um era o crescente conhecimento sistemático na Europa sobre o Oriente, conhecimento reforçado pelo encontro colonial, assim como pelo interesse disseminado a respeito do estranho e do incomum [...]. O outro aspecto das relações orientais-européias era que a Europa estava sempre em uma posição de força, para não dizer de domínio. Não há modo de colocar isso eufemisticamente (1990, p.50).

Para justificar a origem das estruturas dominantes que representam o oriental, Said (1990, p.51) reforça que durante os séculos XIX e XX, o Oriente foi posto em sala de aula, nos tribunais e em outros locais para ser estudado, julgado e governado. Tal atitude demonstrou que “o Orientalismo também reforçava [...] o conhecimento seguro de que a Europa ou o Ocidente dominava a vasta maioria da superfície da terra” (SAID, 1990, p.51).

O autor ainda estabelece que o *Orientalismo* é uma noção confusa, haja vista que “é pouco provável que alguém imagine um campo que lhe seja simétrico chamado de ocidentalismo” (1990, p.60). Contudo, duas coisas saltam aos olhos: a primeira é que, durante os estudos realizados durante o século XIX, a análise do Oriente baseava-se num universo textual, ou seja, o Oriente era estudado a partir do que era representado nos manuscritos e livros. A outra coisa é que a maneira como o Ocidente interpretou o Oriente em seus estudos deu-se de modo totalmente arbitrário. Nesse sentido, o autor diz que

Há sempre uma certa medida de puramente arbitrário na maneira como são vistas as distinções entre as coisas. [...]. Em outras palavras, essa prática universal de designar na própria mente um espaço familiar que é “nosso” e um espaço desconhecido além do “nosso” como “deles” é um modo de fazer distinções geográficas que *pode ser* inteiramente arbitrário. Uso a

palavra *arbitrário* porque a geografia imaginativa do tipo “nossa terra - terra bárbara” não requer que os bárbaros reconheçam a distinção. Para “nós”, basta estabelecer essas fronteiras em nossa mente; conseqüentemente, “eles” ficam sendo “eles”, e tanto o território como a mentalidade deles são declarados diferentes dos “nossos” ” (1990, p.64, grifo do autor).

As atividades expansivas da Europa para o Oriente contribuíram para o saber taxionômico de separação de raças, do “nós” e do “eles”, originando típicas encapsulações, como, por exemplo, o estereótipo.

Ao tratar da religião islâmica, Said (1990, p.69) diz que a reação da Europa foi, de início, defensiva e conservadora, reportando-se ao Islã como uma fraude do Cristianismo.

Said conta em seu livro porque a Europa tinha tanto medo do Islã. Segundo o autor, a morte de Maomé marcou o início de uma era em que o Islão tinha uma hegemonia militar, cultural e religiosa muito forte. Territórios franceses, espanhóis e da Sicília foram conquistados durante os séculos VIII e IX e, mais tarde, o domínio avançou até a Índia, a Indonésia e China.

Assim, “não sem razão o islã passou a simbolizar o terror, a devastação, o demoníaco [...] representando para o conjunto da civilização cristã um perigo constante, e com o tempo os europeus incorporaram esse perigo e seu saber” (SAID, 1990, p.69-70).

Neste sentido, a fim de torná-lo mais controlável e menos amedrontador para o Ocidente, a imagem que se tornou conhecida sobre o Islã era negativa devido à ameaça que ele representava para a Europa. Por isso, a Europa elaborou literaturas a fim de tentar inculcar nos cristãos o fato de que o Islã é uma versão falsa do Cristianismo.

E, nessas tentativas, o Oriente foi ganhando novas representações a partir da exigência ocidental (SAID, 1990, p.72). Segundo o estudioso, “qualquer pessoa no Ocidente que pense ou experimente o Oriente, desempenhou esse tipo de operação mental” (SAID, 1990, p.70).

Nas palavras de Said (1990, p.76), a *Bibliothèque orientale*, de D’Herbelot, traz uma julgamento ordenado e disciplinado sobre o Oriente:

Não só se acomoda o Oriente às exigências morais da cristandade ocidental; ele é também circunscrito por uma série de atitudes e julgamentos que se referem a mente ocidental, para verificação e correção, não às fontes orientais, mas em vez disso a outras obras orientalistas. O palco orientalista torna-se um sistema de rigor moral e epistemológico.

Desse modo, o Oriente é *orientalizado* para levar o leitor ocidental a aceitar as codificações orientalistas como verdadeiras, sem a possibilidade de serem alteradas ou removidas. E é sob esta representação que a relação entre o Ocidente e o Oriente é retratada até hoje, sob a perspectiva de um “choque de civilizações”.

Abordando especificamente da linguagem, nunca acharemos uma relação precisa entre o Oriente e o que é usado para descrevê-lo, não devido à imprecisão da linguagem, mas porque ele é sempre abordado como o estrangeiro.

Quanto a isso, Said (1990, p.80) diz que as figuras de linguagem sobre o Oriente são declarativas e autoevidentes e se caracterizam por passar uma impressão de repetição e força, além de serem sempre simétricas e inferiores a um equivalente europeu. O autor palestino afirma que todas essas funções estão contidas no uso da flexão verbal *é*. Nesse sentido, ele escreve

Nenhum embasamento é preciso; as provas necessárias para condenar Maomé estão contidas no *é*. A frase não se qualifica, nem parece ser preciso dizer que Maomé *foi* um impostor, nem considerar por um momento sequer que pode não ser necessário repetir a informação. Mas esta é repetida, ele *é* um impostor, e o autor da informação adquire um pouco mais de autoridade por ter declarado isso (1990, p.80, grifo do autor).

Nessa lógica, a linguagem usada para nomear, designar e fixar o que está sendo falado dá vazão ao chamado realismo radical. Baseando-se em Michael Foucault, Said esclarece o tipo de discurso que estará sendo criado:

O mais importante é que tais textos podem *criar*, não apenas o conhecimento, mas também a própria realidade que parecem descrever. Com o tempo, esse conhecimento e essa realidade produzem uma tradição, ou o que Michael Foucault chama de discurso, cuja presença ou peso material, e não a autoridade de um dado autor, é realmente responsável pelos textos a que dá origem (1990, p.103, grifos do autor).

Logo, a atitude textual torna-se relevante não devido ao conhecimento de causa por parte das autoridades acadêmicas, das instituições de ensino e de pesquisa ou do governo que investe em tais estudos, mas à realidade que tais textos criam.

Com o passar do tempo, a vasta genealogia intelectual orientalista permitiu que a discrepância entre o que é real e o que estava escrito nos livros mudasse certas formas de pensar. Para exemplificar, Said apresenta *O talismã* (1825), de Scott, em que um cristão luta com um muçulmano. Na descrição do embate, o cristão descobre que o muçulmano não é maligno, conforme indica o trecho abaixo:

Eu bem que achava [...] que a tua raça cega descendia do demônio infame, sem cuja ajuda não poderias ter mantido esta abençoada terra da Palestina contra tantos valentes soldados de Deus. Não falo assim de ti em particular,

Sarraceno, mas em geral do teu povo e da tua religião. É estranho para mim, contudo, não que possas descender do Malvado, mas que te vanglories disso (APUD SAID, 1990, p.110).

Portanto, em conformidade com o trecho acima, todo um povo religioso foi retratado de um modo diferente do usual por meio de uma pessoa em particular.

Em conclusão, a cultura oriental provocou o interesse do ocidente porque tinha um nível artístico e literário bastante elevado, e que a Europa aproveitou para os estudos das línguas semitas e/ou estudos bíblicos, expandindo-se no nível político.

Said (1990, p.60) diz que esse nível político está associado à *geografia imaginativa*, contribuindo assim para uma relação discursiva associada ao poder como controle. E a relação entre “Nós x Eles” resultou num desequilíbrio de forças entre o Ocidente e o Oriente, pois a criação de um povo tido como inferior “é fulcral para sustentar o domínio e a ocupação do colonizador” (COUTO, 2011, p.27).

A crise no Orientalismo surgiu com o desconhecimento do verdadeiro Oriente, que não correspondia mais ao Oriente orientalizado. Com a independência política do Oriente em relação ao Ocidente, este teve que adaptar suas estratégias para continuar exercendo seu domínio. E havia duas maneiras: continuar como estava ou adaptar as maneiras velhas às novas (SAID, 1990, p.113).

Sendo assim, a crise do Orientalismo não deixou de descrever os orientais como “abutres sobre a “nossa” generosidade” (SAID, 1990, p.115), demonstrando que houve o surgimento de novas maneiras que ajudam a manter esse domínio colonial até hoje. Said diz:

Quando os dogmas do islã não servem sequer para o mais panglossiano dos orientistas, pode-se recorrer ao jargão de uma ciência social orientalizada, a abstrações que vendem bem como elites, estabilidade política, modernização e desenvolvimento institucional, todas marcadas com o selo de garantia da sabedoria orientalista. Enquanto isso, uma fenda cada vez maior e mais perigosa separa o Oriente do Ocidente (1990, p.118).

Nesse sentido, sabendo que nos dias atuais o discurso orientalista ainda persiste em questões que envolvem o Islamismo e o terrorismo no âmbito jornalístico, por exemplo, abordar-se-á a seguir, como essa separação entre o Ocidente e o Oriente constrói as identidades culturais e permite o domínio colonial de uma terra sob outra. Além disso, buscar-se-á apresentar os parâmetros da cobertura de um ataque terrorista, a fim de evitar estigmas contra os muçulmanos.

3.2 Cultura e imperialismo

Em *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente* (1990), Said investigou o sistema de representações que ocidentais construíram sobre o Oriente e sua cultura em funcionamento no pensamento e no império ocidentais (1990, p.269). Essa formação epistemológica teve sua base na literatura e nos estudos das línguas árabes, explicando a visão eurocêntrica que compreende “nós” (ocidentais) e “eles” (orientais) como uma dicotomia, conforme fora explicado na seção anterior. Em outras palavras, o Oriente é sempre descrito a partir de traços tidos como exóticos em relação ao mundo ocidental.

No desafio de problematizar ainda mais a relação entre Ocidente e Oriente, Said escreveu outro livro para mostrar como as identidades culturais, consolidadas por intermédio de rótulos, evidenciam a assimetria entre essas duas partes do mundo. *Cultura e imperialismo* (2011) é, assim, um mergulho nessas assimetrias, que busca mostrar o vínculo entre a cultura e a política e mostrar que a linguagem não é neutra. Neste livro, Said analisou a relação entre cultura e imperialismo a partir da literatura inglesa e francesa, especificamente. Isso porque, segundo ele, o objeto de disputa no imperialismo era a terra, mas é mediante as narrativas que questões como “quem possui a terra?”, “quem tem o direito de se estabelecer nela, explorá-la e planejar o futuro dela?”, dentre outras, eram decididas (2011, p.11).

Desse modo, “num nível muito básico, o imperialismo significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros” (SAID, 2011, p.39). Said utiliza a metáfora de Robinson Crusóé¹³ para explicar o conceito de imperialismo, já que a *mission civilisatrice* não é distante dos campos político, estratégico e militar. Em outras palavras, o imperialismo está diretamente relacionado ao colonialismo. Por isso, Said utiliza o termo “cultura” associado ao conceito de identidade. Sobre isso, ele diz que as formas culturais de contextos não europeus são ideológicas e repressoras, já que o Outro oriental é silenciado, e o que é tido como diferença é reconstituído sob a forma de identidade (2011, p.267).

¹³ Para quem não conhece, Crusóé é um personagem criado por Daniel Defoe que naufraga em um mar, mas sobrevive ao conseguir chegar numa ilha. E lá, ao conhecer um canibal, ensina-o a falar inglês bem como os princípios de sua religião. Informação retirada de: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=40111>>. Acesso em 03/10/2019 às 16h09min.

E essa identidade é mantida, em termos discursivos, por formações ideológicas que polarizam o Oriente em oposição ao Ocidente por meio da noção de inferioridade, conceito que não foi questionado por ninguém que o utilizou. Nesse sentido, a diversidade cultural se reduz a uma perspectiva que vê a Europa como a origem única dos significados, definindo assim o que se chama de *eurocentrismo*: “um discurso de justificação do colonialismo [...]. Uma forma de pensar que permeia e estrutura práticas e representações contemporâneas mesmo após o término oficial do colonialismo” (SHOHAT; STAM; 2006, p.21).

Se Said faz uma análise da literatura, Ella Shotat e Robert Stam (2006, p.271-277) trazem à tona questões referentes à produções cinematográficas que perpetuam o eurocentrismo. Sendo assim, eles dizem que a representação por meio das produções de Hollywood são eurocêntricas porque ainda são permeadas pelo silenciamento da voz do outro. E para exemplificar isso, eles trazem o exemplo das cerimônias do Oscar, em que na platéia há uma diversidade cultural muito grande, mas o filme produzido que ganha o prêmio é sempre norte-americano, e o restante é relegado à categoria de “filme estrangeiro” (2006, p.271).

Com isso, a cultura é a porta por onde o ocidente legitimou sua superioridade. E se o colonialismo oficialmente acabou, o mundo ainda vive sob a influência do discurso eurocêntrico, já que os discursos se encapsulam em “estruturas institucionais que excluem certas vozes, estéticas e representações” (SHOTAT; STAM; 2006, p.44).

E é nessa perspectiva que Said, no fim de seu livro, propõe fazer uma análise global da literatura. Ao invés de privilegiar um ou outro lado, ele sugere um contraponto entre as literaturas ocidental e oriental, não no entendimento de uma orquestração, mas chamando a atenção para aquelas vozes que estão abafadas pelos sistemas literários.

3.3 Terrorismo e mídia

Antes de tratar a questão da cobertura midiática de ataques terroristas a partir do estudo de Neves (2005) e Marthoz (2018), é preciso apresentar brevemente a história e os conceitos que perpassam sob o termo “terrorismo”.

De início, é necessário destacar que não há uma definição exata do que seja o terrorismo. Segundo Neves (2005, p. 15-16), a dificuldade em elaborar um

consenso sobre este tema parte do fato de os Estados quererem se isentar da culpa que pode recair sobre eles no que diz respeito à luta antiterrorista. Além disso, citando o que diz as Nações Unidas sobre o terrorismo, a pesquisadora ressalta que a pessoa que é considerada “terrorista” para uns, é a mesma que é chamada de “combatente da liberdade” para outros¹⁴.

A Organização das Nações Unidas (ONU) criou um comitê especial para discutir sobre o assunto, chamado *Grupo de Alto Nível sobre as Ameaças, os Desafios e as Mudanças*. No ano de 2004, este comitê apresentou um relatório destinado a elaborar um conceito sobre o termo e

propôs usar a palavra *terrorismo* para se referir a “qualquer ação [...] destinada a causar morte ou graves lesões corporais a civis ou não combatentes, quando o propósito de tal ato, por sua natureza ou por seu contexto, for intimidar uma população, ou obrigar um governo ou uma organização internacional a fazer, ou abster-se de fazer, qualquer ato” (MARTHOZ, 2018, p.19-20)

Entretanto, apesar da falta de uma definição consistente, algumas características são comuns a todos os tipos de terrorismo, haja vista que há aqueles relacionados à extrema direita e à extrema esquerda, bem como aqueles associados aos movimentos pro-independência e, mais atualmente, aqueles de “inspiração religiosa”, como é o caso do terrorismo relacionado à *Charlie* (MARTHOZ, 2018, p.22).

A primeira dessas características é que os ataques terroristas apresentam consequências psíquicas e materiais que ressoam além dos atos de violência comum. Em segundo lugar, os ataques são atos considerados imprevisíveis e constituem o que Walter Laqueur (apud NEVES, 2005, p. 16) chama de “guerra assimétrica”. Em outras palavras, isso significa que os adversários não possuem tempo nem estratégia para se defenderem de um ataque terrorista, tornando-o um método cruel de controlar a sociedade através do medo.

Atualmente, tendo em vista o ataque à *Charlie Hebdo*, assim como outros ataques, os atentados estão se baseando fortemente numa perspectiva religiosa. Citando Walter Laqueur, Neves (2005, p.18-20) diz que “o islamismo radical é a única força de importância no cenário internacional”, pois, de acordo com o autor, os conflitos pós Guerra Fria seriam aqueles entre as diversas civilizações.

¹⁴ No original: “Los cínicos suelen comentar que lo que para un Estado es ‘terrorista’, para el otro es el ‘combatiente de la libertad’. Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/terrorism_definitions.html>. IN.: NEVES, 2005, p. 16.

Ao explicar mais sobre o assunto, Neves (p.18-20) aborda o fato de que os principais ataques terroristas do século XXI, no caso os ataques às Torres Gêmeas em Nova York, no ano de 2001, e o ataque às estações de trem em Madri, ocorreram a partir da “concepção integrista do credo islâmico”¹⁵.

Assim, Khaled Chouket (APUD NEVES, 2005, p.20) afirma que os terroristas formam um grupo, enquanto os muçulmanos são outro grupo, dando ênfase a dados estatísticos: “os árabes são 250 milhões de pessoas. E Osama bin Laden, com todas suas organizações, como máximo representa 30 a 40 mil. Creio que há uma diferença muito grande entre estes e a maioria dos cidadãos”. Desse modo, reitera-se o clichê de que os praticantes do Islamismo não apoiam o terrorismo, apesar de muitas vezes a mídia fazer uso dessa associação e reforçar o discurso eurocêntrico.

Ao tratar da relação entre terrorismo e mídia, Neves (p.36-38) aborda as vantagens que foram obtidas com a globalização. Segundo ela, um público maior passou a ter acesso às informações relativas ao terrorismo, pois por meio das tecnologias, uma pessoa do Brasil pode saber o que está acontecendo/aconteceu no outro lado do mundo, por exemplo.

Além da possibilidade de atingir um público maior, as novas tecnologias também favorecem o fluxo de informações mais rápido e instantâneo, como é o caso da Internet, por exemplo, em que determinados eventos podem ser transmitidos ao vivo. Nesse sentido, é possível pensar que a rapidez, por sua vez, ocasiona uma possível queda da qualidade do que é dito/escrito, aumentando o risco de erros. Por outro lado, é esta mesma rapidez que favoreceu o acesso a outras fontes que confirmam dados sobre um ataque terrorista, por exemplo.

Desse modo, todo cuidado é pouco ao tratar deste tipo de notícia, já que a maneira como um ataque é divulgado, por exemplo, pode prejudicar no combate ao terror. Isso porque o terrorista também tem interesse na divulgação midiática de seus atos, já que “o êxito de sua agressão depende da difusão que os periodistas dão” (NEVES, 2005, p.34, tradução minha).

Assim, a primeira coisa a que os jornalistas precisam atentar ao produzir materiais jornalísticos sobre terrorismo é lembrar, inicialmente, que a mídia e o governo são atores diferentes no combate ao terror. Independente do modo como tais atores agem neste combate, é preciso entender que “na guerra contra o

¹⁵ No original: “(...) de una concepción integrista del credo islâmico”.

terrorismo, como em qualquer guerra, a informação que vem de ambas as partes é informação interessada” (TAIBO, C., APUD NEVES, 2005, p.39)¹⁶.

Por isso, a autora ressalta que o papel da mídia é informar bem, acompanhando o papel do governo nesta luta sem omitir os dados que o governo preferiria não divulgar. Entretanto, alguns dados devem ser mantidos em sigilo, por parte do governo, para que determinadas informações não prejudiquem a caçada aos terroristas.

Neves (2005, p.42-45), bem como Marthoz (2018), mencionam outras recomendações para uma boa atuação na cobertura midiática de ataques terroristas. Sendo assim, eles citam que é prudente oferecer uma formação especial aos jornalistas para que problematizem cada vez mais a contribuição da imprensa na luta antiterrorista e, principalmente, como essa contribuição se dará.

Além disso, é preciso evitar ser uma “fonte de oxigênio” e difundir valores terroristas, parafraseando as declarações destes grupos e frisando o respeito às vítimas e aos seus familiares. E para finalizar, ambos os autores devem evitar cobrir *pseudoacontecimientos*, que são informações cuja relevância social é nula, tendo por objetivo apenas chamar a atenção do público.

Nessa perspectiva, no próximo capítulo, vamos analisar o *corpus* para ver como foi a cobertura da *Folha de S. Paulo* acerca do atentado à *Charlie Hebdo* a fim de depreender como que a divulgação do ataque referido interfere na representação dos grupos envolvidos, em especial dos praticantes do Islamismo, objetivo principal deste trabalho.

¹⁶ No original: “en la guerra contra el terrorismo, como em cualquier guerra, la información que viene de ambas partes es información interesada”.

Capítulo 04: Análise do *corpus*

Neste capítulo, inicialmente, apresentar-se-á o *corpus* de análise para depois abordar os critérios e a metodologia utilizados nas análises dos textos. Em seguida, apresentar-se-ão os grupos que compõem o endogrupo e o exogrupo, para darmos início às análises.

No processo de pesquisa, leitura e coleta, verificou-se maior incidência de textos sobre o atentado nos dias 08, 10 e 17 de janeiro e 23 de março de 2015. Em fevereiro não foram encontrados textos relativos ao atentado nem aos desdobramentos que o ataque propiciou. Seguem, em quadros, as listagens do material encontrado nessas datas, começando, no dia 08 de janeiro de 2015, pela manchete e chamada de primeira página “Terroristas islâmicos matam 12 em jornal de Paris; multidão vai às ruas”, que se refere à extensa matéria publicada na quase totalidade do caderno Mundo, em cuja página inicial (p. A8) noticia-se o atentado com título “Terroristas matam 12 em jornal de Paris para ‘vingar Maomé’”, a que se seguem textos que aprofundam nas páginas seguintes os detalhes dos acontecimentos, cujos títulos e gêneros estão no quadro abaixo e a íntegra no Anexo 01¹⁷:

Tabela 2- Gêneros publicados no dia 08 de janeiro de 2015

Texto	Título	Gênero	Autoria
Texto 01 (p. A1)	Terroristas islâmicos matam 12; multidão vai às ruas	Manchete e chamada de primeira página	FSP
Texto 02 (p. A8)	Terroristas matam 12 em jornal de Paris para ‘vingar Maomé’	Notícia principal	FSP
Texto 03 (p. A9)	Polícia identifica dois atiradores como franceses de origem árabe	Notícia detalhada	Graciliano Rocha (colaborador, de Paris)

¹⁷ O material disponível nos Anexos foi coletado na versão online da *Folha de S. Paulo*. Isso quer dizer que, mesmo levando em conta detalhes encontrados na versão impressa, a análise feita deste *corpus* também leva em consideração aspectos dos textos online.

Texto 04 (p. A9)	Semanário sempre ironizou qualquer tipo de instituição	Perfil	João Batista Natali
Texto 05 (p. A10)	Apesar de ameaças, diretor editorial do 'Charlie Hebdo' não se intimidava	Reportagem	FSP
	Box 1: Cartunista morto era visto como lenda entre colegas franceses	Perfil	Das agências de notícias
	Box 02: "Fui morar em Paris por causa dos quadrinhos de Wolinski"	Depoimento	Adão Iturrusgarai quadrinhista da Folha
Texto 06 (p. A11)	Cerca de 100 mil vão às ruas por vítimas de atentado na França	Notícia	Gustavo Ribeiro
Texto 07 (p. A12)	Ataque contra a mídia é o pior desde 2009, diz entidade	Notícia	Nelson de Sá
Texto 08 (p. A12)	Maioria dos turistas brasileiros em Paris não sabia de atentado	Notícia	Colaboração para a Folha, em Paris
Texto 09 (p. A12)	Integração de muçulmanos à Europa é alvo de manipulação	Artigo de opinião	Diogo Bercito (enviado especial a Paris)
Texto 10 (p. A13)	Jornal foi alvo por ir até as últimas consequências, diz Cohn-Bendit	Entrevista	Rodrigo Vizeu

Essa listagem não esgota todo o material publicado no caderno Mundo no dia 08 de janeiro, pois os textos maiores são complementados e contrastados por

cartuns polêmicos, fotos, citações de personalidades, ilustrações do ataque, minibiografias dos mortos etc. Pelo fato de a divisão do material das páginas ser aproximada, optamos por tratar como textos independentes aqueles com autoria diferenciada, gêneros marcadamente distintos, temas mais distantes, diagramação menos integrada.

O material encontrado no dia 10 de janeiro é uma continuação da matéria especial do dia 08 de janeiro, dando ênfase principalmente, à “caçada aos terroristas”. Segue a tabela dos textos publicados no dia 10, também no caderno Mundo:

Tabela 3 - Gêneros publicados no dia 10 de janeiro de 2015

Texto 11 (p. A8 E A9)	Após cerco, polícia francesa mata irmãos responsáveis por ataque ao 'Charlie Hebdo'	Notícia	Diogo Bercito Ana Carolina Dani Graciliano Rocha
Texto 12 (P. A10)	Autor de atentado encontrou Sarkozy em 2009, diz jornal	Notícia	Das agências de notícia
Texto 13 (P. A10)	“Não deixaremos de criticar as religiões”, diz sobrevivente do “Charlie Hebdo”	Notícia	Isabelle Hanne
Texto 14 (p. A11)	França deve endurecer medidas contra terrorismo	Notícia	Das agências de notícias
Texto 15 (p. A11)	Terroristas devolvem cão a dono de carro	Notícia	FSP
Texto 16 (p.A12)	Internautas criam a campanha “Eu não sou Charlie” na rede	Notícia	Diogo Bercito (enviado especial a Paris)

No dia 17 de janeiro de 2015, nas duas primeiras páginas do caderno Mundo, a *Folha* publicou uma matéria sobre os desdobramentos do ataque, constituída por quatro textos, que abordam uma operação de busca aos terroristas no continente europeu e, pela primeira vez, enfatiza-se a perspectiva dos muçulmanos sobre o atentado. Veja os detalhes a seguir:

Tabela 4 - Gêneros publicados no dia 17 de janeiro de 2015

Texto 17 (p. A8)	Operação na Europa detém 31 suspeitos de terrorismo	Notícia	Leandro Colon
Texto 18 (p. A8)	Islâmicos celebram extremistas em protestos contra caricaturas	Notícia	Das agências de notícias
Texto 19 (p. A9)	'Não há liberdade na França', diz humorista	Artigo e Perfil (gênero híbrido)	Leonardo Padura
Texto 20 (p. A9)	Cameron e Obama decidem vigiar a internet	Notícia	Giuliana Vallone (de Nova York)

No mês de março, encontrou-se uma matéria composta por uma entrevista e um contraponto em forma de notícia, publicada no dia 23, cujos detalhes estão na tabela a seguir:

Tabela 5 – Gêneros publicados no dia 23 de março de 2015

Texto 21 (p. A12)	A arte tem obrigação de provocar o islã, diz autor de desenho de Maomé	Entrevista a Lars Vilks	Juliana Gragnani
Texto 22 (p.A12)	'Minorias já são provocadas todos os dias', diz líder de associação islâmica	Notícia	Juliana Gragnani

Essa amostra inicial de textos foi lida à luz de categorias apresentadas anteriormente no âmbito da Análise Crítica do Discurso (VAN LEEUWEN, 2008; VAN DIJK, 1998; 2003; 2005; 2012; 2015; 2016), que em diálogo com os Estudos Culturais (SAID, 1990; 2011) revelam as estratégias e o posicionamento da FSP quanto às representações do grupo religioso islâmico e à polêmica da liberdade de expressão. Indicamos, no início dos tópicos de análise, os textos mais produtivos em cada aspecto analisado.

Também consideramos nas análises os cotextos e recursos visuais relacionados aos textos, trazendo elementos visuais que não foram listados nas tabelas de textos anteriores. Dividimos a análise em dois grandes tópicos, *As representações sociais dos grupos identificados como exogrupo* e *As representações sociais dos grupos identificados como endogrupo*, que expressam a polarização ideológica entre o exogrupo, objeto deste trabalho e associado aos atores orientais, e endogrupo, perspectivado residualmente nos textos como ocidentais.

Tal como sugere van Dijk com a macroestratégia do quadrado ideológico que atravessa as demais estruturas discursivas, espera-se uma autoavaliação positiva do endogrupo e outra avaliação negativa do exogrupo. Esses tópicos foram divididos em subtópicos, para considerar especificidades dos subgrupos relacionados ao exogrupo – terroristas e islâmicos – e do endogrupo – as vítimas do ataque (jornalistas/cartunistas) e a revista *Charlie Hebdo*¹⁸.

4.1 As representações sociais dos grupos identificados como exogrupo (os terroristas e os orientais islâmicos)

Nesta seção serão analisados os grupos que, diante da polarização “Nós versus Eles” são retratados como *eles*. Destarte, levando-se em conta o quadrado da polarização ideológica, partimos do pressuposto de que os membros do exogrupo aqui enfocados (os terroristas e muçulmanos) são apresentados negativamente, de modo a validar práticas preconceituosas em relação a tais grupos.

4.1.1 A representação dos terroristas

A partir da análise do material coletado, selecionaram-se os seguintes textos com maior ênfase na representação social dos terroristas. Este conjunto é composto por nove textos que pertencem majoritariamente aos gêneros informativos, de modo específico a notícia, manchete e chamada de primeira página. A seguir, o quadro com a numeração, o título, o gênero e a autoria dos textos, bem como as suas respectivas datas de publicação.

¹⁸ A escolha por fazer uma análise dos outros grupos envolvidos no ataque, além dos muçulmanos, partiu do ato de que por meio das representações suscitadas, eu poderia inferir o posicionamento da *Folha* perante a polêmica da liberdade de expressão.

Tabela 6 –Gêneros analisados na representação dos terroristas

Texto	Título	Gênero	Autoria	Data de publicação
Texto 01	Terroristas islâmicos matam 12; multidão vai às ruas	Manchete e chamada de primeira página	FSP	08/01/2015
Texto 02	Terroristas matam 12 em jornal de Paris para 'vingar Maomé'	Notícia principal	FSP	08/01/2015
Texto 03	Polícia identifica atiradores como franceses de origem árabe	Notícia	Graciliano Rocha (colaborador, de Paris)	08/01/2015
Texto 09	Integração de muçulmanos à Europa é alvo de manipulação	Artigo de opinião	Diogo Bercito (enviado especial a Paris)	08/01/2015
Texto 11	Após cerco, polícia francesa mata irmãos responsáveis pelo ataque ao "Charlie Hebdo"	Notícia	Diogo Bercito Ana Carolina Dani Graciliano Rocha	10/01/2015
Texto 14	França deve endurecer medidas contra o terrorismo	Notícia	Das agências de notícias	10/01/2015
Texto 15	Terroristas devolvem cão a dono de carro	Notícia	FSP	10/01/2015
Texto 17	Operação na Europa detém 31 suspeitos de terrorismo	Notícia	Leandro Colon	17/01/2015
Texto 18	Islâmicos celebram extremistas em protestos contra caricaturas	Notícia	Das agências de notícias	17/01/2015

Um exame dos modelos de contexto dos gêneros jornalísticos que se fazem presentes nesta análise é de suma importância para entender as estruturas do evento comunicativo noticioso, relacionando-as às estruturas do discurso a elas

associadas. Isso porque os discursos dominantes exercem sua influência por intermédio do contexto da situação comunicativa.

Ao fazer uma análise dos parâmetros do contexto comunicativo adotados nos textos acima listados, tal como propôs van Dijk em *Discurso e Contexto* (2012), foram encontradas as seguintes informações. Os textos, com exceção do texto 09¹⁹, pertencem ao gênero informativo, no qual predomina o registro dos fatos de maneira exata e objetiva, e têm como objetivo informar os leitores. Entretanto, dizer que tal gênero é objetivo soa utópico, pois o próprio Manual Geral de Redação da FSP, doravante MGR, diz que não há neutralidade em jornalismo, haja vista que decisões subjetivas conformam também a edição de um texto (1987, p.34).

Quanto ao ambiente constituído pelas coordenadas de tempo e espaço dos contextos de notícias, os textos reportam a partir do Brasil, mais especificamente de São Paulo e para um público brasileiro, os acontecimentos que eclodiram com o ataque à revista francesa em uma sequência temporal, com prioridades e objetivos específicos de acordo com a data de publicação: no dia 08, trata-se especificamente de fornecer informações detalhadas, precisas e claras sobre o ataque e as vítimas.

No dia 10, os textos publicados são uma continuação da matéria iniciada dois dias antes e abordam, mais especificamente, os terroristas. Como foram, praticamente, três dias de violência²⁰, no dia 10, as informações tratam sobre as investigações que ocorreram até a captura dos terroristas no dia 09.

E no dia 17, as notícias têm por objetivo aprofundar informações relativas à segurança no que tange ao terrorismo.

Foram estabelecidos como participantes da situação comunicativa o(s) leitor(es) e os jornalistas que escreveram os textos. No entanto, além dos jornalistas, toda a instituição denominada *Folha de S.Paulo* se constitui como participante, já que todos os seus profissionais contribuem de algum modo na fabricação de um discurso que respeita critérios e interesses institucionais, que se propõe a ser o mais objetivo, informativo, coerente e, que em determinados momentos, abre espaço para discordâncias.

¹⁹ Na análise do grupo do Islã e dos muçulmanos será feita uma análise mais detalhada deste texto. Por isso, optou-se por dar, aqui, preferência à análise dos outros textos devido ao fato de eles pertencerem ao gênero informativo.

²⁰ No dia 07 de janeiro de 2015, ocorreu o ataque à Charlie; no dia 08, uma agente foi morta, e o suspeito pelo assassinato é o terrorista Amedy Coulibaly, conforme indica o texto 12; e no dia 09, a polícia francesa assassinou os responsáveis pelo ataque à revista.

Os jornalistas que foram identificados como participantes constituem o Eu-mesmo, pois são eles os responsáveis, junto com os editores, pelo enquadramento do modelo de evento ou situação, isto é, o modo como o fato será reportado, o controle sobre aspectos do modelo de contexto, tais como gênero e estruturas discursivas.

Quanto aos papéis comunicativos, o jornalista e o leitor exercem papéis no evento comunicativo, supostamente em acordo quanto à veracidade das informações, à objetividade e à imparcialidade.

Também sabe-se que a FSP segue alguns princípios e valores, e que tais funcionarão como guias para os jornalistas escreverem os seus textos. De acordo com o projeto editorial, um desses princípios consiste em estabelecer uma distinção visível entre os relatos e os comentários opinativos.

Em uma análise do tópico discursivo global, a cobertura do dia 08 de janeiro já se inicia associando um ato de terror a uma religião específica sem antes detalhar sobre a identidade dos criminosos, como a manchete *Terroristas islâmicos matam 12; multidão vai às ruas* indica. Os perpetradores só são identificados na primeira página do caderno *Mundo*, por meio de fotos 3X4 localizadas acima do texto e no canto direito inferior da imagem, que ocupa aproximadamente 50% da página. Veja:



Terroristas matam 12 em jornal de Paris para 'vingar Maomé'

★ ALVOS ERAM CARTUNISTAS DO SATÍRICO 'CHARLIE HEBDO'; ATIRADORES SABIAM HORÁRIO DE REUNIÃO
★ PRESIDENTE FRANÇOIS HOLLANDE PEDE UNIÃO NACIONAL; 'EU SOU CHARLIE' VIRA EMBLEMA DO LUTO

Terroristas encapuzados mataram a tiros de fuzil 12 pessoas e feriram 11 nesta quarta-feira (7), na Redação do jornal satírico "Charlie Hebdo", em Paris. Foi o atentado com maior número de mortes na Europa desde 2005, quando bombas explodiram no metrô e num ônibus em Londres, com 52 vítimas.

Entre os mortos estão oito jornalistas do semanário, sendo quatro cartunistas — incluindo o diretor do jornal, Stéphane Charbonnier (o Charb), e Georges Wolinski, expoente do gênero no país —, e dois policiais. Em seguida à ação, os atiradores gritaram: "Nós

vingamos o profeta Maomé". Nenhum grupo assumia a autoria do atentado. O governo francês informou a identidade de dois dos três suspeitos, de origem árabe. O terceiro se entregou após uma grande operação policial.

Desde 2006, quando passou a publicar cartuns do profeta fundador do islamismo, o "Charlie Hebdo" sofre ameaças e atentados de extremistas.

O ataque seguiu um plano meticuloso: os terroristas chegaram ao local pouco depois das 11h locais (8h de Brasília), enquanto a equipe do jornal fazia a

sua reunião semanal de pauta. Os três atiradores gritaram nomes dos jornalistas enquanto os matavam.

Líderes de todo o mundo condenaram o ataque e ofereceram apoio ao presidente francês, François Hollande, que pediu a união de seus compatriotas. Milhares saíram às ruas da França. A frase "Je Suis Charlie" (Eu Sou Charlie) tornou-se o emblema do luto, estampando sites de jornais franceses e cartazes e liderando os tópicos mais comentados no Twitter.

» LEIA MAIS nas págs. A9 e A13

CARTUNS POLÊMICOS 'Charlie Hebdo' coleciona provocações em suas capas



Figura 3 - Página inicial do caderno Mundo (08/01/2015)

Na análise do corpo do texto, o enquadramento acerca dos perpetradores também visa a focar a ascendência deles, associando-a, ainda que de modo indireto, à religião islâmica, como nos seguintes trechos retirados da chamada e das notícias *Terroristas islâmicos matam 12 em jornal de Paris; multidão vai às ruas* (texto 01); *Terroristas matam 12 em jornal de Paris para 'vingar Maomé'* (texto 02) e *Polícia identifica atiradores como franceses de origem árabe* (texto 03), respectivamente:

Excerto 01: a polícia identificou dois irmãos franceses de origem árabe, Said e Chérif Kouachi, de 34 e 32 anos, respectivamente, e Hamyd Mourad, 18 anos, como suspeitos. O mais jovem se rendeu à noite. Milhares de pessoas foram às ruas em várias cidades da França e do mundo.

Excerto 02: Em seguida à ação, os atiradores gritaram: "Nós vingamos o profeta Maomé". Nenhum grupo assumia a autoria do atentado. O governo francês informou a identidade de dois dos três suspeitos, de origem árabe. O terceiro se entregou após uma grande operação policial.

Excerto 03: As identidades dos outros dois suspeitos foram confirmadas pela polícia de Paris na noite de quarta: os irmãos Said, 34, e Chérif Kouachi, 32 - franceses de origem árabe, que seriam moradores de Gennevilliers (periferia de Paris).

Tal ascendência também pode ser percebida no excerto abaixo do texto 18, intitulado *Islâmicos celebram extremistas em protestos contra caricaturas*:

Excerto 04: Na Argélia, país de onde vieram os pais dos irmãos Kouachi, a condenação aos desenhos foi repetida nos sermões desta sexta nas mesquitas, por ordem do Ministério de Assuntos Religiosos.

O que se percebe é que o jornal brasileiro trata as diferenças entre ocidentais e orientais como naturais, numa tentativa de fixar a diferença e legitimar as relações de poder estabelecidas, já que ser francês e muçulmano ou ter origem árabe, ao mesmo tempo, parece não ser compatível.

Nessa perspectiva, pergunta-se: será mesmo que a *Folha* não qualifica ninguém por meio da naturalidade, como indica o verbete *Preconceitos*, no MGR? Leia-se:

A **Folha** não admite preconceitos nos textos que publica. Ninguém é qualificado por sua origem étnica, naturalidade, confissão religiosa, situação social, preferências sexuais, deficiências físicas ou mentais, exceto quando essa qualificação for indispensável para tornar completa a informação que o texto veicula. (1987, p.35) ²¹

²¹ Após a leitura deste verbete, pode-se questionar: por que a ascendência dos terroristas torna-se uma qualificação indispensável?

Portanto, representar os terroristas por meio de sua religião e nacionalidade, o que exemplifica a categoria da impessoalização, cria uma relação entre os grupos e a propensão de realizar ataques terroristas, desconsiderando

A massiva exclusão socioeconômica sofrida pelos imigrantes islâmicos e de seus descendentes e a repetida desconsideração legal quanto às suas sensibilidades religiosas [...], sugerem que, apesar de formalmente inseridos enquanto cidadãos de direito, não têm sido incluídos com igualdade efetiva na sociedade [...] (BRUHN, 2018, p.50).

Nesse sentido, há uma propensão em tratar os imigrantes muçulmanos como portadores de características de inimigos perigosos, visando a proteger o “nosso” povo.

Essa proteção é abordada no texto 17, intitulada *Operação na Europa detém 31 suspeitos de terrorismo*, que aborda a temática do antiterrorismo. Assim, pensando no quadrado da polarização ideológica, proposto por van Dijk e explicado na página 22, esta notícia tenderá a exaltar as qualidades dos ocidentais e minimizar os pontos negativos deste grupo, conforme se percebe, inicialmente, por meio do *lead*:

Excerto 05: Após ataques em Paris, polícia tenta dismantlar células de radicais
Continente é reduto de jovens jihadistas; para Europol, estrutura de redes dificulta muito a prevenção de atentados.

Como o *lead* noticioso responde as questões básicas do fato abordado (“o quê?”; “quem?”; “onde?”, “quando?”, “como?”, “por quê?”), concluímos que os sete primeiros parágrafos abordam a operação policial europeia contra terroristas como um símbolo de eficiência do Estado.

Por outro lado, a partir do 8º parágrafo, houve uma minimização das falhas ocidentais em relação à proteção dos ataques terroristas ocorridos entre 07 e 09 de janeiro de 2015:

Excerto 06: Chefe da Europol, agência de polícia dos países europeus, Rob Wainwright admitiu ser “extremamente difícil” prevenir ataques terroristas diante da estrutura de comando reduzida e sofisticada dos extremistas. Seriam de 2.500 a 5.000 deles circulando pelo continente.

Nota-se aí uma escolha lexical que amplifica a dificuldade e visa ocultar a responsabilidade da polícia europeia em prevenir ataques terroristas na Europa. E, para argumentar tal posicionamento, a FSP trouxe a categoria da autoridade como uma estratégia de validar e suportar a uma conclusão. Além disso, também se observa a estratégia do *jogo dos números*, que consiste em trazer o número

aproximado de terroristas que circulam na Europa, no sentido de favorecer a ideia defendida.

O mesmo ocorre no texto 14, *França deve endurecer medidas contra o terror*. A seguir, os últimos cinco parágrafos da notícia:

Excerto 07: Em entrevista à emissora TF1, Manuel Valls tentou amenizar as falhas do sistema de inteligência, que sabia da radicalização dos irmãos Kouachi, mas não pôde evitar o atentado.

"Não há risco zero. Nós sempre sabemos que podemos ser atingidos. Há sempre o risco de falhas. Nós precisamos saber e analisar o que aconteceu", disse.

Por outro lado, reconheceu que houve erros nas operações policiais nos ataques. "Quando há 17 mortes, houve falhas. Dezessete mortos em três dias é um fato que não acontecia há décadas".

Especialistas criticam o baixo monitoramento aos irmãos Kouachi, em especial após a ida do mais velho, Said, ao Iêmen em 2011.

Outros pontos são a baixa proteção policial à redação do "Charlie Hebdo" e as falhas na cooperação de segurança e inteligência entre Estados Unidos e França.

Nota-se que o primeiro-ministro francês da época assumiu a falha dos sistemas de inteligência no que tange à proteção do ataque. Entretanto, foi seguido da conjunção adversativa *mas* na terceira linha do primeiro parágrafo, que funciona como uma ressalva, uma estratégia de preservação do Nós. Nesse sentido, "nossos" atos negativos são reconhecidos e, ao mesmo tempo, minimizados, o que pode ser corroborado por meio dos dois últimos parágrafos, em que a opinião de especialistas é trazida para validar a eficiência ocidental. Em termos ideológicos, isso representa o fortalecimento da ideia de superioridade ocidental, que, às vezes, é falha, contudo, visa o constante aprimoramento.

Em uma análise local, foi possível encontrar adjetivos no intuito de descrever o ataque, centralizando a atenção na informação negativa sobre os terroristas. Leia um exemplo abaixo, retirado de um artigo de opinião cujo título é *Integração de muçulmanos à Europa é alvo de manipulação* (texto 09):

Excerto 08: Mas o ataque brutal de Paris, assim como episódios anteriores de violência radical na região, deixam por outro lado evidente o atrito entre países europeus e suas populações muçulmanas.

Neste exemplo, podemos notar que ainda os muçulmanos são considerados, no geral como radicais, brutos, violentos, favorecendo assim uma representação negativa deste grupo, além de apontar que há um conflito entre o Ocidente e o Oriente na última oração.

Hipérboles foram encontradas no *corpus* seguidas de alusões a outros ataques, persuadindo o leitor a aderir à tese proposta. Veja os exemplos abaixo, que iniciam os textos 01 e 02, respectivamente:

Excerto 09: No maior atentado na Europa em quase 10 anos e em um dos maiores contra a imprensa, três terroristas mataram a tiros 12 pessoas e feriram 11 em ataque à sede do jornal satírico "Charlie Hebdo", em Paris.

Excerto 10: Terroristas encapuzados mataram a tiros de fuzil 12 pessoas e feriram 11 nesta quarta-feira (7), na Redação do jornal satírico "Charlie Hebdo", em Paris. Foi o atentado com maior número de mortes na Europa desde 2005, quando bombas explodiram no metrô e num ônibus em Londres, com 52 vítimas.

Além disso, também foram encontradas as metáforas de *caçada aos terroristas* e de *caça a suspeitos*, realçando a natureza ameaçadora deste grupo ao estabelecer uma relação de semelhança entre os terroristas e animais. Outra passagem também descreve os terroristas como incapazes, conforme o excerto abaixo, retirado do texto 15, *Terroristas devolvem cão a dono do carro*:

Excerto 11: Além disso, nos dias seguintes ao atentado, os Kouachi não conseguiram traçar um plano de fuga.

Por meio dos exemplos anteriores, percebemos que os perpetradores do ataque são individualizados e transformam-se em tópicos da narrativa, sendo constantemente retomados pelos textos da *Folha* como protagonistas dos acontecimentos.

Ainda no que tange a estes atores, vale ressaltar que, muitas vezes, eles foram representados mediante o que van Leeuwen considera identificação relacional, em que o parentesco estabelecido entre os terroristas que cometeram o ataque à revista emerge no discurso, como mostra os exemplos abaixo retirados dos textos *Terroristas matam 12 em jornal de Paris para 'vingar Maomé'* (texto 02), *Após cerco, polícia francesa mata irmãos responsáveis por ataque ao 'Charlie Hebdo'* (texto 11), respectivamente:

Excerto 12: No comunicado sobre a ordem de busca, a polícia divulgou as fotos dos **irmãos** e deixou um telefone de contato para informações. Segundo a nota, eles são suspeitos de "estarem armados e serem perigosos". Um deles foi identificado depois de ter esquecido um documento dentro do carro durante a fuga.

Excerto 13: Cinquenta e quatro horas após o ataque à redação do jornal satírico "Charlie Hebdo", que deixou 12 mortos em Paris, a polícia da França cercou e matou os dois responsáveis pelo crime, **os irmãos** Said, 34, e Chérif Kouachi, 32, numa gráfica em Dammartin-en-Goële, a 35 km da capital.

A partir destes exemplos, a expressão *irmãos* estabelece uma relação familiar entre eles, o que reforça os modelos mentais de periculosidade em família.

Em termos de *layout* e diagramação, percebemos que o passo a passo do ataque foi descrito por meio de recursos multimodais, na parte superior da página A10. Veja:

A10 mundo ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 8 DE JANEIRO DE 2015 FOLHA DE S.PAULO

TERROR EM PARIS

“Esse ato de barbárie, além das lastimáveis perdas humanas, é um inaceitável ataque a um valor fundamental das sociedades democráticas: a liberdade de imprensa”
DILMA ROUSSEFF, presidente do Brasil

“Esse ato abominável é não só um ataque à vida de franceses e à segurança da França. É um ataque à liberdade de opinião e à liberdade da imprensa”
ANGELA MERKEL, chanceler da Alemanha

“Não devemos permitir que os valores que consideramos importantes de democracia, de liberdade de expressão, sejam prejudicados por estes terroristas”
DAVID CAMERON, primeiro-ministro do Reino Unido

PASSO A PASSO DO ATAQUE
Terroristas entram na sede entre as 11h e 11h30 da manhã

1 Homens fortemente armados chegam ao edifício da sede, divulgado no próprio site do “Charlie Hebdo”

2 Dois deles ameaçam funcionária do jornal, a cartunista Corinne Rey (Coco), que abre porta do prédio com código de segurança. Na recepção, matam funcionário da manutenção do prédio

3 Eles interrompem reunião que decidia quais textos e desenhos entrariam na próxima edição do semanário e atiram. Matam no local dez pessoas: oito jornalistas, um convidado para a reunião e um policial que estava encarregado da segurança local. No momento do ataque, teriam gritado “Deus é o maior” e dito que queriam “vingar o profeta”

4 Na saída, encontram patrulha policial. Matam um agente, quando ele estava caído no chão. Cena é filmada

5 Atiradores fogem em um Citroën C3 preto

Figura 4 - FSP, 08/01/2015

O detalhamento do ataque, bem como dos assassinatos das vítimas, enfatiza a comoção pública, de modo a fazer o leitor se identificar com as vítimas e a sentir repulso do ataque.

Os terroristas que perpetraram o(s) ataque(s) foram representados visualmente como procurados pela polícia, por meio de fotos 3X4, como na imagem a seguir, retirada da matéria publicada no dia 10/01/2015:



Imagem mostra momento da invasão policial no mercado Hyper Cacher, no leste de Paris; morto na ação, o sequestrador, Amedy Coulibaly, teria matado 4 reféns durante sequestro

TERROR EM PARIS

Após cerco, polícia francesa mata irmãos responsáveis por ataque ao 'Charlie Hebdo'

Said e Chérif Kouachi fizeram refém em gráfica; membro da Al Qaeda reivindica ataque ao jornal satírico, que matou 12

Em outra ação, polícia mata sequestrador que disse ser ligado a irmãos em mercado de Paris; quatro reféns morreram

DIOGO BERCITO
ENVIADO ESPECIAL A PARIS
ANA CAROLINA DANI
GRACILIANO ROCHA
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM PARIS

Cinquenta e quatro horas após o ataque à redação do jornal satírico "Charlie Hebdo", que deixou 12 mortos em Paris, a polícia da França cercou e matou os dois responsáveis pelo crime, os irmãos Said, 34, e Chérif Kouachi, 32, numa gráfica em Dammartin-en-Goële, a 35 km da capital.

Outro cerco nesta sexta (9), a um mercado judaico de Paris, matou o sequestrador Amedy Coulibaly, 32. Quatro reféns foram mortos —segundo o procurador François Moulins, pelo sequestrador— e outros 15 foram libertados.

Coulibaly, suspeito de matar uma policial na quinta (8), disse em entrevista à TV durante o sequestro agir em coordenação com os Kouachi e ser ligado ao Estado Islâmico.

Um membro da Al Qaeda no Iêmen reivindicou o ataque ao "Charlie Hebdo" dizendo à agência Associated Press que a rede dirigiu a ação em Paris —segundo ele, "vingança pela bozura" do profeta Maomé, satirizado no jornal.

As autoridades francesas, por sua vez, confirmaram a associação dos Kouachi com a Al Qaeda. Said viajou ao Iêmen em 2011, onde fez treinamento militar, e Chérif foi preso em 2005 tentando ir ao Iraque para combater os EUA.

DOIS CERCOS

Por volta das 17h (16h de Brasília), um grupo de assalto do GIGN (tropa de elite da polícia) invadiu a pequena gráfica CTD, onde os Koua-



Policiais no topo de prédio vizinho à gráfica onde os irmãos Kouachi se refugiaram

OS ENVOLVIDOS

MORTO	MORTO	MORTO	PROCURADA
SAID KOUACHI, 34 Com o irmão, foi responsável pelo atentado ao jornal "Charlie Hebdo". Ele teria treinado e se encontrado com líderes da Al Qaeda no Iêmen ao viajar ao país em 2011	CHÉRIF KOUACHI, 32 À TV, assumiu ataque ao jornal. Filho de argelinos, nasceu em Paris. Por integrar rede que enviava franceses para o braço da Al Qaeda no Iraque, foi preso em 2005	AMEDY COULIBALY, 32 Matou 4 reféns no mercado e teria assassinado policial um dia antes. De origem malinesa, nasceu em Paris. Teria participado de plano frustrado de fuga do autor de ataque em Paris em 1995	NAYAT BOUMEDIENNE, 26 Companheira de Coulibaly, estava foragida até a noite de sexta; não é claro seu papel nos ataques dos últimos dois dias. Foi interrogada em 2010 por encontro com terroristas

chi se escondiam desde a manhã lançando bombas e disparando armas automáticas. Duas pessoas no local saíram ilésas; o dono da gráfica, feito refém, foi libertado antes da invasão policial; e um funcionário de 26 anos, que se escondeu numa caixa de pape-

lão sem que os terroristas notassem, saiu no fim do cerco. Após dois dias de fuga com 80 mil policiais em seu encalço, os autores do mais sangrento ataque recente na França abandonaram um Peugeot 206 e buscaram refugio na zona industrial perto do ae-

roporto Charles de Gaulle. Por volta das 9h locais, eles invadiram a gráfica. Alertada, a polícia montou gigantesco aparato, com centenas de policiais, carros e helicópteros. Atiradores de elite se postaram nos prédios vizinhos, e estradas foram bloqueadas.

Segundo o procurador Moulins, os irmãos aliraram ao perceberem a iminência da invasão. O som de tiros e bombas na operação durou cerca de um minuto. Um lançador de granadas, dois fuzis Kalashnikov e duas pistolas foram achados com os terroristas.

Antes da invasão, Chérif atendeu o telefone da gráfica e falou ao canal BFMTV. Disse que não matara civis na "Charlie Hebdo", mas "alvos", e declarou que ele e o irmão eram "defensores do profeta".

Minutos após as forças de segurança invadirem a gráfica, a polícia rompeu também o cerco ao supermercado judaico na região leste de Paris. A ação foi coordenada com tiros e explosões, enquanto reféns eram libertados. Dezenas de policiais bloquearam o entorno. "As ações foram concitantes, para salvar o maior número de reféns", disse Gael Fabiano, da polícia.

O Hyper Cacher, mercado tomado pelo sequestrador, está numa região de numerosa população judaica. Julien Mathieu, gerente do hotel Le Rousseau, na frente do mercado, disse à Folha ter ouvido tiros e retirado os clientes do restaurante pelos fundos.

Mathieu diz ter visto a operação de sua janela. "Um policial caiu, atingido por uma bala. Foi uma cena horrível." As escolas no perímetro de segurança mantiveram seus alunos ali durante o dia. "Estou do lado de fora e não posso ir buscar meus filhos na creche", afirmou Nathalie Tuill, mãe de duas crianças.

No bairro parisiense do Marais —distante do mercado, estava foragida até a noite de sexta—, o temor de ataques fez com que lojas na rue des Rosiers fossem fechadas.

AMEAÇA PERSISTE

Em discurso após o fim dos cercos, o presidente François Hollande pediu união e disse que a França "enfrentou, mas não acabou" com as ameaças. Ele chamou o ataque ao mercado de ato de antissemitismo, sem relação com o islã. O presidente dos EUA, Barack Obama, afirmou que está "do lado" dos franceses.

■ LÊIA MAIS nas páginas A9 e A14

Figura 5 - FSP, 10/01/2015

Observa-se que esta imagem localiza-se na dobra vertical²² da página e indica, em nível multimodal, do que trata o texto escrito. Neste sentido, é possível inferir que o texto escrito está diagramado às margens desta figura porque é em torno do evento que ela representa que há informações importantes.

Como a notícia aborda sobre a caçada policial, são observadas imagens 3X4 dos terroristas perseguidos, sendo estas um recurso multimodal para que a narrativa acerca da atividade desencadeada pela polícia fosse desenvolvida. Além disso, para entender tais imagens 3X4, o leitor precisa acionar seu conhecimento de mundo e associá-las ao fato de que, no Ocidente, tal tipo de foto é utilizado pela polícia quando alguém está desaparecido e precisa ser encontrado urgentemente, ou fora morto.

Junto a isso, além de mencionar a reação de autoridades políticas sobre o caso no layout especial desenvolvido para a cobertura do ataque, a *Folha* também recorre à repercussão midiática do ataque em instituições internacionais. Nesse sentido, o jornal aqui em análise constrói um discurso em que o atentado é uma ameaça que tem alcance global (BRUHN, 2018, p. 59). Neste sentido, em adição à hipérbole “brutal”, a FSP recorre a uma estratégia multimodal, tentando convencer o leitor a fazer parte desse consenso e caracterizando o atentado como uma ameaça à liberdade de expressão e de imprensa.

Veja a imagem abaixo, retirada da matéria publicada no dia 08 de janeiro de 2015, na parte inferior da página A12:



Figura 6 - FSP, 08/01/2015

Por intermédio deste exemplo, notamos que a FSP privilegia outras instituições jornalísticas, que são instâncias produtoras de representações sociais. Entretanto, o fato de a *Folha* abrir espaço para o que outros jornais abordam sobre o

²² Segundo o Manual geral da Redação (1987, p.152), dobra vertical é a “parte central da largura do jornal quando aberto”.

ataque não quer dizer, necessariamente, que haja democratização, já que o fato de dar espaço a instituições ocidentais leva a uma análise eurocêntrica do ataque, reproduzindo estigmas contra o oriental.

Ainda nessa perspectiva, a FSP entrevistou brasileiros que moram em Paris de modo a guiar a comoção pública. No 4º parágrafo do texto 08, *Maioria de brasileiros não sabia de atentado em Paris*, o jornal estabelece um contraste entre os turistas e os imigrantes brasileiros que mora(va)m em Paris. Leia os 4º e 5º parágrafos:

Excerto 14: A tranquilidade dos turistas contrasta com a tensão e tristeza dos brasileiros que moram em Paris.

"Quero ter filhos com meu namorado e tenho medo pois não sei em qual sociedade eles viverão daqui pra frente", afirmou Denise Rodrigues, 29.

Nesse sentido, Bruhn (2018, p.67) destaca muito bem que ao mostrar que há brasileiros implicados no ataque, o consenso sobre a periculosidade e o medo dos terroristas é mobilizado. Isso quer dizer que esse consenso passa a ser comum para diferentes partes do mundo, inclusive o Brasil.

4.1.2 A representação do Islã e dos muçulmanos

Antes de iniciar a análise, segue abaixo a tabela com os títulos dos textos analisados, bem como seus respectivos gêneros, seus autores e a data de publicação:

Tabela 7 –Gêneros analisados na representação do Islã

Texto	Título	Gênero	Autoria	Data de publicação
Texto 04	Semanário sempre ironizou qualquer tipo de instituição	Perfil	João Batista Natali	08/01/2015
Texto 06	Cerca de 100 mil vão às ruas por vítimas de atentado na França	Notícia	Gustavo Ribeiro	08/01/2015
Texto 09	Integração de muçulmanos à Europa é alvo de manipulações	Artigo de opinião	Diogo Bercito (enviado especial a Paris)	08/01/2015

Texto 10	Jornal foi alvo por ir até as últimas consequências	Entrevista	Rodrigo Vizeu	08/01/2015
Texto 14	França deve endurecer medidas contra terror	Notícia	FSP	10/01/2015
Texto 18	Islâmicos celebram extremistas contra caricaturas	Notícia	Das agências de notícias	17/01/2015
Texto 21	'A arte tem obrigação de provocar o islã', diz autor de desenho de Maomé	Entrevista a Lars Vilks	Juliana Gragnani	23/03/2015
Texto 22	'Minorias já são provocadas todos os dias', diz líder de associação islâmica	Notícia	Juliana Gragnani	23/03/2015

Ao ler o material de análise, percebemos que a escrita dos gêneros jornalísticos sobre este grupo varia entre os gêneros informativos e os opinativos, sobretudo por meio do uso de notícia, entrevista e artigo de opinião. Assim, são apresentados outros modos de expressar um ponto de vista subjetivo acerca de um fato, buscando um respaldo em diferentes questões para melhor interpretar as notícias.

Esses gêneros reconfiguram os modelos de contextos anteriores, muito embasados na notícia, buscando reorientar o espaço institucional da *Folha* e os participantes envolvidos, que desta vez variam entre os jornalistas, aqueles que participa(ra)m das matérias e os leitores. Por exemplo, ao introduzir as entrevistas, têm-se as vozes do entrevistador e do entrevistado, mas é o primeiro que irá selecionar e controlar os tópicos abordados, tentando obter informação necessária do entrevistado sobre o assunto, enquanto este responderá perguntas pré-pautadas, mas que podem ser alteradas conforme a resposta do entrevistado. A entrevista é um formato no qual as relações interpessoais estão direcionadas à obtenção de informações.

Os jornalistas participantes também se configuram como Eu-mesmo, porque é a partir dos modelos mentais deles que as informações obtidas sobre o ataque são

interpretadas e transformadas nos textos escritos, bem como dos papéis sociais que eles encenam interferirão nos gêneros analisados.

Observamos que a *Folha de S. Paulo*, no contexto da cobertura sobre o ataque, parece abrir espaço à diversidade de opinião, conforme os princípios editoriais do jornal estabelecem, garantindo o contraditório. Dessa maneira, ela se autoapresenta de modo favorável, destacando seu *ethos* democrático e minimizando seus pontos negativos.

Além disso, percebemos que os textos enfocam temáticas diferentes, que vão desde o tópico global do ataque, passando pela discussão sobre a liberdade de expressão e a temática do antiterrorismo, até a imigração de muçulmanos à Europa. Com isso, as crenças e conhecimentos compartilhados não se restringem apenas ao que ocorreu na França no dia 07 de janeiro de 2015, mas também a questões referentes ao antiterrorismo e à polêmica sobre liberdade de expressão, assim como os sentimentos (anti)islamofóbicos.

Este último caso, por exemplo, pode ser ilustrado pelo artigo de opinião *Integração de muçulmanos à Europa é alvo de manipulações*. Ao lê-lo, percebemos que, nos dois primeiros parágrafos, o articulista, Diogo Bercito, capta a atenção do leitor, destacando a relevância do assunto abordado e deixando claro que há um conflito entre os praticantes da religião e o povo europeu, mesmo que não haja uma incompatibilidade entre o Islã e o Ocidente.

Isso está linguisticamente marcado pelas categorias da negação e ressalvas, exemplificadas pelo advérbio *não* e pela conjunção adversativa *mas*, respectivamente, conforme ler-se-á abaixo:

Não é verdade que o islã seja incompatível com a Europa "cristã e democrática", como será dito depois do atentado à Redação do "Charlie Hebdo". Nem que haja uma "guerra entre civilizações". Mas o ataque brutal de Paris, assim como episódios anteriores de violência radical na região, deixam por outro lado evidente o atrito entre países europeus e suas populações muçulmanas.

Seguindo adiante, nos 3º, 4º e 5º parágrafos, Bercito apresenta episódios de violência radical na Europa que servem de premissa para sua argumentação, justificando o porquê de haver um atrito entre as populações. Isso porque o conhecimento compartilhado socialmente é mais facilmente recuperado do que o conhecimento pessoal.

Todavia, é no 6º parágrafo que o articulista desenvolve o tópico expresso no título e apresentando o seu posicionamento. Aqui, Bercito explica que o grupo

político da direita francesa utiliza o fato de a população muçulmana na Europa crescer consideravelmente para discutir (e se posicionar contrariamente) à imigração na França. Como argumento, o autor cita o caso do ataque à revista francesa como explicação do seu posicionamento:

Excerto 15: O assunto é matéria-prima para a manipulação política em diferentes grupos. A direita francesa, por exemplo, é crítica à imigração ao país. Líderes islâmicos radicais mobilizam seus seguidores em torno de casos como o do "Charlie Hebdo", também.

Para finalizar, o articulista deixa claro que há uma preocupação de que a perseguição contra o Estado Islâmico instigue outros ataques, sem precisar quais círculos entenderiam esta luta como também contrária à religião islâmica. Veja:

Excerto 16: Também preocupa que a luta contra o EI, percebida em alguns círculos como uma "luta contra o islã", motive ataques como o desta quarta.

Nesse sentido, percebemos que os muçulmanos são aqui representados por uma temática negativa, não necessariamente associando-os aos terroristas, mas definindo-os, ainda que implicitamente, como um "problema" para a França.

Na análise do texto 18, *Islâmicos celebram extremistas em protestos contra caricaturas*, apesar de se notar a diferenciação entre os muçulmanos e os terroristas, percebe-se a escolha por um enquadramento que reforça o estereótipo de grupo violento por meio da agentividade. Veja um exemplo abaixo:

Excerto 17: Alguns dos manifestantes queimaram bandeiras francesas. Pelo menos três pessoas foram feridas por disparos de munição letal. Dentre eles, está um fotógrafo da agência AFP e um câmera do canal local Capital TV.

Após ler o trecho acima, percebemos que na primeira oração, o verbo está na voz ativa, enquadrando os manifestantes islâmicos como agentes da ação. Por outro lado, na oração em voz passiva, vemos que ela é iniciada pelo modalizador *pelo menos*, cuja semântica permite entender que mais de três pessoas foram feridas.

O modalizador está relacionado com o papel dos participantes que escreveram o texto, identificado, neste caso, como *das agências de notícias*. Como os modalizadores são responsáveis por evidenciar os estados internos do próprio falante, o uso de tal modalizador manifesta a atitude de quem escreveu o texto de destacar o caráter violento de tais protestos.

Também houve um apagamento do agente da passiva, já que eles podem ser inferidos por meio do título, bem como a instrumentalização do ato: as pessoas foram feridas por objetos que podem tirar a vida de alguém.

O que chama a atenção é que as vítimas citadas foram apresentadas e descritas como profissionais da área do jornalismo. E, coincidência ou não, o valor fundamental para a realização do trabalho que as vítimas exerciam é o da liberdade de expressão.

De acordo com o projeto editorial da *Folha*, um dos critérios de noticiabilidade do jornal é priorizar temas que afetam a vida de uma parcela expressiva da população, tornando-as de interesse público. Entretanto, o fato de enquadrar os islâmicos como violentos desencoraja outros juízos. Ou seja, apesar de a *Folha* abrir espaço para discordância, ela persuade o leitor a aderir o posicionamento hegemônico.

Isso é retomado no 10º parágrafo, não apenas na temática da liberdade de expressão, mas também na religiosa, ao citar que igrejas cristãs foram incendiadas:

Excerto 18: A revolta contra as caricaturas de Maomé no Níger, ex-colônia francesa no noroeste da África, teve também como alvo o cristianismo. Pelo menos dez igrejas foram incendiadas pelos muçulmanos em Zinder, no leste do país.

Neste exemplo, ainda se nota, mais uma vez, o uso do modalizador *pelo menos*, enfatizando uma valorização da informação numérica, ainda que esta apareça de modo inexato.

Observou-se ainda, nesta notícia, que a referência ao Islã, foi abordada por meio da temática da religião, o que pode ser corroborado por itens lexicais referentes à religião, tais como *profeta*, *Maomé*, *dia sagrado dos muçulmanos*, dentre outros. Assim, ao levar em conta o enquadramento que sugere o caráter violento deste povo, a religião emerge como um fomento de hostilidade que remete à história de rivalidade de uma parte do mundo contra o Ocidente.

Por outro lado, a *Folha*, nesta notícia, ponderou os argumentos utilizados pelos islâmicos, garantindo espaço ao contraditório como uma estratégia de autoapresentação positiva, se autopromovendo como pluralista e democrática.

Nesse sentido, a FSP define os islâmicos como representantes de um risco ao pluralismo de valores de uma sociedade livre e democrática (BRUHN, 2018, p.84). Assim, percebemos que a representação deste grupo consiste em colocá-los

numa posição inferior na escala de progresso civilizacional em relação ao ocidente. Por outro lado, também notamos uma falta de sensibilidade por parte da FSP (e da *Charlie Hebdo*) em não levar em consideração às sensibilidades da religião islâmica em relação às publicações satirizadas envolvendo Maomé.

Dando continuidade à análise, ao finalizar o texto 22, o líder de uma associação islâmica é apresentado na notícia *'Minorias já são provocadas todos os dias', diz líder de Associação Islâmica*. Como a notícia é um contraponto à entrevista com o artista plástico Lars Vilks, publicada no mesmo dia em que a notícia, o texto apresenta a opinião e fatos relatados pelo líder como justificativas do fato de ele se posicionar contra a liberdade de expressão. Leia os 4º e 5º parágrafos:

Excerto 19: "Não comprava na época, e ainda não compro, a versão dele de que defende a liberdade de expressão", diz. "Estou cansado. Por que testar essa liberdade sempre com os muçulmanos?", questiona.

"Quando ele diz querer provocar minorias, ele não entende que as minorias já são provocadas todos os dias", diz, citando a dificuldade enfrentada por muçulmanos para conseguir empregos, o isolamento da comunidade em subúrbios e o preconceito contra mulheres de lenços.

Entretanto, visando à refutação de tais argumentos, no sexto parágrafo, uma autoridade no que concerne aos estudos da religião - a saber, um professor -, é apresentado e afirma que a prática de Vilks de desenhar Maomé como um cachorro não é algo novo:

Excerto 20: O professor de religião comparada Mattias Gardell, da Universidade de Uppsala, lembra que a provocação feita por Vilks é antiga: segundo ele, cristãos retratam Maomé como um cachorro desde o século 8.

Em suma, o que podemos concluir é que houve a rejeição da autoridade e do posicionamento do líder da Associação Islâmica, desconsiderando tudo aquilo que ele disse contra a liberdade de expressão sem limites éticos. Isso arruína qualquer possibilidade de interação entre as diversas opiniões sobre o assunto, além, é claro, de mostrar ao leitor as ideias inapropriadas que o grupo islâmico apresenta para defender a sua posição perante as charges produzidas pela *Charlie*.

Nos textos 10 e 21, que são entrevistas, observamos como movimentos argumentativos o uso de perguntas retóricas que contribuem para a estigmatização dos islâmicos e a defesa da liberdade de expressão. Veja o exemplo abaixo extraído da entrevista *Jornal foi alvo por ir até o fim, diz Cohn-Bendit*

Excerto 21: O sr. acredita que de alguma forma "Charlie Hebdo" exagerava nas piadas?

Era a concepção deles, um jornal satírico onde o exagero era parte de sua ideia. Se você diz que eles exageram, diz que eles não têm razão de ser.

Estavam convencidos de que a liberdade de expressão é atacar de Cristo a Maomé. Era a concepção de liberdade deles. Pode-se achar isso babaca ou bom. Mas é parte do jogo. Uma sociedade livre é justamente aquela que suporta o excesso.

O mesmo ocorre nos textos 22, '*A arte tem a obrigação de provocar o islã*', diz autor de desenho de Maomé em que Lars Vilks, o entrevistado, respondeu a mesma pergunta. Leia:

Excerto 22: Há limites para essas provocações? O "Charlie Hebdo" ultrapassou limites do humor?

Não. Se começarmos a negociar com a violência, perdemos a ideia básica da democracia. O "Charlie Hebdo" atacava também o partido direitista na França. Não se pode dizer que o islã era o alvo preferencial.

Desse modo, o que se percebe que este jornal brasileiro se vale de argumentos que outros levantaram na defesa da *Charlie* para apresentar a sua posição por meio do gênero entrevista, que dá voz à alguém que defende a liberdade de expressão e a relata com imparcialidade, supostamente. Assim, ainda que a *Folha* não se posicione claramente, vemos que mesmo oferecendo ao leitor variedades de opções para ele tomar sua decisão, a *Folha* o persuade a fazer parte do grupo.

Quanto à representação do endogrupo por contraste, perceber-se-á, mais à frente, que "Nós" fomos referidos por meio das nossas qualidades, fazendo referência ao valor da sociedade livre e democrática. Por outro lado, os islâmicos foram representados por meio da falta dessas mesmas qualidades.

Ainda no texto 10, a respeito da temática do antiterrorismo, o jornalista e editor *Rodrigo Vizeu*, lançou a seguinte pergunta à Cohn-Bendit:

Excerto 23: Como combater isso?

Existe um combate militar-policial, como contra o Estado Islâmico. Não é com boas palavras e pedindo o dia todo que você vai derrotá-lo. Além disso, na sociedade, é preciso demonstrar aos muçulmanos europeus que eles são cidadãos europeus e como tal devem combater o extremismo.

Por meio da resposta dada, chama-se a atenção o uso da expressão *muçulmanos europeus*, para se referir àqueles que imigraram para o Velho Mundo, comparando e igualando-os com cidadãos europeus. Entretanto, sabemos que não é bem assim, pois reiterando Bruhn (2018, p.50), mesmo que os imigrantes estejam formalmente inseridos enquanto cidadãos europeus, eles não estão inseridos com igualdade efetiva.

Sabendo que as estruturas discursivas também são responsáveis pelo controle da mente, além das condições contextuais da situação comunicativa, pois

“no *nível local*, para compreender o sentido e a coerência do discurso, as pessoas podem necessitar de modelos apresentando crenças que permaneçam implícitas (pressupostas) no discurso” (VAN DIJK, 2015, p.123, grifos do autor), uma análise da dimensão lexical também nos revela detalhes sobre a representação deste grupo.

Apesar de haver um enquadramento do ataque como motivado por questões religiosas, a FSP busca desassociar os grupos dos terroristas dos praticantes do Islamismo, como se nota no texto 14, intitulado *França deve endurecer medidas contra o terror*. Leia:

Excerto 24: Para ele, os ataques a qualquer religião devem ser encarados como um ataque à França e aos valores defendidos no país. “Nós começamos uma guerra contra o terrorismo, e não contra o islã”.

O mesmo ocorre nos 2º e 8º parágrafos do texto 06, *Cerca de 100 mil vão às ruas por vítimas de atentado na França*, apresentados a seguir, em sequência:

Excerto 25: O evento foi marcado pela preocupação em não estigmatizar os árabes e muçulmanos que vivem na França.

Excerto 26: A preocupação não chega a ser um exagero, pois também havia vozes radicais.

Nesse sentido, devemos ter cuidado ao dizer que a *Folha* não propaga o discurso eurocêntrico por demonstrar cuidado ao não estigmatizar os praticantes do Islamismo como terroristas.

Ao rastrear mais marcas linguísticas que se refiram ao Islamismo e a seus praticantes a fim de inferir representações sociais dentro do contexto social referido, percebeu-se o uso do substantivo *Islã* grafado com letra minúscula, minimizando a autoridade deste grupo. Veja o exemplo a seguir, retirado do texto 04, intitulado *Semanário sempre ironizou qualquer tipo de instituição*:

Excerto 26: ‘Charlie Hebdo’ implicava com quase tudo, do comunismo à extrema-direita e ao islã

Nesta sequência, observamos que a *Folha de S. Paulo* retoma o discurso eurocêntrico e tendo uma visão cristalizada do oriental e polarizando o “Nós x Eles”. Há uma diferenciação entre os praticantes do Islamismo e os terroristas, mas esta atitude não é suficiente para acabar com a segregação oriental x ocidental. E não é suficiente porque carece de contextualizações nas divulgações midiáticas sobre o Islã, reiterando sempre a “ideia de uma civilização em conflito de valores e práticas com a ocidental” (NÓBREGA; MESQUITA; 2015, p.6).

4.2 A representação do endogrupo (ocidentais)

Nesta seção serão analisados os grupos definidos como “Nós”. Partimos do pressuposto de que os grupos aqui enfocados (as vítimas e a *Charlie Hebdo*) são apresentados positivamente e reforçando a ideia de superioridade ocidental.

4.2.1 A representação das vítimas: jornalistas, cartunistas e policiais

Para dar início à análise tendo-se em vista a representação das vítimas do atentado, segue-se abaixo a tabela com os textos analisados e suas respectivas características.

Tabela 8 – Textos analisados na representação das vítimas

Texto	Título	Gênero	Autoria	Data de publicação
Texto 03	Polícia francesa identifica atiradores como franceses de origem árabe	Notícia	Graciliano Rocha (colaborador, de Paris)	08/01/2015
Texto 05	Apesar de ameaças, diretor editorial do 'Charlie Hebdo' não se intimidava	Reportagem	Das agências de notícias	08/01/2015
Texto 05 (Box 01)	Cartunista era visto como lenda entre colegas franceses	Perfil	Das agências de notícias	08/01/2015
Texto 06	Cerca de 100 mil vão às ruas por vítimas de atentado na França	Notícia	Gustavo Ribeiro	08/01/2015
Texto 20	Cameron e Obama decidem vigiar a internet	Notícia	Giuliana Vallone (de Nova York)	17/01/2015

Referente à análise dos modelos de contexto, inicialmente percebemos que os textos aqui reunidos pertencem aos gêneros informativos e interpretativos, cujos objetivos são passar informações sobre algo que se considera relevante e fazer o

público entender quem são as pessoas assassinadas no ataque, respectivamente. O formato *perfil*, que pertence ao gênero interpretativo, enfatiza o alinhamento do cartunista Wolinski em relação ao valor da liberdade de expressão e faz com que o leitor conheça a vítima ao ressaltar aspectos da vida pessoal e profissional deste cartunista.

Ao saber que o discurso torna-se manipulador a partir dos parâmetros contextuais que apresenta, vamos dar início a esta análise a partir do ambiente, que se define por ser privado e formal, com o objetivo específico de fornecer informações sobre o “rosto humano” e do “currículo” das vítimas.

Os participantes envolvidos são os leitores e os jornalistas que escreveram tais matérias. Entretanto, tais participantes estão numa relação assimétrica de poder, já que os jornalistas são mais poderosos por ter acesso mais fácil aos discursos públicos e/ou aos mais influentes, enquanto os leitores recebem passivamente as informações que serão reportadas.

Esses mesmos jornalistas enquadram-se na categoria de Eu-mesmo, pois eles são os responsáveis pela escrita e edição das notícias, a fim de torná-las mais objetivas e mais próximas do leitor, informando e interpretando os fatos de modo a apresentar a vítima ao leitor, além, é claro, de informá-lo.

Ademais, sabendo que a ideologia perpassa os modelos mentais, os jornalistas que escreveram os textos compartilham da liberdade de expressão. Assim, pensando no ambiente privado, formal e autointitulado democrático em que foram escritos, as estruturas discursivas que favorecem a autoapresentação deste grupo estão distribuídas localmente nos textos.

Como uma parte dos textos aqui em análise foi publicada um dia após o ataque, infere-se que as intenções e os objetivos eram passar informações precisas e importantes sobre as vítimas, dando a elas uma identidade e apresentando dados relevantes sobre as mesmas. Em relação ao texto do dia 17, o propósito consiste em apresentar informações sobre a atitude ocidental no que tange ao combate ao terrorismo, desta vez no âmbito digital, tendo em vista o fato de que os grupos terroristas utilizam os serviços de rede para por em prática seus intentos.

As escolhas lexicais contribuem para o favoritismo dos membros deste grupo, descrevendo-os por meio de atributos individualizantes e profissionais, e também por estruturas que remetem à ideia de resistência e vitimização.

De modo inverso ao tradicional, observamos aqui que o título do texto 05 *Apesar de ameaças, editor não se intimidava* se inicia com uma concessão e poderia se concentrar na característica negativa do indivíduo apresentado como editor. Entretanto, em frases concessivas, o argumento que se sobressai é aquele cuja frase não é iniciada pelo conector concessivo e, ao dizer que o profissional não se abatia diante das ameaças recebidas, infere-se que o tópico da notícia se desenvolverá de modo a descrever tal vítima como corajoso e resistente.

O mesmo ocorre no título do texto 05 (box 01), *Cartunista morto era visto como lenda entre colegas franceses*, em que a metáfora *lenda* descreve o especialista em cartum como uma pessoa cujos feitos profissionais eram extraordinários.

Além disso, na notícia *Polícia identifica atiradores como franceses de origem árabe*, encontrou-se a seguinte metonímia para descrever os jornalistas/cartunistas que foram assassinados no ataque:

Excerto 27: Quatro eram os cérebros e os traços da "Charlie Hebdo": o diretor de redação Stéphane Charbonnier, o Charb, Jean Cabut, o Cabu, Georges Wolinski e Bernard Verlhac, o Tignous.

Esta metonímia consiste em descrever tais vítimas a partir de suas competências no trabalho, no sentido em que os termos *cérebro* e *traços* (sic) nos permitem conhecer estas pessoas como inteligentes e trabalhadoras.

Já em termos de vitimização, os termos "mortos", "feridos", "vítimas" e "alvos", permeados por todo o *corpus*, exemplificam este atributo.

No que tange à análise da representação dos atores que compõem o grupo aqui analisado, observou-se que a narração do fato ocorrido no dia 07 de janeiro de 2015 investiu em tais personagens a partir de suas histórias individuais e, por isso, determinados ângulos foram selecionados para suportar tais personagens.

Os suportes escolhidos para sustentar tais personagens são baseados na estratégia global de autoapresentação positiva, o que pode ser comprovado por meio da análise dos títulos, das figuras de linguagem e dos outros aspectos já apresentados.

Ao nomeá-las e profissionalizá-las, o que se infere é uma tendência a dar destaque a elas. Em contrapartida, outras vítimas não tiveram este mesmo destaque. Veja o exemplo abaixo retirado do texto 03 (*Polícia identifica atiradores como franceses de origem árabe*):

Excerto 26: Dentro do prédio, onze pessoas foram mortas - oito eram jornalistas/cartunistas, um era um convidado da redação e um funcionário da manutenção do prédio.

A partir disso, podemos pressupor que, ao dar ênfase à vítimas específicas, a FSP já estabelece sutilmente seu posicionamento diante da polêmica da liberdade de expressão, já que as vítimas destacadas pelo jornal brasileiro defendiam este direito. Leia mais um trecho retirado da mesma notícia:

Excerto 28: Os terroristas mataram ainda policiais que protegiam o prédio em virtude das ameaças de extremistas. Um deles, Ahmed Merabet, agonizava na calçada quando um dos terroristas disparou em sua cabeça.

Aqui, notamos que uma das vítimas do ataque foi representada pelo seu nome completo, *Ahmed Merabet*, e pela sua profissão (policial). Entretanto, mesmo com a morte cruel, esta vítima teve pouco destaque, tanto no que tange à representação dos muçulmanos, já que ele praticava o Islamismo, quanto no que diz respeito ao grupo das vítimas.

Uma hipótese já foi apresentada para explicar o porquê disso: ao dar papel de destaque às vítimas jornalistas/cartunistas, sutilmente, a FSP expressa o seu posicionamento diante da polêmica suscitada com o ataque. Entretanto, é preciso uma análise mais cuidadosa acerca disso, bem como da representação do policial para podermos afirmar algo veementemente.

Em termos de multimodalidade, percebemos que alguns dos textos analisados foram publicados na mesma página com *boxes*, um recurso editorial em que um texto é publicado em associação com os outros textos.

Além disso, na página A10 do caderno Mundo, notamos que na parte central há duas imagens, cada uma referente às vítimas abordadas nas páginas, a saber, o diretor editorial e o cartunista. Como tais vítimas foram representadas por meio de seus atributos individuais e profissionalizantes, tais imagens contribuem na construção da identidade delas, dando-as um rosto humano. Para o leitor ter ideias concretas acerca do que foi dito, veja a página analisada na lauda a seguir.

TERROR EM PARIS

“Esse ato de barbárie, além das lastimáveis perdas humanas, é um inaceitável ataque a um valor fundamental das sociedades democráticas: a liberdade de imprensa”

DILMA ROUSSEFF, presidente do Brasil

“Esse ato abominável é não só um ataque à vida de franceses e à segurança da França. É um ataque à liberdade de opinião e à liberdade da imprensa”

ANGELA MERKEL, chanceler da Alemanha

“Não devemos permitir que os valores que consideramos importantes de democracia, de liberdade de expressão, sejam prejudicados por estes terroristas”

DAVID CAMERON, primeiro-ministro do Reino Unido

PASSO A PASSO DO ATAQUE

Terroristas entraram na sede entre as 11h e 11h30 da manhã



1 Homens fortemente armados chegam ao edifício da sede, divulgado no próprio site do "Charlie Hebdo"



2 Dois deles ameaçam funcionária do jornal, a cartunista Corinne Rey (Coco), que abre porta do prédio com código de segurança. Na recepção, matam funcionário da manutenção do prédio



3 Eles interrompem reunião que decidia quais textos e desenhos entrariam na próxima edição do semanário e atiram. Matam no local dez pessoas: oito jornalistas, um convidado para a reunião e um policial que estava encarregado da segurança local. No momento do ataque, teriam gritado "Deus é o maior" e dito que queriam "vingar o profeta"



4 Na saída, encontram patrulha policial. Matam um agente, quando ele estava caído no chão. Cena é filmada



5 Atradores fogem em um Citroën C3 preto

Apesar de ameaças, editor não se intimidava

Depois de edição parodiando Maomé em 2011, sede do jornal foi atacada

Cartunista Stéphane Charbonnier, defensor da livre expressão, diz viver 'sob lei francesa, não sob a do Alcorão'

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

O cartunista Stéphane Charbonnier, 47, diretor editorial do jornal satírico francês Charlie Hebdo que foi morto nesta quarta (7), não se deixava intimidar.

Em 2011, ele publicou uma edição paródia do jornal, em que dizia ter contado com o profeta Maomé como "editor convidado" e comemorava a vitória do partido islamista nas eleições da Tunísia. Prometia com chibatadas a quem não achasse graça.

Logo depois, a sede do jornal foi alvo de um ataque à bomba e ficou completamente destruída. A edição seguinte à polêmica trazia na capa um muçulmano beijando um cartista.

Ao Le Monde, ele disse não ter medo de ataques. "Não tenho filhos, nem mulher, nem carro, nem crédito", disse. "Talvez soe um pouco pomposo, mas prefiro morrer em pé do que viver de joelhos."

Depois do ataque, Charb, como era conhecido, passou a contar com proteção policial. Mas defendia a liberdade de expressão e não deixou de publicar charges polêmicas. "Usar nossa liberdade em um país livre não é provocação", disse em entrevista à Folha na época. "Publicamos o desenho de Maomé para zombar da sharia."

Em 2012, Charbonnier ignorou advertências do governo francês e publicou charges que mostravam Maomé nu e em poses pomográficas. "Será que é razoável jogar lenha na fogueira", perguntou Laurent Fabius, chanceler francês na época, ao fechar embaixadas francesas em mais de 20 países, diante dos protestos de muçulmanos.

"Maomé não é sagrado para mim", ele disse. "Eu vivo sob a lei francesa, não sob a lei do Alcorão."

O Charlie Hebdo foi fundado em 1970 depois que a publicação Hara-Kiri, onde os cartunistas Georges Wolinski e Jean Cabut trabalhavam, fechou em meio a críticas por ter satirizado a morte de Charles de Gaulle.

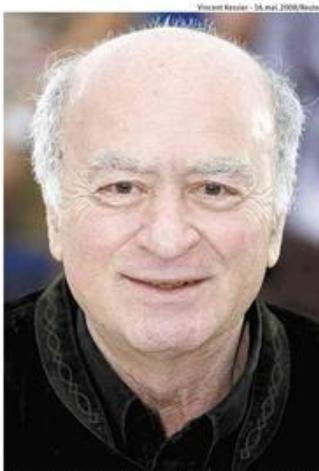
A equipe fundou o Charlie Hebdo, ou Semanário Charlie, em referência à sua publicação das tirinhas do Charlie Brown.

Charb trabalhou no jornal por mais de 20 anos. Nesse período, o Charlie não poupou ninguém: teve capas com o papa Bento XVI abraçando romanticamente um guarda do Vaticano e um judeu ortodoxo beijando um soldado nazista.

Um cartum recente que ele desenhou um homem usando a vestimenta típica de extremistas islâmicos, com uma cara muito infeliz, e os dizeres: "Ainda nenhum ataque na França". No balãozinho, uma frase do extremista: "Calma, ainda tenho até o fim do janeiro para fazer meus desejos de ano novo."



Charbonnier, diretor editorial do jornal, em foto de 2012



O cartunista Georges Wolinski, 80, outra vítima do ataque

Cartunista morto era visto como uma lenda entre colegas franceses

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Georges Wolinski, 80, um dos mais reverenciados cartunistas da França e um símbolo de maio de 68, estava entre os doze mortos no ataque ao semanário satírico Charlie Hebdo nesta quarta (7).

Nascido na Tunísia de pais judeus, Wolinski mudou para a França em 1946. Largou a faculdade de arquitetura em Paris e começou a desenhar cartuns nos anos 60, contribuindo para a revista mensal satírica Hara-Kiri.

Durante as revoltas estudantis de 68, Wolinski foi cofundador da revista satírica L'Enragé with Siné.

Suas charges de forte teor político e erótico já foram publicadas no jornal Libération, na Paris-Match, além do jornal comunista "L'Humanité" e do Charlie Hebdo.

Junto com Georges Pilchard, ele criou Paulette, uma de suas personagens mais marcantes.

O cartunista recebeu a Legião de Honra, a mais alta condecoração da França.

"Wolinski influenciou todo o mundo que vocês conhecem: Ziraldo, Jaguar, Nani, Henfil, Fortuna... O cara era uma ESCOLA. Que dia tenhoso", escreveu o cartunista brasileiro André Dahmer

no Twitter.

Além de Wolinski, os cartunistas Jean Cabut, 76, o "Cabu"; e Bernard Verilbac, o Tignous, estavam entre as vítimas.

Cabut era um dos mais famosos cartunistas franceses e foi chamado de "o melhor jornalista da França" pelo diretor de cinema Jean-Luc Godard. Seu personagem mais conhecido é Mon Beauf (Meu capira, em uma tradução livre), que transformou-se sinônimo de francês racista ou sexista.

Ele foi o autor da charge em que o profeta Maomé aparece soluçando, com as mãos na cabeça, dizendo: "É difícil ser amado por idiotas", junto com a legenda "Maomé sobrecarregado pelos fundamentalistas".

A charge apareceu na capa do Charlie Hebdo que reproduziu os cartuns publicados pelo jornal dinamarquês Jyllands-Posten, em 2005, que tinham levado a uma série de protestos de muçulmanos ao redor do mundo, com saldo de 50 mortos.

Bernard Maris, 68, outra vítima do ataque, escrevia uma coluna no Charlie Hebdo, era comentarista de economia e professor da Universidade de Paris. Dois policiais também foram mortos no atentado.

DEPOIMENTO

"Fui morar em Paris por causa dos quadrinhos de Wolinski"

ADÃO ITURBEGARAI
QUADRINISTA DA FOLHA

Georges Wolinski era minha maior influência. Em 1990, fui morar em Paris por causa dos seus quadrinhos.

Ele era um dos mais importantes humoristas da França. Desenhava e escrevia muito bem. Fez parte das irrevolucionárias "Hara-Kiri" e "L'Écho des Savanes", minhas preferidas. Vou aproveitar este momento para confessar que "chupe" do Wolinski o cenário das tiras "La Vie en Rose".

Em minha estadia em Paris, nunca consegui encontrá-lo. Cheguei a ficar horas na

porta da editora, sob a neve, na esperança de encontrar o Wolinski e mostrar minha pasta de desenhos.

Só fui conhecer o Wolinski pessoalmente dois anos depois, no Rio de Janeiro, em um festival de quadrinhos.

Lembro como se fosse ontem. Entreguei uma revista minha a ele e me respondeu: "Isso me interessa, posso ficar com ela?"

Logo depois encontrei-o num bar, que estava cheio de desenhistas que participavam do encontro. Ele parecia entediado, levantou-se de repente e disse: "Com licença, vou procurar umas putas".

Além disso, o diretor editorial também foi representado por meio da imagem de seu velório, enfatizando a comoção pública, como ilustra a imagem abaixo, disponível na página A9, do dia 17 de janeiro de 2015²³:



Figura 8 - FSP, 17/01/2015

Ainda “multimodalmente” analisando, as vítimas também foram representadas mediante imagens 3X4, junto com uma pequena biografia, como a encontrada na página A11, do dia 08/01/2015²⁴, bem como defensores da liberdade de expressão, como sugere a imagem abaixo, na primeira página da *Folha*, um dia após o ataque:



Figura 9 - FSP, 08/01/2015

²³ Lê-se na legenda : *familiares e amigos do cartunista Charb participa em Pontoise, perto de Paris, do enterro do diretor editorial do 'Charlie Hebdo', um dos 12 mortos no ataque do dia 7.*

²⁴ Não trouxemos a imagem destacada pelo fato de as fotos das vítimas e o que se fala sobre elas estarem em letras muito pequenas, o que não nos permitiria ler nem observar as imagens detalhadamente.

Percebemos aí que, à direita, as vítimas jornalistas/cartunistas estão sendo representadas em um papel com fundo preto, que no Ocidente remete ao luto, entre as frases *Je suis Charlie*, na parte superior, e *mortos pela liberdade*, na parte inferior.

No lado esquerdo, está o policial *Ahmed Merabet*, morto à queima-roupa no ataque. No caso, este indivíduo transita entre o grupo dos islâmicos e o das vítimas, porque, além de professar a fé islâmica, também foi assassinado.

Ao buscar informações sobre ele no *corpus* selecionado e em uma rápida análise, notamos que ela foi o único representante do grupo dos islâmicos enquadrado como do “bem”, enquanto os outros islâmicos não foram, assim como sugere a análise já apresentada do texto 18.

Hipotetiza-se que isso não seja pelo fato de ele ter sido uma vítima dos terroristas, conforme a imagem mostra, mas pelo fato de ele ser um francês de origem argelina. Ou seja, mesmo que ele tenha origem não europeia, o fato de a naturalidade dele ser francesa o coloca num patamar de superioridade diante dos islâmicos natos, porque sugere que ele incorporou os valores ocidentais. Ao contrário dos terroristas, conforme indica a análise do texto 03, na página 55, que eram ocidentais de origem árabe, informação que a *Folha de S. Paulo* fez questão de frisar.

O enquadramento relacionado às vítimas pode persuadir o leitor acerca de qual posicionamento eles devem tomar, ainda que de modo não definido, perante a polêmica da liberdade de expressão. Se as vítimas foram representadas positivamente e como símbolos da defesa deste direito, logicamente, o ângulo que a *Folha* escolheu para representar tais atores, inconscientemente, convence o leitor a se engajar na defesa da liberdade de expressão.

A imagem abaixo, portanto, é mais uma tentativa de fazer com que o leitor se identifique com as vítimas que trabalhavam na *Charlie*, enquadrando-as de acordo com os valores hegemônicos. Veja:



Milhares participam de manifestação em Paris em apoio às vítimas do ataque; no meio da multidão, cartazes formam a expressão "Sem medo", em inglês

Figura 10 - FSP, 08/01/2015

Nesta imagem, percebemos uma placa com o lema “não tenho medo”, sugerindo ao leitor se sensibilizar com o ocorrido e se posicionar contra o ataque e a favor da liberdade de expressão.

Essa sensibilidade também é forjada no nível lexical da notícia, especificamente no 5º parágrafo, em que os jornalistas e cartunistas mortos foram representados por uma pequena homenagem da população: um círculo de velas, com canetas e outros objetos em seu interior. Leia:

Excerto 29: Por volta das 22h30, desenhistas fizeram um memorial às vítimas: um círculo de velas, com canetas no interior.

Ao se valer da imagem de perigo que os terroristas representam, a FSP legitima e reforça ainda mais o discurso eurocêntrico ao patrocinar a chamada *luta contra o terror*, ou *luta antiterrorista*. Nesta perspectiva, nos três últimos parágrafos do texto em análise, percebemos que a *Folha* traz citações indiretas de líderes mundiais e do presidente francês da época, justificando o porquê de nos colocarmos contra o terrorismo. Leia:

Excerto 30: APOIO

O presidente da França, François Hollande, afirmou não haver dúvida de que o ataque foi terrorista e pediu união ao país. "Nossa melhor arma é a união. Nada pode nos dividir e nada pode nos colocar uns contra os outros." Ele ressaltou que seu governo fará tudo para encontrar os assassinos, que serão tratados "com rigidez".

Líderes mundiais, como a chanceler alemã, Ângela Merkel, e o presidente dos EUA, Barack Obama, repudiaram o ataque. Obama se comprometeu a ajudar a França na caça aos terroristas. "Vamos providenciar qualquer assistência para levar os terroristas à Justiça", disse em nota.

A presidente Dilma Rousseff demonstrou "profundo pesar e indignação" e classificou o ato como um ataque à liberdade de imprensa.

Por esse lado, como o ataque tem um forte impacto emocional naqueles que leem sobre o evento, o controle cognitivo se dá de modo ao reforçar a polarização entre Nós (bons, altruístas e vítimas) e Eles (violentos, tiranos, dominados pela religião). Em um intuito de sustentar o discurso eurocêntrico a partir desse exemplo, percebemos que a *Folha* invoca o passado numa tentativa de reforçar esta ideologia.

E esse passado é invocado ao trazer a imagem dos EUA, que também sofrera um ataque terrorista em 2001. Em termos de texto, isso é lembrado no texto 20, *Cameron e Obama decidem vigiar a internet*, que retoma o que se chama de *imperialismo*, uma prática que consiste no controle de uma outra sociedade, não só usando canhões, mas também ideias e representações (SAID, 2011, p.39-40).

Em seu livro *Cultura e imperialismo*, o autor pós-colonialista enfatiza a análise centrada nos impérios francês, inglês e norte-americano. Coincidência ou não, são essas três sociedades que vemos, agora, em parceria, diante do ataque de 07 de janeiro: a França e a Inglaterra, as duas grandes potências imperiais nos anos oitocentistas; os EUA, como uma potência imperial que se destacou depois do declínio dessas duas.

Ainda no que tange ao texto 20, o fato de associar duas potências à defesa ao terrorismo e tendo como pano de fundo o ataque ocorrido na França, há uma declaração implícita de que "Nós" somos superiores e infalíveis e estamos sempre em constante aprimoramento na luta contra "eles", o inimigo comum. Isso é registrado por meio de uma figura localizada na parte inferior da página A8 do dia 17 de janeiro de 2015:



Figura 11 - FSP, 17/01/2015

Nesta foto estão o (ex) presidente francês François Hollande, à esquerda, e o secretário de Estado dos EUA John Kerry, à direita, sob a legenda *Ombro amigo*. Assim, a guerra ocidental contra o Oriente é legitimada por meio de uma estratégia de continuidade histórica, numa tentativa de validar a nossa superioridade.

Além disso, essa alusão histórica também ocorre em linguagem não verbal, como na imagem abaixo, disponível na página A12 do dia 08/01/2015. Veja:



Figura 12 - FSP, 08/01/2015

Na imagem acima, vemos que as vítimas que trabalhavam na *Charlie* foram representadas visualmente por meio de lápis, pincéis, aquarela e tintas, que eram os objetos de trabalho deles. Junto a isso, a alusão histórica é feita por meio da comparação metafórica entre os ataques de 11 de setembro e o ataque aqui analisado, aproximando o que há de semelhante e ressaltando a diferença que há entre eles.

A FSP, em memória aos cartunistas mortos, publicou homenagens de resistência ao ataque mediante um cartum. Na legenda da imagem, lê-se: “um cartum que não ofende ninguém”, ironizando aqueles que critica(ram) as charges da *Charlie* envolvendo Maomé. Veja:

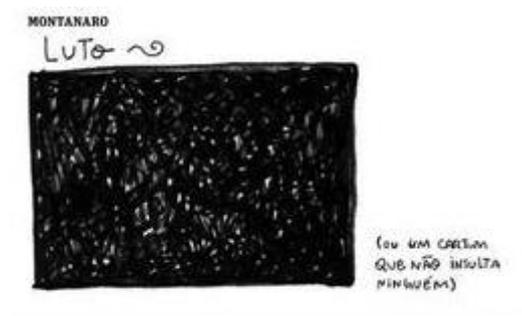


Figura 13 - FSP, 08/01/2015

Também foi feita uma projeção solidária às vítimas em um monumento simbólico de Paris, o Arco do Triunfo, com a frase *Paris est Charlie*. Veja:



Figura 14 - FSP, 10/01/2015

Dessa maneira, mediante o enquadramento das imagens, das estruturas discursivas e dos gêneros referentes às vítimas, depreendemos que a *Folha* visa a representá-las por meio de informações precisas sobre a vida, pessoal e profissional, delas enquanto um recurso estratégico de produzir a comoção pública. Isso porque ao enquadrá-los de maneira detalhada, tornando-as dignas de luto público, possivelmente, a FSP quer persuadir o leitor a aderir à defesa dos valores ocidentais tidos como civilizatórios.

Nessa perspectiva, podemos perguntar: por que o convidado da redação, os funcionários do prédio e os policiais não tiveram a mesma saliência que as vítimas que trabalhavam na redação da *Charlie*? Por que a vida pessoal e profissional deles não foi tão destacada? Será que é só pelo fato de eles não terem sido os alvos do ataque? Enfim, é uma questão para pensar.

4.2.2 A representação da *Charlie Hebdo*

Os textos analisados para entender como se deu a representação da revista francesa estão elencados a seguir:

Tabela 9 – Gêneros analisados na representação da *Charlie*

Texto	Título	Gênero	Autoria	Data de publicação
Texto 01	Terroristas islâmicos matam 12; multidão vai às ruas	Manchete e chamada de primeira página	FSP	08/01/2015
Texto 04	Semanário sempre ironizou qualquer tipo de instituição	Perfil	João Batista Natali	08/01/2015
Texto 07	Ataque contra a mídia é o pior desde 2009, diz entidade	Notícia	Nelson de Sá	08/01/2015

Os gêneros dos textos analisados são informativos e interpretativos, ou seja, têm como objetivo principal informar o leitor e fazê-lo conhecer, na íntegra, quem é a *Charlie Hebdo*, destacando aspectos desta instituição. Não muito diferente das outras análises, o ambiente se trata de um espaço formal e privado, enquanto os participantes principais são os jornalistas que escreveram e os leitores.

Tais jornalistas se enquadram na categoria de Eu-mesmo porque eles são os responsáveis pelo desenvolvimento temático dos textos escritos. Ainda nesse sentido, entende-se que as crenças compartilhadas se resumem em saber que a FSP defende a liberdade de expressão e que ela vai conduzir o seu discurso por essa perspectiva, já que a ideologia está presente nos modelos mentais.

A representação social da revista francesa se deu por meio da categoria da nomeação, utilizando-se o léxico utilizado para se referir à *Charlie* em termos de resistência e vitimização, bem como em relação a sua história. O título do texto 04 *Semanário sempre ironizou qualquer tipo de instituição* ilustra bem isso por meio do advérbio *sempre*, indicando algo que ocorre a todo instante, rotineiro. Sendo assim, a ironia pode ser entendida como um elemento que atravessa o trabalho da revista francesa.

Além disso, esse mesmo texto é um manancial de estruturas discursivas que descrevem a revista francesa. Estudando-o minuciosamente, percebe-se que os três

primeiros parágrafos se dedicam a contar a história da *Charlie*, mas é a partir dos 4º e 5º parágrafos que os valores da liberdade de expressão e da criatividade emergem no texto como princípios norteadores do trabalho do semanário, mediante a categoria *descrição dos atores sociais* (VAN DIJK, 2005):

Excerto 31: Mas em verdade o “Charlie Hebdo” era bem mais que um veículo de humor negro. Criou e ampliou na mídia francesa um espaço editorial que se definia como libertário, uma casamata que protegia uma constelação diversificada aos pensamentos da esquerda não-oficial. Por mais que nunca tenha sido um jornal de ampla circulação, era por meio dele que sobrevivia, na mídia, o pensamento criativo nascido nas barricadas estudantis de Maio de 1968.

Nessa perspectiva, constrói-se uma identidade para *Charlie* como um espaço democrático e “insubordinado frente à irracionalidade religiosa” (BRUHN, 2018, p.48). Isso é corroborado nos 7º e 9º parágrafos:

Excerto 32: Um dos pressupostos editoriais estava no fato de que simplesmente não prestava aquilo que era institucionalmente sério, em termos de política ou costumes. O ‘Charlie Hebdo’ não escapava facilmente da reputação de ser um jornal de pessoas mais velhas, que concebiam sempre do mesmo jeito o que seria uma reação libertária. Mais que previsível, então, ter publicado imagens de Maomé, que em 2006 provocaram protestos em massa no mundo muçulmano.

Assim, o jornalista João Batista Natali descreveu a revista francesa em termos de resistência. O fato de ressaltar que qualquer instituição era alvo de impicância por parte da *Charlie* só reforça ainda mais o discurso eurocentrista, destacando o fato de que instituições ocidentais, como o Catolicismo conservador, encaram com tranquilidade tal zombaria.

Por isso, em concordância com Brotas (2006, p. 15), podemos chegar à conclusão de que a *Folha de S. Paulo*

[...] adota de forma irrestrita e incondicional este discurso, pensando as relações com o Oriente de forma dicotômica, em constante oposição. Os valores ocidentais são percebidos como universais, incontestes e, por isso, recomendados para os povos orientais ultrapassarem o atraso.

Isso também acontece em termos do *layout* e ilustração. Na manchete e chamada de primeira página do dia 08, há uma imagem logo abaixo do título e entre dois pequenos textos, em que na parte superior está escrito *Je suis Charlie* e há uma espécie de batalhão com escudos escritos *Charlie Hebdo* em caixa alta:

Terroristas islâmicos matam 12 em jornal de Paris; multidão vai às ruas

Polícia aponta franceses de origem árabe como suspeitos de atentado ao semanário 'Charlie Hebdo', que satiriza o islã

ADÃO ITURRUGARAI

Cheguei a ficar horas na porta da editora à espera de Wolinski

Georges Wolinski era minha maior influência. Desenhava e escrevia bem. Em 1990, fui morar em Paris por causa de seus quadradinhos. Em minha estada, nunca consegui encontrá-lo. Cheguei a ficar horas na porta da editora. Só o encontrei dois



No maior atentado na Europa em quase dez anos e em um dos maiores da história contra a imprensa, três terroristas mataram a tiros 12 pessoas e feriram 11 em ataque à sede do jornal satírico "Charlie Hebdo", em Paris. Entre os mortos estão oito jornalistas, sendo quatro cartunistas — incluindo o diretor do semanário, Stéphane Charbonnier, e Georges Wolinski, expoente do gênero no país —, e dois policiais. Segundo testemunhas, os atiradores se identificaram

Durante a ação, os autores gritaram "vingamos o profeta", em alusão às charges de Maomé que o jornal publicava. Os atiradores fugiram. A polícia identificou dois irmãos franceses de origem árabe, Said e Cherif Kouachi, de 34 e 32 anos respectivamente, e Hamyd Mourad, 18, como suspeitos. O mais jovem se rendeu à noite. Milhares de pessoas foram às ruas em várias cidades da França e do mundo. A frase "Je Suis Charlie" (Eu Sou Charlie) virou o emblema do luto, estampando

Figura 15 - FSP, 08/01/2015

Como um traço caracterizador que define a revista francesa é ser defensora da liberdade de expressão, ela é representada, nesta imagem como a responsável por defender tal direito na sociedade.

Bruhn, que estudou os imaginários identitários globais mediante o enquadramento midiático do caso da *Charlie Hebdo* no Jornal Nacional, questiona se não seria uma denúncia alarmista engrandecer o ataque à revista francesa aos alcances de um atentado pontual, já que não houve atentados a outros meios de comunicação europeus (2018, p.49). De fato, a questão que ela levanta é pertinente, já que na FSP houve apenas a retomada de outro ataque contra a mídia, que acontecera nas Filipinas em 2009.

Essa retomada ocorre sob a forma da notícia *Ataque contra a mídia é o pior desde 2009, diz entidade*, em que se notam marcas discursivas que demonstram a polarização ideológica levantada no nível global. Neste texto, observou-se o uso constante de citações de especialistas da área jornalística, que servem como argumentos na defesa da liberdade de expressão.

Como o tópico sumariza as informações mais importantes do texto e é expresso pelo título, observamos que nesta notícia, será abordado um ataque que atingiu a mídia em 2009. No primeiro parágrafo, explica-se mais sobre isso:

Excerto 33: O atentado contra o "Charlie Hebdo", segundo o comitê para proteção de Jornalistas, "é o pior ataque à mídia desde o massacre de Manguidanao", em novembro de 2009, nas Filipinas —quando ao menos 34 jornalistas foram mortos ao cobrir ato eleitoral.

Nessa perspectiva, como a coerência global é regulada por meio do quadrado da polarização ideológica, explicado na página 22, a retomada deste evento, junto com a qualificação do atentado ao Charlie Hebdo como o pior “ataque ocorrido à mídia” reforça a ideia não só da gravidade do caso em termos de violência, mas também do potencial risco que a mídia sofre no que tange à liberdade de expressão.

Desse modo, com as citações das autoridades a favor da liberdade de expressão, observou-se nítida e logicamente a uniformidade de pensamentos da elite midiática. Veja os 4º, 5º e 6º parágrafos:

Excerto 34: “A ameaça aos jornalistas e a liberdade de expressão é global, sem porto seguro”, disse Joel Simon diretor executivo da CPJ. Para Robert Mahoney, vice da entidade, os jornalistas devem se unir e “passar a mensagem de que os atentados homicidas para nos calar não prevalecerão”.

O sentimento ecoou por entidades globais de imprensa.

O presidente-executivo da Associação Mundial de Jornais (Wan-lfra), Vincent Peyrègne, afirmou que “esta absurda atrocidade não é apenas um ataque à imprensa, mas também à sociedade e aos valores pelos quais todos lutamos”, alertando para o “crescente clima de ódio que ameaça fraturar nossa compreensão de democracia”.

Sendo assim, por meio de tais estratégias, a *Folha* reafirma a existência de um consenso ideológico e busca persuadir o leitor de que ele faz parte desse grupo, ou deve fazer.

Algo que Bruhn destacou em sua dissertação e que também cabe reenfatizar aqui é que não houve nenhuma problematização acerca do que se entende por liberdade de expressão, já que se entende, mediante o *corpus* analisado que este direito é intrínseco aos regimes democráticos.

Nesse viés, lanço as perguntas: o que é a liberdade de expressão? Será que o meu direito à liberdade de me expressar me isenta de responsabilidade quando eu ironizo a crença do outro? Até que ponto, por eu ter direito de me expressar, eu posso ferir o outro? Será mesmo que o Catolicismo conservador encara com tranquilidade quando é feita uma zombaria com suas imagens santas? Ou será que o fato de provocar esta religião ocidental e não culminar em um ataque não precisa ser destacado pelas instituições jornalísticas?

Enfim, por meio da análise (supostamente neutra) feita nesta pesquisa, conclui-se que há um esforço por parte do jornal em querer manter uma hegemonia por meio de estruturas discursivas globais e locais que variam de acordo com os

grupos analisados, exaltando aqueles que fazem parte do endogrupo e depreciando o exogrupo.

Nesse sentido, o que textos jornalísticos fazem, de acordo com Marques de Melo (APUD MEDINA, 2001, p.49-50), é fazer uma leitura do real, identificando o valor do evento e construindo uma determinada versão dos fatos por meio de uma argumentação, bem como de estruturas discursivas a favor de uma ideologia específica.

Assim, como o consenso é ligado a valores e crenças, o jornal constrói uma realidade a partir do ataque à *Charlie Hebdo*, fazendo com que o leitor viva no consenso induzido e não no dissenso, de fato, democrático. Alinho-me a Marthoz (2018, p. 108) ao sugerir que a prática jornalística continue sendo debatida para um aprimoramento do trabalho jornalístico e da capacidade crítica de todos os cidadãos.

CAPÍTULO 5: CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objeto de estudo os discursos veiculados pelo jornal *Folha de S. Paulo* na cobertura do ataque à revista francesa *Charlie Hebdo*, em janeiro de 2015, e seus desdobramentos. O *corpus* foi composto por 24 textos, de gêneros discursivos distintos, que foram analisados à luz de teorias e conceitos da Análise Crítica do Discurso, sobretudo de van Dijk (1998; 2003; 2005; 2012; 2015; 2016). A instituição *Folha* foi escolhida por ter um público leitor já consolidado, bem como por ser um dos maiores conglomerados midiáticos do país. Em virtude disso, ela é uma fonte de informação para muitos brasileiros, bem como de discursos de elites simbólicas que, no Brasil, dominam o espaço público, sendo assim de grande relevância para pesquisadores do discurso crítico.

Por ser uma instituição midiática, a FSP é capaz de propor e consolidar representações sobre grupos sociais minoritários, renegando ou estigmatizando os discursos e os sistemas de valores dessas minorias. Como essas representações são construídas a partir de valores de grupos sociais dominantes, é preciso explorar seu discurso, a fim de verificar seus posicionamentos e relações de poder. Assim, buscamos compreender como o discurso desvela a construção de modelos mentais que favorecem o preconceito contra os muçulmanos e seus valores, reificando os pretensos valores ocidentais, como a democracia e a liberdade de expressão.

Por intermédio da análise crítica da representação dos diversos grupos envolvidos na cobertura do atentado, o que se percebe é um esforço, por parte do jornal brasileiro, de representar de forma negativa o exogrupo (os orientais), por meio de estruturas discursivas que estereotipam os muçulmanos e reforçam o caráter ameaçador dos terroristas. Notamos no *corpus* analisado uma preocupação em não associar os terroristas com os praticantes do Islamismo. Entretanto, a repetição constante desta religião e da etnia árabe na cobertura do ataque pode contribuir para que os muçulmanos e árabes sejam tratados com preconceito.

Quanto aos membros do endogrupo (os ocidentais), pode-se afirmar que foram representados como benévolos e comprometidos com os valores democráticos, além de serem enquadrados como isentos de qualquer responsabilidade no ataque. Com isso, a *Folha* atua como agente do poder ocidental, buscando justificar os discursos da *Charlie* pelo ideal da liberdade de expressão, defensora deste direito.

Todavia, não é consensual a ideia de que as vítimas são isentas da responsabilidade no atentado. O que não quer dizer que se concorde com o ataque, mas deve-se também limitar eticamente a liberdade de expressão diante de algo que é sagrado para o outro.

Os resultados do material analisado mostraram que a *Folha de S. Paulo* repercutiu as fontes oficiais governamentais de países ocidentais, como a França, Estados Unidos, Alemanha, e até mesmo o Brasil. Junto a isso, também teve o acesso à fontes militares do Ocidente, como a Europol, sobrando pequeno espaço para o confronto das diferentes perspectivas em jogo.

Baseando-se no que Amossy aborda em *Apologia da polêmica* (2017), esse desacordo conflitual é necessário porque faz a democracia se mover. Nesse sentido, não podemos afirmar que houve abuso de poder por parte do jornal brasileiro, fazendo jus ao seu lema “um jornal a serviço do Brasil”, apesar de os textos constituírem representações assimétricas dos diferentes atores envolvidos no ataque e favorecendo o discurso eurocentrista.

Desse modo, a FSP revela a sua insensibilidade ao não levar em conta as relações de poder que perpassam as relações entre ocidentais e orientais, bem como as diferenças entre esses grupos. Em outras palavras, mesmo se definindo como pluralista, notamos que a FSP visa a assegurar o consenso sobre a representação negativa dos orientais, alicerçando o seu posicionamento no discurso eurocêntrico. Nessa perspectiva, observamos que a FSP controlou o seu discurso produzindo representações sociais sobre os outros e sobre si mesma: como exemplo, a *Folha* seleciona o valor da *democracia* para se referir aos membros do endogrupo e o da *violência* para se referir aos grupos que compõem o exogrupo, os orientais, inclusive os religiosos islâmicos, que privilegiamos neste trabalho.

Em termos de prática jornalística, também podemos nos perguntar se a causa que provocou a ira dos terroristas e islâmicos e, obviamente, o ataque, foi tratada com seriedade antes da cobertura do ataque terrorista, de modo a fornecer informações que tornem os cidadãos socialmente responsáveis, mostrando que o jornalismo é uma parte importante da sociedade.

Os discursos acerca da representação dos grupos envolvidos no ataque e veiculados pela *Folha de S. Paulo* não fazem referência a uma experiência nacional, mas antes a um sistema de representações sedimentadas, enquadrando o Ocidente

enquanto moderno, superior e civilizado, e o Oriente como inferior, violento, muçulmano e terrorista.

Em relação à *FSP*, no período temporal estabelecido, percebi que a retomada ao ataque reduziu-se a dar notícias pontuais e desdobramentos, inclusive em relação à polêmica da liberdade de expressão. Por outro lado, senti falta de uma ênfase maior nas vítimas, destacadas apenas logo após o ataque, bem como dos profissionais da *Charlie* que não foram assassinados, não priorizando seu momento de luto e a reconstrução física e psicológica destes. Outro ponto que precisa de reparo refere-se à cobertura da repercussão do ataque nos países de religião islâmica, dando mais voz a eles e possibilitando um debate mais equilibrado entre ambas as partes. Não sabemos como a *Folha* avalia sua própria cobertura. Ou melhor, nem sabemos se ela, de fato, realmente se autoavalia, mas considero estes alguns pontos que precisam ser destacados.

Junto a isso, as representações identitárias que recaem sob os praticantes do Islamismo e os terroristas são ressignificadas no contexto nacional. Mediante a experiência de turistas brasileiros que não tinham dimensão do que estava acontecendo em Paris no momento do ataque e, por outro lado, por meio dos brasileiros que residiam na capital francesa, o jornal deu relevo à participação do Brasil no combate ao terror.

Sobre isso, o Brasil começou a fazer um esforço, em 2011, no combate à prática do terror, expulsando estrangeiros acusados de atos terroristas em outro país e introduzindo uma legislação antiterror, tratando de crimes específicos. Nesta, a presidente do Brasil da época, Dilma Rousseff, sancionou a Lei Ordinária que estabelece o terrorismo como um crime com pena de até oito anos de prisão.

No governo Michel Temer, em 2016, a Polícia Federal deflagrou a investigação conhecida como *Operação Hashtag*, contra uma célula do grupo terrorista Estado Islâmico do Iraque e do Levante. Os suspeitos foram detidos em 10 estados. Em uma coletiva de imprensa, o então ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, alegou que as detenções tinham finalidade de afastar qualquer possibilidade de um ataque, já que as investigações mostraram que a organização estava no nível da “probabilidade” de implantar um ato de terror.

Assim, o Brasil já está fazendo um esforço de implantação de estratégias de combate do terrorismo, possivelmente a partir das técnicas e discursos dos países europeus e dos Estados Unidos. Contudo, o nosso país está vivendo um período em

que milícias controlam a sociedade por intermédio do medo e utilizando táticas terroristas: as células, grupos que agem de modo independente, o que, portanto, dificulta a polícia de chegar aos financiadores do crime. Não é de estranhar se esse modo discursivo europeu e norte-americano de fornecer uma cobertura cultural que justifique a chamada “Guerra ao Terror” venha se sedimentar em solo brasileiro, inclusive com alvos bem menos perigosos: o cidadão em seu direito político de reivindicar.

No que tange à liberdade de expressão, recentemente a polêmica foi reacendida com o caso envolvendo a produtora de vídeos *Porta dos Fundos*. Neste episódio, em um vídeo divulgado, Jesus foi retratado como homossexual, o que reacendeu a fúria de cristãos e muçulmanos, devido ao caráter polêmico que veicula. Em 24 de dezembro de 2019, o escritório da produtora foi atacado por um suposto grupo integralista, repercutindo a controvérsia que, de um lado, condena o ataque e defende a liberdade de expressão e, de outro, reprova a produtora, cujo discurso se aproxima da intolerância religiosa.

Assim, reitera-se a importância de se discutir os limites entre a ética no humor e as atividades de cunho artístico. Esperamos que o governo federal incentive e realize pesquisas no assunto, ao invés de apenas balbúrdiar e defender a intolerância e as práticas preconceituosas.

6. Referências

ACERVO FOLHA. (08/janeiro/2015). **Terroristas matam 12 em jornal de Paris para 'vingar Maomé'**. Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/5/65/97/5976505/600/5976505.jpg>>.

Acesso em: 12 de agosto de 2018.

_____. **Policia identifica dois atiradores como franceses de origem árabe.**

Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/7/65/97/5976507/600/5976507.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **Semanário sempre ironizou qualquer tipo de instituição.**

Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/7/65/97/5976507/600/5976507.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **Apesar de ameaças, editor não se intimidava.** Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/97/64/97/5976497/600/5976497.jpg>>

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **Cartunista morto eravisto como lenda entre colegas franceses.** Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/97/64/97/5976497/600/5976497.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **“Fui morar em Paris por causa dos quadrinhos de Wolinski”.** Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/97/64/97/5976497/600/5976497.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **Cerca de 100 mil vão às ruas por vítimas de atentado na França.** Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/0/65/97/5976500/600/5976500.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **Ataque contra a mídia é o pior desde 2009, diz entidade.**

Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/6/65/97/5976506/600/5976506.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **Maioria de turistas brasileiros não sabia de atentado.**

Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/6/65/97/5976506/600/5976506.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **Integração de muçulmanos à Europa é alvo de manipulação.**

Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/6/65/97/5976506/600/5976506.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **Jornal foi alvo por ir até as últimas consequências.**

Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/10/65/97/5976510/600/5976510.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. (10/janeiro/2015). **Após cerco, polícia francesa mata irmãos responsáveis por ataque ao ‘Charlie Hebdo’.** Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/98/66/97/5976698/600/5976698.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **Autor de atentado encontrou Sarkozy em 2009, diz jornal.**

Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/3/67/97/5976703/600/5976703.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **‘Não vamos deixar de criticar as religiões’.** Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/3/67/97/5976703/600/5976703.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **França deve endurecer medidas contra o terror.** Disponível em: <<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/6/67/97/5976706/600/5976706.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **Terroristas devolveram cão a dono do carro.** Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/6/67/97/5976706/600/5976706.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. **Internautas criam a campanha “Eu não sou Charlie” na rede.**

Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/2/67/97/5976702/600/5976702.jpg>>.

Acesso em 12 de agosto de 2018.

_____. (17/janeiro/2015). **Operação detém 31 suspeitos de terrorismo na Europa.** Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/15/74/97/5977415/600/5977415.jpg>>.

Acesso em 27 de maio de 2018.

_____. **Islâmicos celebram extremistas em protestos contra caricaturas.** Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/15/74/97/5977415/600/5977415.jpg>>.

Acesso em 27 de maio de 2018.

_____. **Não há liberdade de expressão na França.** Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/16/74/97/5977416/600/5977416.jpg>>. Ace

ssso em 27 de maio de 2018.

_____. **A arte tem a obrigação de provocar o islã, diz autor de desenho de Maomé.** Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/1/49/98/5984901/600/5984901.jpg>>.

Acesso em 23 de maio de 2018

_____. **‘Minorias já são atacadas todos os dias’, diz líder de Associação Islâmica.** Disponível em:

<<https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/1/49/98/5984901/600/5984901.jpg>>.

Acesso em 23 de maio de 2018.

AMOSSY, RUTH. **Apologia da polêmica.** Tradução: Rosalice Botelho Wakin Souza Pinto et. al. São Paulo: Contexto, 2017.

APT, M.K. **Discurso e poder: o modelo mental como instrumento ideológico de manipulação.** 2010. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-08022011-124024/>>. Acesso em: 21 de agosto de 2018.

ATAQUE em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos. G1. globo.com, 07 de janeiro de 2015. Seção Mundo. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>>.

Acesso em 02/09/2019 às 17h54min.

BAKHTIN, MICHAEL. **Estética da criação verbal**. 4 ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins-Fontes, 2003.

BRANDÃO, HELENA H. NAGAMINE. **Introdução à Análise do Discurso**. 6 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

BROTAS, ANTÔNIO MARCOS PEREIRA. **Terrorismo contemporâneo: fundamentalismo religioso e loucura no discurso da revista Veja**. Intercom – XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília: 2006.

BRUHN, LENORA DE HOMONNAY. **A territorialização de imaginários identitários globais: os enquadramentos midiáticos do caso *Charlie Hebdo* no *Jornal nacional***. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333146>>. Acesso em: 09 out. 2019.

CHAUÍ, MARILENA. **O que é ideologia? 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.**

Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/388158/mod_resource/content/1/Texto%2014%20-%20O%20que%20%C3%A9%20ideologia%20%20M.%20Chau%C3%AD.pdf>. Acesso em 30/09/2019 às 21h30min.

DENZIN, NORMAN K.; LINCOLN, YVONNA S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In.: DENZIN Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, pp.15-41(cap.1).

FALCONE, KARINE. **(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7294>. Acesso em: 17 de outubro de 2018.

_____. Discurso e Cognição. In.: **Eutomia** (Recife) , v. 1, p. 264-284, 2012.

FERREIRA, Fernanda. **Resenha crítica referente ao livro "O que é ideologia?"**.

Publicado em 07/2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/41136/resenha-critica-referente-ao-livro-o-que-e-ideologia>>. Acesso em 02/10/2019.

FUZER, CRISTIANE. **Formas de representação de atores sociais no contexto jurídico penal**. The ESPecialist, São Paulo, v.31, n.1, p.21-48, 2010.

GRAMSCI, ANTÔNIO. **Prison notebooks**. New York: International Publishers.

GUARESCHI, PEDRO. Representações sociais: alguns comentários oportunos. In: NASCIMENTO- SCHULZE, C. M. (Org.). **Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social**. Florianópolis: Imprensa Universitária/UFSC, 1996. (Coletâneas da ANPEPP, 10).

KINTSCH, W.; VAN DIJK, TEUN A. Toward a model of text comprehension and production. **Psychological Review**, n. 85, 1978, p. 363-394. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1979-22783-001>. Acesso em 14 de abril de 2018 às 20h17min.

MANUAL Geral da Redação. 2. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.

MEDINA, JORGE LELLIS BOMFIM. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. In.:**Revista SymposiuM**. Ano 5, nº1, janeiro-junho 2001. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF>>. Acesso em 17 de outubro de 2019 às 15h36min.

MELO, JOSÉ MARQUES DE; ASSIS, FRANCISCO DE. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. Intercom (São Paulo. Online), v. 39, p. 39-56, 2016.

MARTHOZ, JEAN PAUL. **Terrorismo e mídia: um manual para jornalistas**. Brasília: UNESCO, 2018. Edição por Mirta Lourenço e tradução de Kelly Cristina

Pereira de Moraes. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000265479>>. Acesso em 04 de março de 2019.

MOSCOVICI, SERGE. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

NEVES, LÍDIA GURGEL. 11-S y 11-M: **El terrorismo y los terroristas em los periódicos brasileños**. 2005. 156 f. Dissertação de Mestrado – Facultad de Ciencias de la Información da Universidad Complutense de Madrid, 2005.

NÓBREGA, A.; MESQUITA, A. **“Liberdade fuzilada”**: representações do fundamentalismo islâmico na cobertura do caso Charlie Hebdo. Intercom - XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Natal, 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1160-1.pdf>>. Acesso em 02 de junho de 2015.

POSSENTI, S. **Ser ou não ser, eis a questão**. Revista Educação e Linguagens, v. 4, p. 1-11, 2016.

SAID, EDWARD W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**.^{1ª} reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 1990, tradução de Tomás Rosa Bueno.

_____. **Cultura e imperialismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SHOHAT, E.; STAM, R.. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

VAN DIJK, TEUN A. **Análisis Crítico del Discurso**. In.: Revista Austral de Ciencias Sociales, 30: 203-222, 2016.

----- . Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. In.: **Revista Digital do Programa de Pós-**

Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), s8-s29, nov. 2016. Tradução de Pedro Theobald.

_____. **Discurso e Contexto.** Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Discurso e poder.** Judith Hoffnagel, Karina Falcone (org.); 2.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **Ideology – a multidisciplinary approach.** London: Sage Publications, 1998/2000.

_____. Ideología y discurso. Barcelona: Ariel, 2003

_____. **Politics, Ideology, and Discourse.** Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics. Volume on Politics and Language (Ruth Wodak, Ed.), págs.728-740. 2005. Disponível em:

<<http://www.discourses.org/OldArticles/Politics,%20Ideology%20and%20Discourse.pdf>>. Acesso em 16 de maio de 2018.

_____. **Discurso, notícia e ideologia.** 1.ed., Porto: Campo das Letras, 2005.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and Practice: New Tools for Critical Discourse Analysis.** New York: Oxford University Press, 2008.

What are mental models? Disponível em: <<https://www.modeltheory.org/models/>>. Acesso em 29 de setembro de 2019 às 16h55min.

WODAK, R. **Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos.** 2004. Disponível em:

<https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/297/313>. Acesso em 16 de julho de 2018 às 16h22min.

ANEXOS

Anexo 01: material coletado do dia 08 de janeiro de 2015

TEXTO 01

Terroristas islâmicos matam 12; multidão vai às ruas

No maior atentado na Europa em quase 10 anos e em um dos maiores contra a imprensa, três terroristas mataram a tiros 12 pessoas e feriram 11 em ataque à sede do jornal satírico "Charlie Hebdo", em Paris.

Entre as vítimas estão oito jornalistas, sendo quatro cartunistas – incluindo o diretor do semanário, Stéphane Charbonnier, e Georges Wolinski, expoente do gênero no país -, e dois policiais.

Segundo testemunhas, os atiradores se identificaram como membros da Al Qaeda, mas não houve confirmação.

Durante a ação, os autores gritaram "vingamos o profeta", em alusão às charges do profeta Maomé que o jornal publicava. Os atiradores fugiram.

A polícia identificou dois irmãos franceses de origem árabe, Said e Chérif Kouachi, de 34 e 32 anos, respectivamente, e Hamyd Mourad, 18 anos, como suspeitos. O mais jovem se rendeu à noite. Milhares de pessoas foram às ruas em várias cidades da França e do mundo.

A frase "Je suis Charlie" (Eu sou Charlie) virou emblema do luto, estampando cartazes e sites.

TEXTO 02:

Terroristas matam 12 em jornal de Paris para 'vingar Maomé'

Terroristas encapuzados mataram a tiros de fuzil 12 pessoas e feriram 11 nesta quarta-feira (7), na Redação do jornal satírico "Charlie Hebdo", em Paris. Foi o atentado com maior número de mortes na Europa desde 2005, quando bombas explodiram no metrô e num ônibus em Londres, com 52 vítimas. Entre os mortos estão oito jornalistas do semanário, sendo quatro cartunistas --incluindo o diretor do jornal, Stéphane Charbonnier (o Charb), e Georges Wolinski, expoente do gênero no país--, e dois policiais.

Em seguida à ação, os atiradores gritaram: "Nós vingamos o profeta Maomé". Nenhum grupo assumia a autoria do atentado. O governo francês informou a identidade de dois dos três suspeitos, de origem árabe. O terceiro se entregou após uma grande operação policial.

Desde 2006, quando passou a publicar cartuns do profeta fundador do islamismo, o "Charlie Hebdo" sofre ameaças e atentados de extremistas.

O ataque seguiu um plano meticuloso: os terroristas chegaram ao local pouco depois das 11h locais (8h de Brasília), enquanto a equipe do jornal fazia a sua reunião semanal de pauta. Os três atiradores gritaram nomes dos jornalistas enquanto os matavam.

Líderes de todo o mundo condenaram o ataque e ofereceram apoio ao presidente francês, François Hollande, que pediu a união de seus compatriotas.

Milhares saíram às ruas da França. A frase "Je Suis Charlie" (Eu Sou Charlie) tornou-se o emblema do luto, estampando sites de jornais franceses e cartazes e liderando os tópicos mais comentados no Twitter.

TEXTO 03

Polícia identifica dois atiradores como franceses de origem árabe

GRACILIANO ROCHA

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE PARIS

08/01/2015 02h00

Terroristas islâmicos invadiram nesta quarta-feira (7) a sede do jornal satírico francês "Charlie Hebdo", que já fora ameaçado por publicar charges sobre o islã no passado, e mataram a tiros ao menos 12 pessoas. Outras 11 pessoas foram feridas, quatro delas em estado grave.

Os cartunistas mais influentes da França foram alvo do maior atentado no país em 50 anos.

O ataque foi planejado e executado por pelo menos três pessoas. O mais novo deles, identificado por policiais consultados pela Associated Press como Hamyd Mourad, 18, entregou-se em uma delegacia

de Charleville-Mézières (a cerca de 230 km de Paris) na noite de quarta-feira (madrugada de quinta na França).

Segundo a agência AFP, ele teria decidido se entregar "depois de ver seu nome circulando pelas redes sociais". A polícia havia realizado durante a noite uma operação de busca em Reims, que fica entre Paris e Mézières.

As identidades dos outros dois suspeitos foram confirmadas pela polícia de Paris na noite de quarta: os irmãos Said, 34, e Chérif Kouachi, 32 - franceses de origem árabe, que seriam moradores de Gennevilliers (periferia de Paris).

No comunicado sobre a ordem de busca, a polícia divulgou as fotos dos irmãos e deixou um telefone de contato para informações. Segundo a nota, eles são suspeitos de "estarem armados e serem perigosos". Um deles foi identificado depois de ter esquecido um documento dentro do carro durante a fuga.

Chérif já era conhecido da polícia. Ele chegou a ser condenado em 2008 a 18 meses de prisão por terrorismo, sob a acusação de enviar guerrilheiros para ajudar insurgentes no Iraque.

Apesar de nenhum grupo ter assumido a autoria do atentado, uma testemunha disse ao "Telegraph" que o grupo, antes de começar a atirar, disse a um homem na rua: "Diga à imprensa que essa é a Al Qaeda no Iêmen".

Armados com fuzis Kalashnikov e encapuzados, dois entraram no prédio da Redação, na rua Nicolas Appert, a 400 metros da praça da Bastilha.

Os terroristas foram direto para o segundo andar do edifício, onde era realizada a reunião de pauta da publicação.

ALVOS ESCOLHIDOS

O advogado do semanário, Richard Malka, disse que os terroristas separaram as mulheres e pediram para os homens se identificarem. Só então começaram a atirar à queima-roupa, indicando que os alvos já estavam previamente escolhidos.

Quatro eram os cérebros e os traços da "Charlie Hebdo": o diretor de redação Stéphane Charbonnier, o Charb, Jean Cabut, o Cabu, Georges Wolinski e Bernard Verlhac, o Tignous.

Dentro do prédio, onze pessoas foram mortas -oito eram jornalistas/cartunistas, um era um convidado da redação e um funcionário da manutenção do prédio.

Os terroristas mataram ainda policiais que protegiam o prédio em virtude das ameaças de extremistas. Um deles, Ahmed Merabet, agonizava na calçada quando um dos terroristas disparou em sua cabeça. Um vídeo feito por vizinhos flagrou o assassinato.

Logo após atirar no policial, dois homens entraram num Citroën C3 onde o terceiro esperava com o motor ligado.

Antes de entrarem no carro, um deles gritou: "Allah Akbar" ("Deus é Grande") e "O profeta está vingado. 'Charlie Hebdo' está morto". O C3 foi abandonado no extremo nordeste de Paris, e os terroristas roubaram outro carro para seguir em fuga.

A escolha do alvo não foi aleatória. "Charlie Hebdo" é uma publicação que entrou no radar dos extremistas islâmicos em 2006 quando publicou charges de Maomé consideradas ofensivas ao profeta.

Em 2011, o semanário fez uma edição chamada "Sharia Hebdo", aludindo à lei islâmica. Na véspera da publicação, os escritórios da editora foram incendiados.

Com os terroristas ainda em fuga, o governo francês elevou para o nível máximo o alerta de terrorismo. O governo também reforçou a vigilância em templos, meios de transporte e pontos turísticos da capital.

TEXTO 04:

Semanário sempre ironizou qualquer tipo de instituição

'Charlie Hebdo' implicava com quase tudo, do comunismo à extrema direita e ao islã

JOÃO BATISTA NATALI

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Em novembro de 1970, morria aos quase 80 anos o general Charles de Gaulle, estadista e ex-dirigente da Resistência à ocupação alemã. Ele se retirara, aposentado, a uma pequena aldeia da Normandia, Colombey-les-Deux-Églises. O jornal satírico "Hara-Kiri" estampou em manchete: "Baile Trágico em Colombey: um Morto".

A publicação foi proibida de circular pelo então ministro do Interior, o gaullista conservador Raymond Marcellin, com o aval do então presidente Georges Pompidou, também gaullista.

Os jornalistas e cartunistas do jornal decidiram contornar a proibição e lançaram o "Charlie Hebdo", versão semanal ("hebdomadaire", em francês) do mensal "Charlie", que mantinham em homenagem a Charlie Brown, personagem de histórias em quadrinho do americano Charles Schulz (1922-2000).

Mas em verdade o "Charlie Hebdo" era bem mais que um veículo de humor negro. Criou e ampliou na mídia francesa um espaço editorial que se definia como libertário, como uma casamata que protegia uma constelação diversificada dos pensamentos da esquerda não oficial.

Implicava com o catolicismo conservador, com o Partido Comunista, com a hierarquia judaica, com a extrema direita e com o terrorismo islâmico. Por mais que nunca tenha sido um jornal de ampla circulação, era por meio dele que sobrevivia, na mídia, o pensamento criativo nascido nas barricadas estudantis de Maio de 1968.

No "Charlie Hebdo" se formou e cresceu o melhor do cartunismo francês. Passaram ou saíram do jornal nomes como Cabu, Wolinski, mortos no atentado, Gédé, Reiser, Cavanna ou Siné.

Um dos pressupostos editoriais estava no fato de que simplesmente não prestava aquilo que era institucionalmente sério, em termos de política ou de costumes.

Um exemplo: há muitos anos a direita francesa defendeu a tese de que a imigração tinha um "teto" de convivência possível. O "Charlie Hebdo" produziu e publicou fotos em que uma francesa aparecia na mesma cama com três africanos, com a legenda: "O teto foi alcançado".

O "Charlie Hebdo" não escapava facilmente da reputação de ser um jornal de pessoas mais velhas, que concebiam sempre do mesmo jeito o que seria uma reação libertária. Mais que previsível, então, ter publicado imagens de Maomé, que em 2006 provocaram protestos em massa no mundo muçulmano.

Mas já não havia mais o mesmo vigor juvenil de 1969, quando François Cavanna criou o pequeno grupo editorial, que sobreviveu a crises internas e ao declínio na circulação de exemplares.

TEXTO 05:

Apesar de ameaças, diretor editorial do 'Charlie Hebdo' não se intimidava

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

08/01/2015

O cartunista Stéphane Charbonnier, 47, diretor editorial do jornal satírico francês Charlie Hebdo que foi morto nesta quarta (7), não se deixava intimidar.

Em 2011, ele publicou uma edição paródia do jornal, em que dizia ter contado com o profeta Maomé como "editor convidado" e comemorava a vitória do partido islamista nas eleições da Tunísia. Prometia cem chibatadas a quem não achasse graça.

Logo depois, a sede do jornal foi alvo de um ataque à bomba e ficou completamente destruída. A edição seguinte à polêmica trazia na capa um muçulmano beijando um chargista.

Ao Le Monde, ele disse não ter medo de ataques. "Não tenho filhos, nem mulher, nem carro, nem crédito", disse. "Talvez soe um pouco pomposo, mas prefiro morrer em pé do que viver de joelhos."

Depois do ataque, Charb, como era conhecido, passou a contar com proteção policial. Mas defendia a liberdade de expressão e não deixou de publicar charges polêmicas. "Usar nossa liberdade em um país livre não é provocação", disse em entrevista à Folha na época. "Publicamos o desenho de Maomé para zombar da sharia."

Em 2012, Charbonnier ignorou advertências do governo francês e publicou charges que mostravam Maomé nu e em poses pornográficas.

"Será que é razoável jogar lenha na fogueira", perguntou Laurent Fabius, chanceler francês na época, ao fechar embaixadas francesas em mais de 20 países, diante dos protestos de muçulmanos.

"Maomé não é sagrado para mim", ele disse. "Eu vivo sob a lei francesa, não sob a lei do Alcorão."

O Charlie Hebdo foi fundado em 1970 depois que a publicação Hara-Kiri, onde os cartunistas Georges Wolinski e Jean Cabut trabalhavam, fechou em meio a críticas por ter satirizado a morte de Charles de Gaulle.

A equipe fundou o Charlie Hebdo, ou Semanário Charlie, em referência à sua publicação das tirinhas do Charlie Brown.

Charb trabalhou no jornal por mais de 20 anos. Nesse período, o Charlie não poupou ninguém: teve capas com o papa Bento XVI abraçando romanticamente um guarda do Vaticano e um judeu ortodoxo beijando um soldado nazista.

Um cartum recente que ele desenhou parece profético. Retrata um homem usando a vestimenta típica de extremistas islâmicos, com uma cara muito infeliz, e os dizeres: "Ainda nenhum ataque na França". No balãozinho, uma frase do extremista: "Calma, ainda tenho até o fim de janeiro para fazer meus desejos de ano novo."

TEXTO 05 (BOX 01)

Cartunista morto era visto como uma lenda entre os colegas franceses

Georges Wolinski, 80, um dos mais reverenciados cartunistas da França e um símbolo de maio de 68, estava entre os doze mortos no ataque ao semanário satírico "Charlie Hebdo" nesta quarta (7). Nascido na Tunísia de pais judeus, Wolinski mudou para a França em 1946. Largou a faculdade de arquitetura em Paris e começou a desenhar cartuns nos anos 60, contribuindo para a revista mensal satírica "Hara-Kiri".

Durante as revoltas estudantis de 68, Wolinski foi co-fundador da revista satírica "L'Enragé".

Suas charges de forte teor político e erótico já foram publicadas no jornal "Libération", na "Paris-Match", além do jornal comunista "L'Humanité" e do "Charlie Hebdo".

Junto com Georges Pichard, ele criou Paulette, uma de suas personagens mais marcantes.

O cartunista recebeu a Legião de Honra, a mais alta condecoração da França.

"Wolinski influenciou todo mundo que vocês conhecem: Ziraldo, Jaguar, Nani, Henfil, Fortuna... O cara era uma ESCOLA. Que dia tenebroso!", escreveu o cartunista brasileiro André Dahmer no Twitter.

Além de Wolinski, os cartunistas Jean Cabut, 76, o "Cabu"; e Bernard Verlhac, o Tignous, estavam entre as vítimas.

Cabut era um dos mais famosos cartunistas franceses e foi chamado de "o melhor jornalista da França" pelo diretor de cinema Jean-Luc Godard. Seu personagem mais conhecido é Mon Beauf (Meu caipira, em uma tradução livre), que transformou-se sinônimo de francês racista ou sexista.

Ele foi o autor da charge em que o profeta Maomé aparece soluçando, com as mãos na cabeça, dizendo: "É difícil ser amado por idiotas", junto com a legenda "Maomé sobrecarregado pelos fundamentalistas."

A charge apareceu na capa do "Charlie Hebdo" que reproduziu os cartuns publicados pelo jornal dinamarquês Jyllands-Posten, em 2005, que tinham levado a uma série de protestos de muçulmanos ao redor do mundo, com saldo de 50 mortos.

Bernard Maris, 68, outra vítima do ataque, escrevia uma coluna no "Charlie Hebdo", era comentarista de economia e professor da Universidade de Paris. Dois policiais também foram mortos no atentado.

TEXTO 05 (BOX 02)

Depoimento: "Fui morar em Paris por causa dos quadrinhos de Wolinski"

ADÃO ITURRUSGARAI

QUADRINHISTA DA FOLHA

Georges Wolinski era minha maior influência. Em 1990, fui morar em Paris por causa dos seus quadrinhos.

Ele era um dos mais importantes humoristas da França. Desenhava e escrevia muito bem. Fez parte das irreverentes revistas "Hara-Kiri" e "L'Écho des Savanes", minhas preferidas. Vou aproveitar este momento para confessar que "chupei" do Wolinski o cenário das tiras "La Vie en Rose".

Em minha estadia em Paris, nunca consegui encontrá-lo. Cheguei a ficar horas na porta da editora, sob a neve, na esperança de encontrar o Wolinski e mostrar minha pasta de desenhos.

Só fui conhecer o Wolinski pessoalmente dois anos depois, no Rio de Janeiro, em um festival de quadrinhos.

Lembro como se fosse ontem. Entreguei uma revista minha a ele e me respondeu: "Isso me interessa, posso ficar com ela?"

Logo depois encontrei-o num bar, que estava cheio de desenhistas que participavam do encontro. Ele parecia entediado, levantou-se de repente e disse: "Com licença, vou procurar umas putas".

TEXTO 06

Cerca de 100 mil vão às ruas por vítimas de atentado na França

Em Paris, 35 mil se reuniram na Praça da República; franceses temem xenofobia após episódio Presidente francês pede união ao país e diz que assassinos serão tratados 'com rigidez'; EUA oferecem apoio

GUSTAVO RIBEIRO

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM PARIS

Cerca de 100 mil pessoas se mobilizaram em toda a França em solidariedade às 12 vítimas fatais do ataque ao jornal Charlie Hebdo. O principal ato ocorreu na Praça da República, em Paris, e reuniu 35 mil franceses.

O evento foi marcado pela preocupação em não estigmatizar os árabes e muçulmanos que vivem na França.

"Esses monstros não representam toda a comunidade árabe. Não podemos nos deixar contagiar pelo delírio de um ato extremista", diz o jornalista Alexandre Bodovski.

Organizado por partidos de esquerda, o ato começou às 17h (hora local). Inicialmente, os manifestantes ficaram em silêncio, mostrando cartazes em defesa da liberdade de expressão e em repúdio ao extremismo. Depois, entoaram cantos de "Não temos medo" e "Eu sou Charlie".

Por volta das 22h30, desenhistas fizeram um memorial às vítimas: um círculo de velas, com canetas no interior.

"Eu e minha mulher acompanhamos toda a trajetória do Charlie. É um jornal que sempre representou um direito fundamental: o de rir de tudo e de todos", disse o aposentado Jean Banot, que participava da manifestação.

"O mais triste, além da perda humana, é saber que esse episódio dará abertura a discursos xenófobos", acrescentou sua mulher, Michelle.

A preocupação não chega a ser um exagero, pois também havia vozes radicais. Era o caso de Claude Batola, congolês radicado na França há 20 anos. "É preciso acabar de uma vez por todas com o islã radical na França. O que eles fizeram é desumano."

Manifestantes criticaram presentes que empunhavam bandeiras de partidos políticos ou da União Europeia. "Este é um momento de solidariedade. Não é hora de proselitismo político", disse a psicóloga Margot Martin.

O Partido Socialista francês convocou "todos os republicanos franceses" a uma manifestação no sábado (10).

Os atos desta quarta e repetiram em cidades da Europa, dos EUA e do Brasil. Cerca de 200 manifestantes fizeram um ato no vão livre do Masp, na região central em São Paulo, enquanto outros 150 se reuniram no Largo do Machado, zona sul do Rio

APOIO

O presidente da França, François Hollande, afirmou não haver dúvida de que o ataque foi terrorista e pediu união ao país. "Nossa melhor arma é a união. Nada pode nos dividir e nada pode nos colocar uns contra os outros." Ele ressaltou que seu governo fará tudo para encontrar os assassinos, que serão tratados "com rigidez".

Líderes mundiais, como a chanceler alemã, Ângela Merkel, e o presidente dos EUA, Barack Obama, repudiaram o ataque. Obama se comprometeu a ajudar a França na caça aos terroristas. "Vamos providenciar qualquer assistência para levar os terroristas à Justiça", disse em nota.

A presidente Dilma Rousseff demonstrou "profundo pesar e indignação" e classificou o ato como um ataque à liberdade de imprensa.

TEXTO 07

Ataque contra mídia é o pior desde 2009, diz entidade

Naquele ano, 34 jornalistas foram mortos em massacre nas Filipinas

Para CPJ, 2014 é ápice dos 3 anos mais mortais para a categoria; no Brasil, associações do setor repudiam ataque

NELSON DE SÁ DE SÃO PAULO

O atentado contra o "Charlie Hebdo", segundo o Comitê para a Proteção de Jornalistas, "é o pior ataque à mídia desde o massacre de Maguindanao", em novembro de 2009, nas Filipinas --quando ao menos 34 jornalistas foram mortos ao cobrir ato eleitoral.

A lista de piores ações contra jornalistas feita pelo CPJ, sediado em Nova York (EUA), destaca ainda a morte de 11 funcionários da TV Al Shaabiya em 2006, em Bagdá (Irã), e de cinco da E-TV em 1997, em Hyderabad (Índia).

Segundo o CPJ, 2014 vem sendo "o ápice dos três anos mais mortais" para jornalistas desde que a entidade iniciou levantamento detalhado, em 1992. Até ontem, o fenômeno era creditado principalmente à guerra civil síria.

"A ameaça aos jornalistas e à liberdade de expressão é global, sem porto seguro", disse Joel Simon, diretor-executivo do CPJ. Para Robert Mahoney, vice da entidade, os jornalistas devem se unir e "passar a mensagem de que os atentados homicidas para nos calar não prevalecerão".

O sentimento ecoou por entidades globais de imprensa.

O presidente-executivo da Associação Mundial de Jornais (Wan-Ifra), Vincent Peyrègne, afirmou que "esta absurda atrocidade não é apenas um ataque à imprensa, mas também à sociedade e aos valores pelos quais todos lutamos", alertando para o "crescente clima de ódio que ameaça fraturar nossa compreensão de democracia".

No Brasil, o vice-presidente da Associação Nacional de Jornais, Francisco Mesquita Neto, disse que o ataque, além de matar "colaboradores de um veículo que se caracteriza por abordar a realidade pela via do humor, claramente pretende intimidar a imprensa que não se submete a uma visão de mundo totalitária".

Para o presidente da Associação Nacional de Editores de Revistas, Frederic Kachar, "este atentado inaceitável atinge também a liberdade de expressão e de imprensa, pilares fundamentais para sociedades democráticas".

A diretoria da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) alertou "para o perigo da intolerância (seja política, religiosa ou de qualquer natureza) e do obscurantismo, que tem gerado ataques às liberdades de expressão e de imprensa em todo o mundo".

E a diretoria da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) afirmou que "a carnificina tenta impor o terror aos meios de comunicação e calar o direito à expressão em um dos países que o simboliza", sendo "um ataque à liberdade de imprensa em todo o mundo".

TEXTO 08

Maioria dos turistas brasileiros em Paris não sabia de atentado

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA,

EM PARIS

O choque geral dos parisienses com o atentado ao "Charlie Hebdo" nesta quarta (7) não foi percebido pela maioria dos turistas brasileiros entrevistados pela **Folha**.

Dos 20 ouvidos, 15 souberam da notícia pelo repórter. "É mesmo? A gente estava em um momento tão feliz e ouvir essa notícia realmente me chocou", disse a brasileira Maria Virgínia, 36, que passou o dia com a família conhecendo a cidade de metrô.

Na Champs Elysées, meca do turismo de consumo, o movimento não era pequeno. "Minha família nos contou sobre os ataques, mas tudo está muito calmo", disse João França, 30, de Fortaleza.

A tranquilidade dos turistas contrasta com a tensão e tristeza dos brasileiros que moram em Paris.

"Quero ter filhos com meu namorado e tenho medo pois não sei em qual sociedade eles viverão daqui pra frente", afirmou Denise Rodrigues, 29.

TEXTO 09

Integração de muçulmanos à Europa é alvo de manipulações

ENVIADO ESPECIAL A PARIS

Não é verdade que o islã seja incompatível com a Europa "cristã e democrática", como será dito depois do atentado à Redação do "Charlie Hebdo". Nem que haja uma "guerra entre civilizações".

Mas o ataque brutal de Paris, assim como episódios anteriores de violência radical na região, deixam por outro lado evidente o atrito entre países europeus e suas populações muçulmanas.

O "Charlie Hebdo" já havia sido alvo de atentado em 2011 depois de publicar uma ilustração de Maomé. Na Dinamarca, é célebre o caso das caricaturas do profeta com uma bomba na cabeça --que motivou revoltas e ameaças.

O diretor holandês Theo van Gogh foi morto em 2004 após realizar um filme polêmico sobre o tratamento das mulheres no islã.

Esse atrito era justamente um dos temas da edição desta quarta do jornal, representando o romancista francês Michel Houellebecq, que acaba de publicar um livro sobre a França do futuro -- governada por muçulmanos. O temor diante da imigração e do crescimento dessa população é evidente ali.

O assunto é matéria-prima para a manipulação política em diferentes grupos. A direita francesa, por exemplo, é crítica à imigração ao país. Líderes islâmicos radicais mobilizam seus seguidores em torno de casos como o do "Charlie Hebdo", também.

O isolamento e a falta de perspectivas, aliás, são apontados por jovens militantes como uma das razões pelas quais viajam à Síria para lutar nas fileiras do Estado Islâmico.

Também preocupa que a luta contra o EI, percebida em alguns círculos como uma "luta contra o islã", motive ataques como o desta quarta.

TEXTO 10

Jornal foi alvo por ir até as últimas consequências, diz Cohn-Bendit

RODRIGO VIZEU

EDITOR-ASSISTENTE DE "MUNDO"

O jornal "Charlie Hebdo" foi alvo de terroristas porque "ia até o fim", afirma o ícone do Maio de 1968 francês Daniel Cohn-Bendit, 69. Hoje deputado no Parlamento Europeu, o franco-alemão Cohn-Bendit, um dos líderes do movimento estudantil dos anos 60, era amigo de alguns dos cartunistas assassinados.

Ele saudou as vítimas por sua capacidade de expor as contradições sociais e criticou o que chamou de "fascismo" do islamismo radical. Segundo o político, é preciso um combate de convencimento de muçulmanos europeus radicalizados.

Folha- Como o sr. recebe esse ataque, primeiramente de um ponto de vista pessoal?

Daniel Cohn-Bendit - Pessoalmente, é um choque terrível que esse atentado possa ter ocorrido em uma Redação de jornal em Paris. Nos sentimos totalmente desamparados diante da selvageria.

Dois deles, Cabu e Wolinski, eram próximos do sr.

Sim, nos acompanharam na maior parte de nosso percurso político. São pessoas que encontrava com frequência, com quem confraternizei, que lutavam o mesmo combate antinuclear, antimilitarista, anticlerical. Tinham a capacidade, com suas canetas e lápis, de mostrar as contradições da sociedade. Eram antinacionalistas, antinucleares, ecologistas, libertários.

É preciso entender que "Charlie Hebdo" foi alvo por ser um jornal no qual os fundadores eram anticlericais, antirreligiosos, eles iam até o fim. Jornalistas que se consideravam no espírito de 68, no senso crítico, de uma radicalização do pensamento, da rejeição da religião, do autoritarismo.

O sr. acredita que de alguma forma "Charlie Hebdo" exagerava nas piadas?

Era a concepção deles, um jornal satírico onde o exagero era parte de sua ideia. Se você diz que eles exageraram, diz que eles não têm razão de ser. Estavam convencidos de que a liberdade de expressão é atacar de Cristo a Maomé. Era a concepção de liberdade deles. Pode-se achar isso babaca ou bom. Mas é parte do jogo. Uma sociedade livre é justamente aquela que suporta o excesso.

Como vê o ataque do ponto de vista político?

Creio que há no movimento islâmico terrorista e radical um momento fascista. São forças, pequenos grupos fascistas. Isso não quer dizer - e a elite política e todo mundo na França sublinhou isso bem hoje- que se deva confundir esse fascismo que se faz em nome do islã com os muçulmanos em geral.

Como combater isso?

Existe um combate militar-policial, como contra o Estado Islâmico. Não é com boas palavras e pedindo o dia todo que você vai derrotá-lo. Além disso, na sociedade, é preciso demonstrar aos muçulmanos europeus que eles são cidadãos europeus e como tal devem combater o extremismo.

Anexo 02: Material coletado do dia 10 de janeiro de 2015

TEXTO 11

APÓS CERCO, POLÍCIA FRANCESA MATA IRMÃOS RESPONSÁVEIS POR ATAQUE AO 'CHARLIE HEBDO'

Cinquenta e quatro horas após o ataque à redação do jornal satírico "Charlie Hebdo", que deixou 12 mortos em Paris, a polícia da França cercou e matou os dois responsáveis pelo crime, os irmãos Said, 34, e Chérif Kouachi, 32, numa gráfica em Dammartin-en-Goële, a 35 km da capital.

Outro cerco nesta sexta (9), a um mercado judaico de Paris, matou o sequestrador Amedy Coulibaly, 32. Quatro reféns foram mortos --segundo o procurador François Moulins, pelo sequestrador-- e outros 15 foram libertados.

Coulibaly, suspeito de matar uma policial na quinta (8), disse em entrevista à TV durante o sequestro agir em coordenação com os Kouachi e ser ligado ao Estado Islâmico.

Um membro da Al Qaeda no Iêmen reivindicou o ataque ao "Charlie Hebdo" dizendo à agência Associated Press que a rede dirigiu a ação em Paris --segundo ele, "vingança pela honra" do profeta Maomé, satirizado no jornal.

As autoridades francesas, por sua vez, confirmaram a associação dos Kouachi com a Al Qaeda. Said viajou ao Iêmen em 2011, onde fez treinamento militar, e Chérif foi preso em 2005 tentando ir ao Iraque para combater os EUA.

DOIS CERCOS

Por volta das 17h (14h de Brasília), um grupo de assalto do GIGN (tropa de elite da polícia) invadiu a pequena gráfica CTD, onde os Kouachi se escondiam desde a manhã lançando bombas e disparando armas automáticas.

Duas pessoas no local saíram ilesas: o dono da gráfica, feito refém, foi liberado antes da invasão policial; e um funcionário de 26 anos, que se escondeu numa caixa de papelão sem que os terroristas notassem, saiu no fim do cerco.

Após dois dias de fuga com 80 mil policiais em seu encalço, os autores do mais sangrento ataque recente na França abandonaram um Peugeot 206 e buscaram refúgio na zona industrial perto do aeroporto Charles de Gaulle.

Por volta das 9h locais, eles invadiram a gráfica. Alertada, a polícia montou gigantesco aparato, com centenas de policiais, carros e helicópteros. Atiradores de elite se postaram nos prédios vizinhos, e estradas foram bloqueadas.

Segundo o procurador Moulins, os irmãos atiraram ao perceberem a iminência da invasão. O som de tiros e bombas na operação durou cerca de um minuto. Um lançador de granadas, dois fuzis Kalashnikov e duas pistolas foram achados com os terroristas.

Antes da invasão, Chérif atendeu o telefone da gráfica e falou ao canal BFMTV. Disse que não matara civis na "Charlie Hebdo", mas "alvos", e declarou que ele e o irmão eram "defensores do profeta".

Minutos após as forças de segurança invadirem a gráfica, a polícia rompeu também o cerco ao supermercado judaico na região leste de Paris.

A ação foi coordenada com tiros e explosões, enquanto reféns eram libertados. Dezenas de policiais bloquearam o entorno. "As ações foram concomitantes, para salvar o maior número de reféns", disse Gael Fabiano, da polícia.

O Hyper Cacher, mercado tomado pelo sequestrador, está numa região de numerosa população judaica. Julien Mathieu, gerente do hotel Le Ruisseau, na frente do mercado, disse à **Folha** ter ouvido tiros e retirado os clientes do restaurante pelos fundos.

Mathieu diz ter visto a operação de sua janela. "Um policial caiu, atingido por uma bala. Foi uma cena horrível."

As escolas no perímetro de segurança mantiveram seus alunos ali durante o dia. "Estou do lado de fora e não posso ir buscar meus filhos na creche", afirmou Nathalie Tuil, mãe de duas crianças.

No bairro parisiense do Marais --distante do mercado, mas também de forte presença judaica--, o temor de ataques fez com que lojas na rue des Rosiers fossem fechadas.

AMEAÇA PERSISTE

Em discurso após o fim dos cercos, o presidente François Hollande pediu união e disse que a França "enfrentou, mas não acabou" com as ameaças. Ele chamou o ataque ao mercado de ato de antissemitismo, sem relação com o islã. O presidente dos EUA, Barack Obama, afirmou que está "do lado" dos franceses.

TEXTO 12

Autor de atentado encontrou Sarkozy em 2009, diz jornal

Homem identificado como sequestrador em mercado judaico esteve em cerimônia com ex-presidente francês

Amedy Coulibaly fazia parte de programa de reinserção social, mas logo voltou a se envolver com crimes

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Amedy Coulibaly, 32, identificado como o sequestrador que matou quatro reféns em um mercado kosher na periferia de Paris nesta sexta (9), tinha diversas passagens pela polícia--e, segundo o jornal francês "Parisien", pelo menos uma no Palácio do Eliseu.

Em 2009, ele teria conhecido o então presidente da França, Nicolas Sarkozy.

O encontro era uma reunião sobre as oportunidades de emprego para a juventude francesa.

Antes do evento, Coulibaly concedeu uma entrevista ao "Parisien", em que dizia esperar conseguir um emprego com o presidente.

Naquela época, Coulibaly tinha um contrato de profissionalização com a Coca Cola, espécie de estágio voltado à qualificação de jovens ou à reinserção de desempregados no mercado de trabalho.

Segundo a reportagem do "Parisien" de 2009, que não menciona se Coulibaly fazia parte de um programa para egressos da prisão, Sarkozy iria se encontrar com dez jovens que tinham aquela modalidade de emprego.

O Palácio do Eliseu, no entanto, alegou nesta sexta (9) que o presidente se encontrou com 500 jovens na ocasião e que não sabia se Coulibaly estava entre eles.

Coulibaly, que foi morto pela polícia, também era o suspeito pelo assassinato de uma agente em Montrouge na quinta (8), menos de 24 horas após o massacre na sede do "Charlie Hebdo".

Na ação desta sexta, também teria participado do sequestro Hayat Boumeddiene, 26, companheira de Coulibaly e agora foragida.

FICHA POLICIAL

Coulibaly tinha uma longa ficha criminal, principalmente por roubos. A imprensa francesa acredita que foi nos diversos períodos em que esteve na cadeia que ele se converteu ao islã e se radicalizou.

Segundo o "Libération", Coulibaly era o único irmão homem de uma família de origem malinesa com dez filhos. Sua infância teria sido "feliz", e sua formação escolar, "mediana". Mas, aos 17 anos, ele passou a mudar de comportamento.

Somente entre 2001 e 2002, ele foi condenado três vezes por roubo. As penas somavam oito anos, mas ele ganhou suspensão para quatro anos e nove meses da pena.

Em 2004, ele voltou a ser condenado a seis anos por roubo a mão armada em um banco, com dois cúmplices.

Em 2005, ele recebeu outra condenação, de três anos, também por roubo. Em 2007, foram mais 18 meses por tráfico de drogas.

Menos de um ano depois do encontro com Sarkozy, Coulibaly voltou a ser detido pela polícia, sob suspeita de planejar a fuga de Smain Ait Ali Belkacem, membro do Grupo Islâmico Armado Argelino (GIA), condenado em 2002 à prisão perpétua pelo atentado à estação Museu de Orsay de Paris, em 1995.

Na ocasião, foram encontrados na casa de Coulibaly 240 cartuchos de balas e fotos dele com Djamel Beghal, que foi condenado por planejar um atentado contra a embaixada dos EUA em Paris

Responsável pelo ataque ao "Charlie Hebdo", Chérif Kouachi também teria participado do plano de fuga. Segundo o site do "Nouvel Observatoire", Kouachi e Coulibaly teriam se conhecido entre 2005 e 2006, quando estavam na prisão Fleury-Mérogis, em Paris.

Coulibaly foi condenado em dezembro de 2013 a cinco anos. Teve a pena diminuída em um ano e foi solto em março de 2014

TEXTO 13

"Não deixaremos de criticar religiões", diz sobrevivente do "Charlie Hebdo"

ISABELLE HANNE

DO "LIBÉRATION"

10/01/2015

Os jornalistas que sobreviveram ao atentado voltaram ao trabalho na sexta-feira. Com os mortos e os feridos no pensamento, para levar um jornal às bancas na próxima quarta-feira.

A reunião de pauta do "Charlie Hebdo" durou mais de três horas ao todo. É que na manhã de sexta, além do trem, das pautas, dos prazos, foi preciso falar dos mortos, dos feridos, das homenagens, dos funerais. A sala da escotilha, onde o "Libé" [o jornal francês "Libération"] geralmente realiza sua reunião de pauta diária, foi ocupada dessa vez pelos profissionais sobreviventes do semanário satírico. Iluminada de um lado por uma grande janela redonda, a sala está ao mesmo tempo aquecida demais e aberta aos quatro ventos, para deixar escalar a fumaça dos cigarros.

Sobre a grande mesa redonda, computadores emprestados pelo grupo "Le Monde". Sentados em volta dela, Willem, Luz, Coco, Babouse, Sigolène Vinson, Antonio Fischetti, Zineb El Rhazoui, Laurent Léger. Ao todo mais de 25 pessoas, com a aparência abatida e os olhos inchados. O núcleo central do "Charlie Hebdo", os colaboradores habituais e os ocasionais estão ali para preparar o próximo número do jornal. O semanário deve sair na próxima quarta e terá tiragem de 1 milhão de exemplares, ou seja, mais ou menos 20 vezes a tiragem habitual.

"Pude ver todo o mundo no hospital", começa dizendo Gérard Biard, o editor-chefe do "Charlie". "Riss está com o ombro direito ferido, mas o nervo não foi afetado. Ele está com muita dor. A primeira coisa que falou é que não tem certeza se vamos poder continuar a fazer o jornal."

Fabrice Nicolino, atingido várias vezes no atentado, "está melhor", se bem que "é evidente que está sofrendo muito mesmo".

Patrick Pelloux, médico de urgências e colunista do "Charlie", explica o ferimento no maxilar sofrido por outra vítima, Philippe Lançon, que também é jornalista do "Libé".

Simon Fieschi, o webmaster deles, "foi posto em coma artificial". Uma jovem desaba em lágrimas. "Você não tem que se sentir culpada", Gérard Biard a consola. Todo o mundo concorda com gestos de cabeça. Quem está chorando é a jornalista Sigolène Vinson, que estava presente na redação na hora do drama, na quarta-feira, mas foi poupada pelos atiradores.

Biard repassa os nomes dos mortos. Como organizar os funerais? E a homenagem nacional? Com que música? Nada de bandeiras, certo? "Não é caso de fazer uma coisa simbólica que eles próprios teriam detestado", observa alguém em volta da mesa.

"Mataram pessoas que desenhavam hominhos. Nada de bandeiras. Temos que lembrar a simplicidade desse pessoal, o trabalho deles. Nossos amigos morreram, mas não vamos expô-los em praça pública." Todo o mundo concorda.

ASSINATURA EM MASSA

Uma jornalista explica que uma "caixinha" criada espontaneamente na internet por desconhecidos já recebeu 98 mil euros em menos de 24 horas. Os sobreviventes do "Charlie Hebdo" estão recebendo

uma enxurrada de pedidos de assinatura que ainda não estão conseguindo processar. Mas dentro em breve eles vão receber ajuda do grupo Lagardère para lidar com isso.

O advogado do "Charlie Hebdo", Richard Malka, toma a palavra. "Há dinheiro chegando de todos os lados. Ajudas de vários tipos, locais, pessoal para cuidar do que precisa ser feito." "Recebemos o apoio de muitos veículos de mídia", confirma Christophe Thévenet, outro advogado do jornal. "Estão chegando doações, já recebemos 250 mil euros através da Associação Imprensa e Pluralismo, há o milhão de euros prometidos por Fleur Pellerin. Vocês aqui no 'Charlie' terão mais verbas do que jamais tiveram!".

O advogado sabe do que está falando: foi ele quem redigiu os estatutos do jornal e comanda suas assembleias gerais. Nos últimos meses o "Charlie" tinha lançado um apelo por doações para tentar sair do vermelho.

"E aí, vamos fazer o jornal?" pergunta Gérard Biard, visivelmente querendo fazer a reunião decolar. "O que vamos colocar nas páginas?" "Sei lá, o que há em matéria de últimas notícias?" responde Patrick Pelloux. Risos nervosos.

Biard prossegue: "Para mim, devemos fazer um número normal, entre aspas. Para que os leitores reconheçam o 'Charlie'. Que não seja uma edição excepcional." "Não seria má ideia", comenta alguém em volta da mesa.

Algumas pessoas aventam a ideia de deixar espaços brancos nos lugares onde os mortos da quarta-feira teriam escrito ou desenhado. Mas a equipe acaba decidindo que não o fará. "Não quero que haja um vazio material", argumenta Gérard Biard. "Todas as páginas precisam estar lá. E Mustapha, também." Mustapha Ourrad, o revisor, faz parte da longa lista dos mortos no atentado da quarta-feira. "Então deixe meus erros ficar!", dizem Patrick Pelloux e os outros, brincando.

"Opa, Fidel Castro morreu!" anuncia Luz, fazendo um gesto obsceno com o dedo médio ao descobrir a informação (desmentida logo depois) em seu telefone. O repórter Laurent Léger tenta centrar a discussão sobre o jornal outra vez: "Acho que a gente não deve fazer obituários. Não vamos fazer uma edição de homenagem."

A redação discute o conteúdo do jornal. Gérard Biard: "Espero que parem de nos tratar como leigos fundamentalistas, que as pessoas parem de dizer 'sim, mas...' à liberdade de expressão." Laurent Léger: "A edição também precisa falar do que vem depois." Corinne Rey: "Vamos transmitir a mensagem de que estamos vivos." Richard Malka: "E que não vamos deixar de criticar as religiões."

O "Charlie Hebdo" é um jornal curioso: não tem seções propriamente ditas, mas "espaços" atribuídos a esse ou aquele autor ou desenhista. Para os espaços dos mortos, a equipe decide procurar materiais inéditos deles para publicar. Assim, Charb, Cabu, Wolinski e Honoré estarão na edição que chegará às bancas na quarta-feira. Durante as discussões ouvem-se choros ocasionais, como incêndios rápidos que começam e então se apagam nos braços da pessoa ao lado. Há pessoas que se dão as mãos e olhares molhados de lágrimas.

Richard Malka pigarreia: "Manuel Valls acaba de chegar na redação". A equipe suspira, se espalha, faz brincadeiras. Acompanhado da ministra da Cultura e da Comunicação, Fleur Pellerin, que ostenta um adesivo de "Je suis Charlie" sobre o peito, e de todo um grupo de jornalistas de fora, assistentes e comunicadores, o primeiro-ministro vem cumprimentar os presentes com apertos de mão, soltando algumas informações sobre a intervenção em curso em Dammartin-en-Goële -"os dois assassinos caíram na ratoeira"-e então fazendo votos de "muita coragem" a todos.

Biard pergunta: "Não vamos ter mais jornalistas? E mais ministros? E para a página 16, o que fazemos?" A pergunta se perde no barulho das latinhas de Coca sendo abertas, dos pães de chocolate mastigados, das lágrimas sufocadas, das sirenes de polícia do lado de fora. Em seu canto, Patrick Pelloux dá risada: "Isto sim é uma verdadeira reunião de pauta. É uma zona! Recomeçamos bem."

TEXTO 14

França deve endurecer medidas contra terrorismo

DE SÃO PAULO

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

10/01/2015

Em resposta ao atentado ao jornal "Charlie Hebdo", a França deve elevar os gastos em inteligência e discutir com aliados o endurecimento das medidas contra o terrorismo.

Segundo o primeiro-ministro Manuel Valls, o país enfrenta uma grande ameaça, que deve durar de dois a três anos, e, por isso, deve reagir.

Para ele, o principal foco deve ser impedir a ida de franceses para campos de batalha de grupos radicais islâmicos no Oriente Médio.

"Há uma nova lei antiterrorismo que deve ser aprovada nas próximas semanas. Nós precisamos lutar contra essas idas ao exterior, essa radicalização na internet e destinar mais recursos aos nossos serviços de inteligência".

Para ele, os ataques a qualquer religião devem ser encarados como ataques à França e aos valores defendidos no país. "Nós começamos uma guerra contra o terrorismo, não contra o islã".

Antes da morte dos dois irmãos que seriam os atiradores que invadiram o semanário, o presidente François Hollande disse que as medidas contra o terrorismo serão definidas "em nível europeu".

A reação deverá ser anunciada após uma reunião de ministros do Interior de 12 países do continente, incluindo Reino Unido, Espanha, Itália e Alemanha, neste domingo (11), em Paris.

Também participarão do encontro o secretário de Justiça americano, Eric Holder, e os comissários da União Europeia para imigração e de combate ao terrorismo.

Devido à presença americana e dos funcionários do bloco europeu, a expectativa é que seja anunciada uma nova ofensiva contra o terrorismo no Oriente Médio. Franceses, britânicos e americanos participam das operações contra o Estado Islâmico no Iraque e na Síria.

Por outro lado, os países europeus devem anunciar o endurecimento na entrada de imigrantes, assim como aumentar o controle na saída e na volta dos europeus que formam as filas de grupos radicais islâmicos.

ERROS

Em entrevista à emissora TF1, Manuel Valls tentou amenizar as falhas do sistema de inteligência, que sabia da radicalização dos irmãos Kouachi, mas não pôde evitar o atentado.

"Não há risco zero. Nós sempre sabemos que podemos ser atingidos. Há sempre o risco de falhas. Nós precisamos saber e analisar o que aconteceu", disse.

Por outro lado, reconheceu que houve erros nas operações policiais nos ataques. "Quando há 17 mortes, houve falhas. Dezessete mortos em três dias é um fato que não acontecia há décadas".

Especialistas criticam o baixo monitoramento aos irmãos Kouachi, em especial após a ida do mais velho, Said, ao Iêmen em 2011.

Outros pontos são a baixa proteção policial à redação do "Charlie Hebdo" e as falhas na cooperação de segurança e inteligência entre Estados Unidos e França.

Texto 15

Terroristas devolvem cão a dono do carro

DE SÃO PAULO

10/01/2015

O dono do segundo veículo usado na fuga dos irmãos Kouachi, responsáveis pelo ataque ao jornal francês "Charlie Hebdo", disse em entrevista a uma rádio francesa que os irmãos demonstraram calma no roubo de seu Renault Clio e que até devolveram seu cão.

Os terroristas estavam no Citroën no qual fugiram do jornal e abordaram o homem (cujo nome não foi divulgado) na rua de Meaux, a 2,5 Km do "Charlie Hebdo".

Munido de uma metralhadora, o condutor do Citroën ordenou que o dono do Renault descesse do veículo, relata a vítima.

"Eu desci e o segundo [criminoso] se sentou no banco do passageiro, com um fuzil e uma espécie de granada".

Em seguida, a vítima disse ter aberto a porta traseira e pedido para recuperar seu cão, o que lhe foi concedido.

De acordo com o dono do Renault, eles não estavam mascarados e aparentaram muita calma. "Eles eram determinados e profissionais. Não levantaram a voz, não correram nem transpiravam".

Ao partirem, teriam orientado o homem a dizer à mídia que se tratava da Al Qaeda do Iêmen.

A vítima ainda relatou que só se deu conta que os assaltantes eram os autores do ataque ao "Charlie Hebdo" quando, após o roubo, viu o caso do jornal satírico ser transmitido na televisão.

"Eu fui um dos poucos a vê-los com os rostos descobertos. Tive muita sorte [de sair ileso].", disse ele à rádio.

Segundo a mídia estrangeira, Said Kouachi, 34, um dos irmãos foi treinado pela Al Qaeda em 2001 no Iêmen.

No atentado ao "Charlie Hebdo", os atiradores pouparam algumas mulheres – um deles teria dito à jornalista Sigolène Vinson: "Não tenha medo. Não vou matá-la. Você é mulher. Mas pense no que está fazendo. Não é certo".

Contudo, apesar da frieza, o ataque teve "falhas". Antes de chegar ao jornal, os irmãos teriam entrado em outro prédio por engano. Mais tarde, Said deixou seu documento de identidade em um dos carros usados na fuga.

Além disso, nos dias seguintes ao atentado, os Kouachi não conseguiram traçar um plano de fuga.

Os irmãos foram até uma gráfica em Dammartin-en-Goele, a 35 km a nordeste da capital francesa, onde fizeram um refém e foram mortos nesta sexta (9), segundo a polícia. O homem identificado como Amedy Coulibaly, 32, que mantinha reféns em um mercado em Paris, também foi morto na sexta.

Texto 16

Internautas criam campanha "Eu não sou Charlie" na rede

DIOGO BERCITO

ENVIADO ESPECIAL A PARIS

10/01/2015

Enquanto se noticiava que os tuítes marcados com #JeSuisCharlie ("eu sou Charlie") faziam história entre os mais usados na rede social Twitter, chegando a 6.500 menções por minuto, outra tendência ia contra essa corrente: #JeNeSuisPasCharlie.

Traduzido como "eu não sou Charlie", a "hashtag" – como se chamam esses marcadores em mensagens do Twitter– era a bandeira daqueles que não concordavam com a defesa incondicional aos desenhistas do "Charlie Hebdo", ou que afirmavam que o foco deveria ser outro.

O americano muçulmano Ahmad Hussain, de origem árabe, preferia marcar seus tuítes com #JeSuisAhmed. ("eu sou Ahmed").

Ou seja, em vez de "ser" os cartunistas polêmicos, ele se dizia representado pelo policial Ahmed Merabet, também morto no ataque terrorista de quarta-feira (7).

"Além disso, os muçulmanos são acusados pelo ataque ao 'Charlie Hebdo', então nos sentimos de alguma maneira vítimas também", disse Hussain à **Folha**.

Assad Rashid, de pai iraniano e mãe paquistanesa, tuitava durante o dia usando a "hashtag" #JeSuisAhmed "para mostrar que há muçulmanos que estão integrados à sociedade e que rejeitam a violência do extremismo".

Para Rashid, era importante enfatizar que havia uma vítima muçulmana no atentado. Assim, de acordo com ele, ficaria claro que "os terroristas estavam assassinando a ideia de liberdade, e não se baseavam em uma religião".

Outros usuários tuitavam com #JeSuisRaif, em referência ao blogueiro saudita Raif Badawi, condenado a açoitamento depois de ter sido acusado pelas autoridades do país de ter ofendido o islã.

ÓDIO

Procurado pela reportagem no final do dia, após o ataque ao mercado kosher, o muçulmano Hemmy Ismail, 33, se dizia chocado com os acontecimentos. De família tunisiana, afirmava que "o que fizeram é prova de que os terroristas usam a religião para enviar uma mensagem de ódio".

"São pessoas frustradas que pensam que conhecem a verdade e que as outras pessoas não podem pensar diferente. Eu sou muçulmano, mas acredito no secularismo, então estou também na mira desses terroristas."

Sobre os ataques a mesquitas na França nos últimos dias, Ismail afirma que "as pessoas estão furiosas" e que buscam um culpado para o que estão sentindo.

A associação entre o islã e o terrorismo, para ele, será rompida assim que as autoridades religiosas e políticas enviem a mensagem de que o que ocorreu em Paris "foi feito em nome da desumanidade, não do islã".

Anexo 03: material coletado do dia 17 de janeiro de 2015

TEXTO 17

Operação na Europa detém 31 suspeitos de terrorismo

Após ataques em Paris, polícia tenta dismantlar células de radicais

Continente é reduto de jovens jihadistas; para Europol, estrutura de redes dificulta muito a prevenção de atentados

LEANDRO COLON

ENVIADO ESPECIAL A PARIS

Pelo menos 31 pessoas foram presas nos últimos dois dias por autoridades de França, Bélgica, Irlanda e Alemanha sob suspeita de ligações com grupos extremistas islâmicos e de planejar ações de terrorismo.

As prisões fazem parte de uma megaoperação de países europeus para dismantlar células terroristas após os ataques que mataram 17 pessoas em Paris entre 7 e 9 de janeiro --12 delas em atentado ao jornal "Charlie Hebdo", criticado por líderes islâmicos por satirizar a religião.

Segundo a Procuradoria francesa, 12 pessoas foram presas no país por supostos vínculos com atos de terror e também por indícios de envolvimento com os atentados de semana passada na capital.

Um dos três atiradores desses ataques, Amedy Coulibaly, morto pela polícia, dissera ter ligação com a facção radical Estado Islâmico e ainda teria sido o fornecedor das armas usada pelos irmãos Said e Chérif Kouachi para o massacre na sede do jornal.

Suspeita-se que o arsenal usado por eles tenha saído da Bélgica, que prendeu 15 pessoas nesta quinta-feira --outros dois suspeitos foram mortos numa troca de tiros.

As autoridades belgas informaram que durante a operação, nas últimas 48 horas, foram encontradas quatro armas, entre elas fuzis Kalashnikov, mesmo tipo de armamento utilizado no ataque ao jornal da França.

Os investigadores afirmaram ainda que os presos estariam preparando ataques contra policiais em delegacias e nas ruas das principais cidades do país.

DIFICULDADES

Chefe da Europol, agência de polícia dos países europeus, Rob Wainwright admitiu ser "extremamente difícil" prevenir ataques terroristas diante da estrutura de comando reduzida e sofisticada dos extremistas. Seriam de 2.500 a 5.000 deles circulando pelo continente

A Europa tem sido um dos principais redutos de jihadistas, jovens muçulmanos enviados ao Oriente Médio para ser treinados e depois retornar aos seus países de origem com tarefas ordenadas por esses grupos.

Estima-se que 3.000 europeus tenham feito essa rota nos últimos anos.

Na Alemanha, 250 policiais foram destacados para vasculhar 11 residências que teriam vínculos com extremistas turcos.

Dois homens foram presos em Berlim por suspeita de recrutar pessoas para se juntar ao Estado Islâmico na Síria --outro foi detido na cidade de Wolfsburg.

O cenário de caça a suspeitos nos vizinhos fez o Reino Unido entrar em alerta máximo contra possíveis ataques em seu território.

Policiais foram destacados, por exemplo, para proteger áreas judaicas tidas como sensíveis.

Em Paris, um alerta de bomba chegou a esvaziar a estação de trem Gare de l'Est, mas nada foi encontrado.

TEXTO 18

Islâmicos celebram extremistas em protestos contra caricaturas DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Milhares de pessoas protestaram nesta sexta-feira (16) em diversos países de maioria islâmica contra a publicação de uma caricatura de Maomé na última edição do jornal "Charlie Hebdo".

A ilustração do profeta foi divulgada na capa do semanário francês, alvo do ataque feito pelos radicais islâmicos Said e Chérif Kouachi no dia 7, que deixou 12 mortos.

Os irmãos franceses foram homenageados por manifestantes no Paquistão e na Turquia, que levaram cartazes "Nós somos Kouachi". A expressão é uma paráfrase do lema dos atos contra o ataque, o "Je Suis Charlie" ("Eu Sou Charlie", em francês).

Porém, a maioria levava cartazes escritos "Eu sou Maomé". No Paquistão, milhares de pessoas protestaram nos consulados da França em Karachi e Islamabad.

Alguns dos manifestantes queimaram bandeiras francesas. Pelo menos três pessoas foram feridas por disparos de munição letal. Dentre eles, está um fotógrafo da agência AFP e um câmera do canal local Capital TV.

Os atos ocorrem após o Parlamento paquistanês afirmar que as caricaturas são "tentativas de incitar a violência", no tom adotado por diversos países de maioria islâmica.

Na Argélia, país de onde vieram os pais dos irmãos Kouachi, a condenação aos desenhos foi repetida nos sermões desta sexta nas mesquitas, por ordem do Ministério de Assuntos Religiosos.

Após a celebração do dia sagrado dos muçulmanos, milhares de pessoas foram às ruas de Argel, onde também houve confronto com a polícia. Dezenas de pessoas foram presas, incluindo dois líderes radicais islâmicos.

"Esta é minha religião. Estou com meu profeta e eles o criticaram", disse o motorista Mohammed Rechache, que foi ao ato na capital argelina.

IGREJAS

A revolta contra as caricaturas de Maomé no Níger, ex-colônia francesa no noroeste da África, teve também como alvo o cristianismo. Pelo menos dez igrejas foram incendiadas pelos muçulmanos em Zinder, no leste do país.

Os cerca de 4.000 participantes ainda queimaram a sede do partido do presidente Mahamadou Issoufou, que participou do ato contra o ataque em Paris, no domingo (11), além do instituto francês.

Ao menos quatro pessoas morreram e 45 foram presas.

Os protestos também ocorreram em mais seis países --Senegal, Mauritânia, Iêmen, Índia, Jordânia, Líbano--, além de Jerusalém Oriental, onde milhares de palestinos se reuniram após a oração na mesquita de Al-Aqsa.

A nova caricatura de Maomé do "Charlie Hebdo" foi condenada por diversas lideranças islâmicas, moderadas como a instituição de Al-Azhar, no Egito, e radicais, como o Estado Islâmico.

TEXTO 19

'Não há liberdade na França', diz humorista

LEANDRO COLON

ENVIADO ESPECIAL A PARIS

Na noite de quinta-feira (15), após dar autógrafos em um pequeno bar-teatro que dirige em Paris, o polêmico comediante francês Dieudonné M'Bala M'Bala, 48, disse à Folha: "Não há liberdade de expressão na França".

Cercado por seguranças e assessores e irritado com a presença da reportagem, foi lacônico com o pedido de entrevista: "Não posso, converse ali com meu advogado".

A tensão não era à toa. No dia anterior, Dieudonné fora detido pelas autoridades francesas para depor sobre a frase que publicou no Facebook: "Eu me sinto Charlie Coulibaly".

O comentário pegou carona na frase "Eu sou Charlie", que virou símbolo do ataque terrorista que deixou 12 mortos na sede do semanário "Charlie Hebdo" no dia 7.

O comediante a vinculou ao atirador Amedy Coulibaly, responsável pela morte de outras quatro pessoas em um mercado judaico no dia 9.

Por causa da frase, Dieudonné vai responder na Justiça por apologia ao terrorismo, em mais uma das ações (oito delas com condenações) que tem sofrido nos últimos anos por causa de acusações de antissemitismo e incitação ao ódio, entre outras.

"As pessoas que falam isso nunca viram um show dele", disse à reportagem seu advogado, Sanjay Mirabeau.

A frase publicada na internet seria uma ironia ao discurso de defesa de liberdade de expressão propalado pelo governo francês, com quem o comediante trava uma disputa pública --o primeiro-ministro, Manuel Valls, quer banir suas apresentações.

Segundo o advogado, Dieudonné falou, em depoimento na quarta (14): "Estou aqui para explicar duas palavras [Charlie Coulibaly]. O governo me trata como terrorista, mas meu trabalho é como o do 'Charlie'".

Dieudonné foi informado por casas de espetáculo que suas apresentações marcadas para sexta (16) e sábado (17) haviam sido canceladas -- uma rotina em sua carreira.

Nas fotos tiradas com ele na quinta, os fãs repetiam um gesto polêmico popularizado pelo comediante: o "quenelle", que é esticar o braço no ombro oposto e com a mão aberta -- para críticos, é uma alusão a saudações nazistas.

A mídia e as autoridades francesas têm frisado a diferença legal -- e de liberdade de expressão-- entre a atitude do comediante e a atuação do "Charlie Hebdo", com suas charges do profeta do islamismo, Maomé.

A legislação francesa não considera crime a blasfêmia, a sátira de religião, uma das características do "Charlie" -- mas quem se sente ofendido tem o direito de processá-lo e buscar reparação judicial. Entre 1992 e 2014, foram cerca de 50 processos, segundo o "Le Monde" -- em 19% deles, o jornal foi derrotado.

Por outro lado, argumentam as autoridades, a lei francesa tipifica como crime a negação de crimes contra a humanidade, entre eles o Holocausto, a apologia ao terrorismo, a difamação e o incitamento ao ódio racial.

Seria justamente o que Dieudonné estaria fazendo e o motivo pelo qual tem sido condenado em ações na Justiça local, alegam.

Em sua carreira, o comediante disse que o Holocausto é uma "memória pornográfica", declarou-se antissionista e satirizou judeus e israelenses em suas peças -- já ironizou, inclusive, as câmaras de gás usadas para matá-los na Segunda Guerra Mundial.

Em 2008, causou polêmica ao levar a seu show o acadêmico Robert Faurisson, que nega o Holocausto. Na visita, o convidado foi recebido por um assistente de palco que usava roupa de prisioneiro de campo de concentração.

Filho de uma francesa com um imigrante camaronês, Dieudonné cresceu em família católica. Ironicamente, começou a carreira em parceria com o judeu Élie Sémoun, com quem rompeu depois.

Diante das acusações, o comediante francês nega preconceito contra judeus e acusa a comunidade judaica, junto com as autoridades e mídia da França, de persegui-lo. "Podemos rir de tudo, menos dos judeus", afirmou.

Além de ator e comediante, Dieudonné já tentou, sem sucesso, uma cadeira na Assembleia Nacional e no Parlamento Europeu. Apesar de atuar separado do partido de extrema direita Frente Nacional, é próximo do seu fundador, Jean-Marie Le Pen, padrinho de um dos seus filhos.

TEXTO 20

Cameron e Obama decidem vigiar a internet

GIULIANA VALLONE
DE NOVA YORK
17/01/2015

Em meio às tensões geradas pelos ataques na França e operações para conter novas ameaças na Bélgica, o presidente dos EUA, Barack Obama, se encontrou com o primeiro-ministro britânico, David Cameron, nesta sexta-feira (16), em Washington.

Juntos, prometeram combater a “ideologia venenosa” dos extremistas islâmicos e defenderam o monitoramento de suspeitos na internet, apesar das preocupações com a privacidade.

“Esse fenômeno do extremismo violento – a ideologia, a rede, a capacidade de recrutar jovens - está amplamente espalhado. Ele penetrou as comunidades ao redor do mundo”, disse Obama.

“Com nossos aliados, vamos confrontar essa ideologia fanática onde quer que ela apareça”, disse Cameron.

Em entrevista coletiva, eles afirmaram que chegaram a um acordo para conter ameaças cibernéticas ao melhorar as habilidades tecnológicas nos dois países, além de elevar o compartilhamento de informações de inteligência.

Os dois líderes ainda desaconselharam o Congresso americano a aprovar novas sanções contra o Irã. Obama, firmou, inclusive, que vetaria qualquer tentativa de projeto bipartidário sobre o assunto. O Congresso precisa demonstrar “paciência” enquanto as negociações sobre o programa nuclear de Teerã continuam pelos próximos meses, disse o presidente.

“Por que tomaríamos medidas que podem prejudicar a possibilidade de um acordo pelos próximos 69 ou 90 dias?”, questionou Obama.

Anexo 04: material coletado do dia 23 de março de 2015

TEXTO 21

A arte tem obrigação de provocar o islã, diz autor de desenho de Maomé

JULIANA GRAGNANI
DE ENVIADA ESPECIAL A ESTOCOLMO
23/03/2015

Para o artista plástico sueco Lars Vilks, autor de uma das maiores controvérsias recentes no mundo da arte, a provocação está em falta.

Ele diz já ter feito sua parte. Vilks, 68, é autor do desenho de 2007 em que o profeta do islã, Maomé, aparece retratado no corpo de um cachorro.

Antes dessa obra, Vilks não era conhecido fora da Suécia. No país, era relacionado a duas gigantes esculturas de madeira em forma de torre que erguera numa reserva ambiental em 1980. A crítica ignorava sua obra.

O desenho fez seu nome ficar conhecido – e ele acabou na lista de procurados da Al Qaeda. Desde 2007, Vilks recebeu ameaças de morte, foi agredido durante uma palestra em 2010 e foi o provável alvo do ataque que aconteceu mês passado em um café em Copenhague, na Dinamarca, onde participava de um debate sobre liberdade de expressão. Duas pessoas morreram.

O tiroteio ocorreu um mês após o atentado em Paris ao semanário "Charlie Hebdo".

Escondido e sob proteção policial, ele falou à Folha, por telefone – não pode receber jornalistas para não revelar onde está –, sobre detalhes do ataque, a crescente islamofobia na Europa e seus motivos para fazer uma obra controversa envolvendo Maomé.

Antes da entrevista, o artista agradeceu "a companhia numa noite solitária".

Folha - O sr. foi o alvo do ataque em Copenhague?

Lars Vilks - Acho provável. Estou na lista da Al Qaeda. Sou um alvo natural.

O que aconteceu naquele dia?

Fomos pegos de surpresa. Uma palestrante do [grupo feminista] Femen estava falando quando ouvimos "bang, bang", repetidamente. Meu guarda-costas me protegeu e me empurrou para o chão. Fui levado para a parte de trás do café. Tudo começou e terminou rapidamente.

Onde o sr. está agora?

Escondido em algum lugar da Suécia. Minhas cortinas estão fechadas, não posso olhar pela janela para não ser visto. Depois do ataque, a polícia me tirou de casa [em Hoeganaes, no sul da Suécia].

Agora tenho um aparato de segurança para me proteger. Tive que me adaptar –tenho um estúdio, que é só uma mesa, onde pinto e desenho. Não tenho filhos, vivo só. Saio de vez em quando, acompanhado. Hoje caminhei 6 km ao ar livre e fui ao mercado. Amanhã não sairei.

O sr. se arrepende de ter feito o desenho em que retrata Maomé como um cachorro?

Um artista trabalha com provocação. Não fiz nada de errado. O que eu fiz faz parte de uma discussão importante. Não me arrependo.

Para que fazer esse desenho?

Não fiz isso para o público em geral, fiz como uma crítica ao mundo da arte. Na Suécia, enquanto estive só numa galeria, todos entenderam. Mas, quando saiu na imprensa –alguns jornais suecos publicaram o desenho–, vários muçulmanos ficaram bravos.

O sr. preferiria que o desenho não tivesse sido publicado?

Não. Não podemos nos rebaixar ao nível de quem se recusa a entender o contexto.

Mas o sr. quis provocar o mundo da arte ou o islã?

Ambos. O problema do islã é a mistura de política com religião. Eles não deveriam receber tratamento especial, serem vistos como um tabu. A arte tem a obrigação de provocar o islã.

Faltam artistas provocativos?

Sim. Na Bienal de São Paulo de 2010, por exemplo, houve reclamações contra uma obra que envolvia urubus ["Bandeira Branca", do artista Nuno Ramos]. Proibiram os animais na obra. Se alguém faz algo diferente, essa pessoa é censurada. Não há provocação, todos são bem-vindos, e o público tem de estar satisfeito, feliz. O elemento provocativo sumiu.

E as outras religiões?

Elas não são tão ligadas à política como o islã. A religião deve ser um negócio privado, mas o islã não é.

A Igreja Católica não é ligada à política?

É. Mas ela não diz: "Faça como mandamos, senão te matamos". De todo modo, você pode criticar a Igreja Católica, a política americana, Israel. Mas essas não são provocações, porque são críticas esperadas, politicamente corretas. Estão no espectro dos temas tratados pela arte. Um espectro que é, tradicionalmente, esquerdista.

O que foge desse espectro, além do islã?

Criticar a imigração, os negros... Isso é ir contra o politicamente correto.

Há limites para essas provocações? O "Charlie Hebdo" ultrapassou limites do humor?

Não. Se começarmos a negociar com a violência, perdemos a ideia básica da democracia. O "Charlie Hebdo" atacava também o partido direitista na França. Não se pode dizer que o islã era o alvo preferencial.

Os fatos recentes estimulam a islamofobia na Europa?

A islamofobia tornou-se real porque há motivos verdadeiros para ficar com medo. As pessoas atiram em outras. Não dá para não ter medo.

Que tipo de trabalho faz agora?

Desde 2010 faço releituras de obras-primas, sempre com o cachorro com a cabeça de Maomé em algum canto.

Não está explorando essa imagem em benefício próprio?

O cachorro virou minha marca. Não tenho como me desvencilhar dela.

TEXTO 22

'Minorias já são provocadas todos os dias', diz líder de associação islâmica

JULIANA GRAGNANI

ENVIADA ESPECIAL A ESTOCOLMO

23/03/2015

"A Suécia sempre foi o perfeito exemplo de sociedade tolerante", diz o cientista político Mohammed Kharraki, 30, representante da Associação Islâmica da Suécia. "Mas isso é um mito", completa, em frente à principal mesquita de Estocolmo, que foi pichada com suásticas em 2014.

Kharraki é sueco, filho de marroquinos que emigraram para o país nos anos 1980. A Associação Islâmica estima que haja cerca de 450 mil muçulmanos na Suécia, ou 5% da população do país, que é de 9,5 milhões de pessoas.

Em 2007, quando jornais publicaram o desenho do artista sueco Lars Vilks, em que retratava Maomé no corpo de um cão, Kharraki era presidente da associação de jovens islâmicos do país. Foi convidado para debater com Vilks em um programa de TV.

"Não comprava na época, e ainda não compro, a versão dele de que defende a liberdade de expressão", diz. "Estou cansado. Por que testar essa liberdade sempre com os muçulmanos?", questiona.

"Quando ele diz querer provocar minorias, ele não entende que as minorias já são provocadas todos os dias", diz, citando a dificuldade enfrentada por muçulmanos para conseguir empregos, o isolamento da comunidade em subúrbios e o preconceito contra mulheres de lenços.

O professor de religião comparada Mattias Gardell, da Universidade de Uppsala, lembra que a provocação feita por Vilks é antiga: segundo ele, cristãos retratam Maomé como um cachorro desde o século 8.

Para Gardell, os desenhos fazem parte de uma estratégia elaborada pelo artista para atingir a fama.

"Seu trabalho nunca havia chamado a atenção antes", diz. "Ele identificou um ponto controverso, evidenciado antes com a publicação de charges satíricas na Dinamarca, e elaborou o plano perfeito, em que os muçulmanos ficariam enfurecidos, o Ocidente iria adorá-lo e ele teria sua segurança garantida pela polícia."